



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS – MEL

SIMÉIA DANIELE SILVA DO CARMO

**A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL COM A PRIMEIRA
PESSOA DO PLURAL EM COMUNIDADES RURAIS DO SEMIÁRIDO
BAIANO**

SIMÉIA DANIELE SILVA DO CARMO

**A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL COM A PRIMEIRA
PESSOA DO PLURAL EM COMUNIDADES RURAIS DO SEMIÁRIDO
BAIANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araújo

Feira de Santana-Ba
2016

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

Carmo, Siméia Daniele Silva do

C285v A variação na concordância verbal com a primeira pessoa do plural em comunidades rurais do semiárido baiano/Siméia Daniele Silva do Carmo. – Feira de Santana, 2016.

163f. : il.

Orientadora: Silvana Silva de Farias Araújo.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2016.

1. Sociolinguística. 2. Linguística – Variação. 3. Língua portuguesa – Fala – Semiárido, BA. I. Araújo, Silvana Silva de Farias, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 801(814.22)

SIMÉIA DANIELE SILVA DO CARMO

**A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL COM A PRIMEIRA
PESSOA DO PLURAL EM COMUNIDADES RURAIS DO SEMIÁRIDO
BAIANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Profa. Doutora Silvana Silva de Farias Araújo

Orientadora (UEFS)

Profa. Doutora Jacyra Andrade Mota (UFBA)

Avaliadora Externa

Profa. Doutora Norma Lúcia Fernandes de Almeida (UEFS)

Avaliadora Interna

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, pela presença constante em todas as etapas e por me permitir chegar até aqui;

A Meu esposo Jean Reis, meu amor companheiro, pela paciência e renúncia em razão dos meus objetivos;

Aos meus pais Daniel e Jeovania do Carmo, pelo apoio incondicional. Em especial minha mestra mãe, meu espelho acadêmico e profissional;

Aos meus irmãos Márcio e Joan, pela preocupação e pelas ligações;

Às famílias Carmo, Sena e Reis pelo incentivo;

Aos professores que fizeram parte da minha história de vida;

Aos irmãos e amigos da IEAB pelas orações intercessoras nos momentos precisos;

À Profa. Silvana Silva de Farias Araujo, orientadora dedicada, competente e sempre presente. Verdadeira mestra que soube dividir seu conhecimento para multiplicar a minha capacidade de aprendizado e o seu tempo nas diversas correções. Não há como mensurar na palavra “obrigada” por tudo o que significou tê-la como mentora. Espero que *a gente* possa realizar outros trabalhos juntas e que, com eles, *nós* tragamos à tona muitas contribuições para o estudo do Português Brasileiro e evidências da língua falada no semiárido baiano.

À UEFS, por meio do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, pela excelência de seu trabalho.

Aos competentes e atenciosos avaliadores deste trabalho em suas etapas pré-defesa e defesa, pelas considerações preciosas, em especial à Profa. Dra. Silvia Vieira Rodrigues; Profa. Dra Norma Lucia Fernandes de Almeida, Profa. Dra. Jacyra Andrade Mota.

À CAPES, pelo incentivo à pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação teve como objetivo central realizar um mapeamento da ocorrência ou não da marcação de plural na primeira pessoa dos verbos existentes na língua falada no Semiárido Baiano através de uma análise sociolinguística, verificando quais fatores linguísticos e socioculturais contribuem ou não para essa variação. Buscou-se investigar a hipótese de existem padrões de variação e diferenças quantitativas entre as comunidades estudadas, por conta: i) da formação étnica; ii) do isolamento da comunidade e iii) da distância espaço geográfico da capital, centro de urbanização. Para isso, tomou-se como tópico de pesquisa a concordância verbal com a primeira pessoa do plural (P4) em comunidades rurais do semiárido baiano, tópico este já investigado por estudiosos como Silva (2003) e Lucchesi, Baxter e Silva (2009), que centraram apenas em comunidades rurais marcadas etnicamente, Nina (1980), Almeida (2006), Araujo (2012), além da análise descritiva empreendida por dialetólogos do início do século XX e de Veado (1982), entre outros. Observando que os estudos realizados com a temática da concordância verbal com P4 tomam, na maioria das vezes, como amostra o português brasileiro urbano ou apenas o estudo da alternância pronominal (*nós/a gente*), acredita-se que esta pesquisa torna-se relevante por ser um trabalho, de certa forma, inédito, visto que investiga a fala rural e busca ver, especificamente, como a concordância verbal se realiza com a primeira pessoa do plural nessa variedade. Traçou-se um estudo comparativo entre os falares das regiões baianas: Rio de Contas e Jeremoabo que segundo a sócio-história são formadas por negros (a comunidade de Barra/Bananal) e brancos (a comunidade de Mato Grosso), comunidades situadas do município de Rio de Contas; remanescentes de índios na comunidade de Tapera, remanescentes de quilombolas na comunidade Casinhas; mestiços e brancos na comunidade Lagoa do Inácio, comunidades essas situadas no município de Jeremoabo. Concluiu-se que a caracterização do português popular do país está pautada na influência sócio-histórica de cada comunidade escolhida. Deste modo, é possível afirmar que a concordância verbal é um fenômeno variável na região semiárida baiana que tem ganhado tendência ao uso da marcação de plural nas formas verbais. Desse modo, utilizando-se o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista constatou-se que o contato de etnias, tal como o isolamento de algumas delas, implicou em diferenças linguísticas, de modo que não se pode desconsiderar que formação do português popular brasileiro tem suas raízes fincadas na variedade rural.

Palavras-chave: Concordância Verbal; Primeira Pessoa do Plural, P4; Português Rural; Semiárido Baiano; Sociolinguística Variacionista.

ABSTRACT

This dissertation is mainly aimed to do a mapping or not of occurrence of plural reading in the first person of existing verbs in spoken language in the Baiano semi-arid region through a sociolinguistic analysis, checking which linguistic and sociocultural factors that contribute or not to this variation. We sought to investigate the hypothesis that there are patterns of variation and quantitative differences among the communities studied, due to: i) the ethnic background; ii) the community isolation and iii) the distance geographic area of the capital city, urbanization center. For this, it was taken as a research topic verbal agreement with the first person plural (P4) in rural communities of the Baiano semi-arid region, this topic has already been investigated by scholars as Silva (2003) and Lucchesi, Baxter and Silva (2009) which focused only in rural communities marked ethnically, Nina (1980), Almeida (2006), Araujo (2012), in addition to the descriptive analysis undertaken by dialectology scholars of the early twentieth century and by Veado (1982). Perceiving that the studies with the theme of the verbal agreement with P4 take, in most cases, as an example urban Brazilian Portuguese and also the study of pronominal switching (we / us), it is believed that this research becomes relevant because it is a work, in a way, unprecedented, once investigates rural speech and search to see specifically how the verb agreement is made with the first person plural in this variety. It drew up a comparative study between the dialects of the Baiano regions: Rio de Contas and Jeremoabo which according to social history are formed by black people (Barra / Bananal community) and white people (Mato Grosso community), located in the municipality communities of Rio de Contas; remaining Indians in Tapera community, Quilombo remnants in Casinhas community; mestizos and whites people in Lagoa do Inácio community, such communities are located in the municipality of Jeremoabo. In conclusion, the characterization of popular Portuguese of the country is marked by the socio-historical influence of each chosen community. Therefore, it can state that the verbal agreement is a variable phenomenon in the Baiano semi-arid region that it has gained trend towards the use of CV. Thus, it is used the theoretical - methodological model of Variationist Sociolinguistics it was found that the contact of ethnic groups, such as the isolation of some of them, resulted in linguistic differences, so that it can't be ignored that formation of the popular Brazilian Portuguese language has its roots planted in the rural variety.

Keywords: Verbal Agreement; First Person Plural, P4; Rural Portuguese language; Baiano Semi-arid Region; Variationist Sociolinguistics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	Mapas da zona fisiográfica da região de Jeremoabo-Ba e seus limites.....	83
FIGURA 2	Mapa geográfico da região de Rio de Contas-Ba.....	86

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Distribuição geral dos resultados acerca da concordância de número com sujeitos de primeira pessoa do plural (com sujeito <i>nós</i> expresso).....	117
GRÁFICO 2	Distribuição geral dos resultados acerca da concordância verbal em P4 em comunidades rurais do semiárido baiano.....	134
GRÁFICO 3	Distribuição geral em peso relativo da variável faixa etária de acordo presença da desinência número pessoal em P4 em comunidades rurais do semiárido baiano.....	142
GRÁFICO 4	Distribuição geral dos resultados segundo faixa etária (em ordem direta) quanto ao uso do verbo flexionado em P4.....	142

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Ordem de seleção dos grupos de fatores considerados para o fenômeno de alternância pronominal de primeira pessoa do plural no Português Europeu e no Português Brasileiro do Interior Paulista.....	57
QUADRO 2	Critérios sociais utilizados na observação dos informantes.....	82
QUADRO 3	Sinopse do senso demográfico de 2010 da cidade de Jeremoabo-Ba.....	83
QUADRO 4	Sinopse do senso demográfico de 2010 da cidade de Rio de Contas-Ba....	86
QUADRO 5	Variável Realização e posição do pronome sujeito.....	96
QUADRO 6	Hierarquia de saliência fônica.....	97
QUADRO 7	Variável nível de referencialidade.....	98
QUADRO 8	Variável composição do sujeito.....	100
QUADRO 9	Variável tipo de discurso.....	102
QUADRO 10	Variável tempo verbal.....	103
QUADRO 11	Variável faixa etária.....	105
QUADRO 12	Variável escolaridade.....	106
QUADRO 13	Sinopse do quadro de informantes referente à escolaridade.....	107
QUADRO 14	Concordância verbal com a primeira pessoa do plural em comunidades do semiárido baiano: resultados para as variáveis não selecionadas pelo programa GOLDVARB X (2005).....	140
QUADRO 15	Variáveis selecionadas pelo programa GOLDVARB X como estatisticamente significativa para análise do fenômeno: a concordância verbal com a primeira pessoa do plural em comunidades do semiárido baiano.....	148

TABELAS

TABELA 1	Resultado geral do uso da forma <i>a gente</i> e seu uso estigmatizado (V+mos) e padrão (V-mos) segundo a variável comunidade do semiárido baiano.....	42
TABELA 2	Resultado geral comparativo do uso de <i>Nós</i> e <i>a gente</i> no português popular do semiárido baiano.....	42
TABELA 3	Evolução dos paradigmas flexionais do português conforme Duarte (1993, apud Duarte 1995).....	47
TABELA 4	Frequência e probabilidade de não-concordância de acordo com a presença/ausência do sujeito pronominal em P6 segundo Rodrigues (2004)..	51
TABELA 5	Frequência e probabilidade de não concordância verbal de P4 segundo sexo dos informantes RODRIGUES (2004).....	52
TABELA 6	A concordância verbal com a primeira pessoa do plural no português afro-brasileiro segundo a variável <i>realização e posição do pronome sujeito</i>	64
TABELA 7	Resultado geral do uso das formas <i>nós</i> x <i>a gente</i> no português popular do semiárido baiano.....	94
TABELA 8	Distribuição geral dos resultados acerca da concordância de número com sujeitos de primeira pessoa do plural (<i>nós</i> ou <i>nós</i> elíptico).....	112
TABELA 9	Frequência de uso dos alomorfes verbais de primeira pessoa do plural do português do semiárido baiano.....	113
TABELA 10	A aplicação da regra de Concordância verbal em números percentuais e peso relativo segundo a variável <i>Realização e posição do Pronome Sujeito</i>	114
TABELA 11	Distribuição geral dos resultados acerca da concordância de número com sujeitos de primeira pessoa do plural (<i>nós</i>).....	117
TABELA 12	Distribuição geral dos resultados das variantes referentes à concordância verbal com P6 pelos subtipos da norma popular feirense.....	118
TABELA 13	Frequência de uso dos alomorfes verbais de primeira pessoa do plural do português do semiárido baiano.....	118
TABELA 14	Resultado das variáveis selecionadas quanto ao uso dos alomorfes verbais (sem os casos de sujeito não expresso) de primeira pessoa do plural do português do semiárido baiano.....	119
TABELA 15	Resultado das variáveis selecionadas quanto ao uso dos alomorfes verbais (sem os casos de sujeito não expresso e sujeito posposto) de primeira pessoa do plural do português do semiárido baiano.....	120
TABELA 16	Presença de desinência verbal em 1PP em números percentuais e peso relativo segundo a variável <i>Saliência Fônica</i>	123
TABELA 17	Oposição dos níveis menos salientes e mais salientes na regra de CV com P4.....	126
TABELA 18	Cruzamento das variáveis <i>tempo verbal</i> e <i>saliência fônica</i> seus níveis	

	menos e mais salientes (amalgamados) em relação à presença de desinência número pessoal em P4: números e percentuais.....	127
TABELA 19	Cruzamento das variáveis <i>tempo verbal</i> e <i>saliência fônica</i> em relação à presença de desinência número pessoal em P4: números e percentuais.....	127
TABELA 20	Peso relativo e frequência da variável <i>composição do sujeito</i> que apresentaram verbos com morfema de plural em P4.....	128
TABELA 21	A relação entre a variável <i>tempo verbal</i> e a presença da desinência <i>-mos</i> em comunidades rurais do semiárido baiano.....	131
TABELA 22	Efeitos do tempo verbal do modo indicativo no uso de <i>nós-com-concordância</i> vs. <i>nós-sem-concordância</i> : dados da Baixada Cuiabana e Vitória (SCHERRE ET AL, 2015).....	132
TABELA 23	Distribuição dos resultados acerca da concordância de número de acordo com a comunidade rural analisada.....	133
TABELA 24	Resultado referente ao peso relativo das comunidades rurais do semiárido baiano que apresentaram forma verbal em concordância na P4.....	135
TABELA 25	Cruzamento entre as variáveis sociais <i>comunidade</i> e <i>escolaridade</i> : frequências e percentuais do uso de CV em P4.....	136
TABELA 26	Distribuição geral do resultado de acordo presença de desinência <i>-mos</i> nos verbos segundo variável comunidade.....	137
TABELA 27	Variável comum selecionada pelo programa GOLDVARB X nas comunidades do município de Jeremoabo.....	138
TABELA 28	Cruzamento entre as variáveis <i>tipo de organização textual</i> e <i>tempo verbal</i> segundo aplicação da regra de CV com primeira pessoa do plural.....	141
TABELA 29	Distribuição da frequência da variável <i>faixa etária</i> de acordo presença e ausência da desinência número-pessoal em P4 nas comunidades rurais do semiárido baiano.....	141
TABELA 30	Distribuição da frequência da variável faixa etária de acordo presença e ausência da regra padrão com a forma pronominal <i>a gente</i> nas comunidades rurais do semiárido baiano.....	143
TABELA 31	Cruzamento entre variáveis sociais <i>comunidade</i> e <i>faixa etária</i> : frequências e percentuais do uso de CV em P4.....	144
TABELA 32	Cruzamento das variáveis sociais <i>comunidade</i> e <i>sexo</i> : frequências e percentuais do uso de CV em P4.....	144
TABELA 33	Cruzamento das variáveis sociais <i>sexo</i> e <i>escolaridade</i> : frequências e percentuais do uso de CV em P4.....	145
TABELA 34	Cruzamento das variáveis sociais <i>sexo</i> e <i>faixa etária</i> : frequências e percentuais do uso de CV em P4.....	146
TABELA 35	Cruzamento das variáveis sociais <i>escolaridade</i> e <i>faixa etária</i> : frequências e percentuais do uso de CV em P4.....	146

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AGENHHA	Assessoria e Gestão em Estudos da Natureza, Desenvolvimento Humano e Agro ecologia
BR	Brasil- rodovia de responsabilidade do governo federal
CAPES	Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do nível superior
CIRC	Circundante
CNPq	Conselho Nacional de Pesquisa
CV	Concordância Verbal
DID	Diálogo entre informante e documentador
FAPESB	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia
Freq.	Frequências
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC	Iniciação Científica
Km	Quilometro
Nº	Número
NECTAS	Núcleo de Estudos em Comunidades e Povos Tradicionais
NELP	Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa
Oc.	Ocorrências
ONG	Organização não governamental
P.R	Peso Relativo
P4	Quarto Pronome- <i>nós</i>
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
PPB	Português Popular Brasileiro
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UNEB	Universidade Estadual da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1 REVISÃO DA LITERATURA.....	21
1.1 PORTUGUÊS POPULAR.....	22
1.2 CONCEITOS SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBAL.....	24
1.2.1 Revisão de gramáticas.....	24
1.2.1.1 Tradição gramatical.....	24
1.2.1.2 Napoleão Mendes de Almeida (1999).....	27
1.2.1.3 Rocha Lima (2000).....	29
1.2.1.4 Evanildo Bechara (2004).....	29
1.2.1.5 Cunha e Cintra (2008)	29
1.2.2 Gramáticas descritivas.....	30
1.2.2.1 Mario A. Perini (1996).....	31
1.2.2.2 Maria Helena Moura Neves (2000).....	32
1.2.2.3 Marcos Bagno (2011).....	33
1.3 <i>NÓS</i> / (P4)/ PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL: MORFOLOGIA E ORIGEM DO PRONOME.....	34
1.3.1 Evolução do pronome do latim ao século XXI.....	36
1.3.2 A questão do “a gente” na perspectiva científica.....	37
1.3.2.1 O olhar científico na alternância pronominal do PB.....	39
1.3.2.2 O olhar científico na alternância pronominal do PB X PE.....	40
1.4 NOTÍCIA SOBRE O USO DA FORMA “A GENTE” NO SEMIÁRIDO BAIANO.....	41
1.5 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E OS ESTUDOS SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS DO BRASIL.....	43
1.5.1 Pesquisas científicas pioneiras CV com P4 e P6.....	49
1.5.1.1 Lemle e Naro (1977).....	49

1.5.1.2	Naro (1981).....	49
1.5.1.3	Guy (1981).....	49
1.5.1.4	Scherre e Naro (2007).....	50
1.5.2	P4: pesquisas científicas com variedade urbana popular.....	51
1.5.2.1	Rodrigues (1987).....	51
1.5.2.2	Zilles, Maya e Silva (2000).....	53
1.5.2.3	Araújo (2010)	55
1.5.3	P4: pesquisas científicas contrastivas PB X PE.....	56
1.5.3.1	Araújo (2012)	56
1.5.3.2	Rubio (2012)	56
1.6	CONCORDÂNCIA VERBAL E A FALA RURAL.....	58
1.6.1	P4: pesquisas científicas pioneiras com variedade rural.....	60
1.6.1.1	Nina (1980)	60
1.6.1.2	Veado (1982)	61
1.6.1.3	Machado Vieira (1997)	61
1.6.1.4	Almeida (2006).....	62
1.6.1.5	Lucchesi, Baxter e Silva (2009).....	63
1.6.1.6	Bortoni-Ricardo (2011).....	65
1.6.1.7	Scherre, Yacovenco, Naro (2015)	66
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE VARIAÇÃO E MUDANÇA.....	70
2.1	CAMINHAR HISTÓRICO DAS IDEIAS DOMINANTES QUANTO AO ESTUDO DA VARIAÇÃO E MUDANÇA.....	70
2.2	CONCEITOS FUNDAMENTAIS.....	74
2.2.1	Concepção de língua como sistema heterogêneo	74
2.2.2	Conceito de norma linguística.....	75
2.2.3	Variedade, variação, variável, variante.....	77
2.2.4	Significado social das formas variantes.....	77
2.2.5	Julgamentos sociais conscientes e inconscientes sobre a língua.....	78

3	METODOLOGIA: ESTUDO DAS COMUNIDADES DO SEMIÁRIDO BAIANO.....	80
3.1	A CONSTITUIÇÃO DAS AMOSTRAS.....	80
3.1.1	O material da pesquisa.....	81
3.2	CARACTERIZAÇÃO SOCIO-HISTÓRICA DAS COMUNIDADES.....	82
3.2.1	Município de Jeremoabo.....	82
3.2.1.1	Comunidade de Tapera.....	84
3.2.1.2	Comunidade de Lagoa do Inácio.....	85
3.2.1.3	Comunidade de Casinhas.....	85
3.3	Município de Rio de Contas.....	86
3.3.1	Comunidade de Mato Grosso.....	87
3.3.2	Comunidade de Barra/Bananal.....	88
3.4	AS ENTREVISTAS.....	90
3.4.1	A transcrição das entrevistas.....	92
3.5	A ANÁLISE VARIACIONISTA.....	93
3.5.1	A variável dependente.....	93
3.5.2	Variáveis linguísticas: descrição e hipóteses.....	94
3.5.2.1	Realização e posição do pronome sujeito.....	95
3.5.2.2	Saliência fônica.....	96
3.5.2.3	Nível de referencialidade.....	97
3.5.2.4	Composição do sujeito.....	99
3.5.2.5	Tipo de discurso.....	100
3.5.2.6	Modo de organização textual.....	102
3.5.2.7	Tempo verbal.....	103
3.5.3	Variáveis extralinguísticas: descrição e hipóteses.....	103
3.5.3.1	Sexo.....	104
3.5.3.2	Faixa etária.....	105
3.5.3.3	Escolaridade.....	106
3.5.3.4	Comunidade.....	108

3.6	O TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS.....	108
3.6.1	Etapas	109
3.7	DADOS EXCLUÍDOS.....	110
4	ANÁLISE DOS DADOS E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	112
4.1	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	112
4.2	AS VARIÁVEIS SELECIONADAS PARA A RODADA QUE OPÕE REGRA DE PLURAL.....	114
4.2.1	A variável linguística <i>realização e posição do pronome sujeito</i>	114
4.2.2	A variável linguística <i>saliência fônica</i>	121
4.2.3	A variável linguística <i>composição do sujeito</i>	128
4.2.4	A variável linguística <i>tempo verbal</i>	129
4.2.5	A variável extralinguística <i>comunidade</i>	133
4.3	AS VARIÁVEIS NÃO SELECIONADAS.....	139
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	153

INTRODUÇÃO

Foi por meio da iniciação à pesquisa científica que surgiu o interesse em trilhar pelos caminhos sociolinguísticos e das descobertas sobre a língua em uso. O estudo sobre Concordância Verbal foi inspirado por projetos já desenvolvidos pelas professoras integradas ao Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa (NELP) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Desde a primeira vivência como pesquisadora, os estudos nesta área da linguagem têm sido foco de reflexões e contribuições para um maior conhecimento da realidade sociolinguística brasileira/baiana a partir da análise da variação do fenômeno acima destacado.

Foi escolhido o tema da concordância verbal por ser um fenômeno variável que atrai muito a atenção para questões de cunho social. Nesse sentido, são poucos os estudos que tenham delimitado o tema da Concordância Verbal (CV) com a primeira pessoa do plural (P4) no português brasileiro rural, salvo o estudo de Silva (2003) e Lucchesi, Baxter e Silva (2009), que centraram apenas em comunidades rurais marcadas etnicamente, Nina (1980), Almeida (2006), Araujo (2012), além da análise descritiva empreendida por dialetólogos do início do século XX e de Veado (1982). Com isso, podemos perceber que a CV com P4 é um dos tópicos gramaticais que carece de pesquisas na região abordada neste estudo, ainda mais porque usos como *nós vai é* bem típico da fala rural. Assim, esta dissertação torna-se relevante por ser um trabalho, de certa forma, inédito, visto que investiga a fala rural e busca ver, especificamente, como a concordância verbal se realiza com a primeira pessoa do plural nessa variedade. Em outras palavras, observamos que os estudos realizados com a temática da concordância verbal com a P4 (apresentadas e sintetizadas no capítulo de revisão da literatura desta dissertação), via de regra, tomam como amostra o português brasileiro urbano, inexistindo pesquisas sistemáticas sobre esse tema em variedades rurais do português brasileiro (PB), decorrendo dessa constatação o desejo de realizar esta pesquisa no âmbito do mestrado.

Alguns estudos feitos com a concordância verbal em 3ª pessoa do plural (P6) mostraram que falantes cultos não usam a regra padrão categoricamente. Graciosa (1991), em sua pesquisa com dados da Norma Urbana Culta (NURC-RJ) e Araújo (2014), com dados da cidade de Feira de Santana-BA, ambas analisando a fala de informantes cultos, encontraram semelhança em seus resultados, frequência de 6%, na falta de concordância em formas verbais de P6. Assim, mesmo em pequena proporção, encontra-se na fala culta usos como “*chegou os livro-0*”; “*os menino-0 nasce*, seja em contextos poucos salientes no nível fônico, especialmente com verbos ergativos e inacusativos. Acredita-se que esses mesmos falantes que usam regra não

padrão de concordância com P6 não a usariam com P4, na medida em que usos como “*Nós foi*” e “*Nós fomo*” são casos muito marcados socialmente, podendo ser considerado exemplos de estereótipos sociolinguísticos (LABOV, 2008 [1972], p.210-212). O mesmo pode ser afirmado para a forma com o alomorfe de plural *-emo*, “*nós viemo*”, que é também muito marcado socialmente e bastante característico da fala rural.

Assim, nessa linha de raciocínio, damos ênfase ao fato de ser ausência com P4 um fenômeno muito característico do vernáculo popular brasileiro e, justamente, por essa razão essa temática é relevante e foi abordada neste estudo.

A propósito, é preciso fazer uma ressalva quanto à visão da sociedade em relação à língua. Por muitos anos, o mito de que existe uma única forma “certa” de falar e de que a escrita é o espelho da fala produziram uma prática de mutilação cultural (LUCCHESI, 2015 p. 13). Esse fato criou uma desvalorização na forma de falar do sujeito e uma complexidade no liame que une língua e sociedade. A escola, por sua vez, adotou como norma do bem falar e bem escrever a tradição gramatical, conjunto de regras imutáveis, únicas e categóricas, que banuiu da prática de ensino os usos reais apreendidos dos diversos contextos de uso da língua. Qualquer violação ou desvio do sistema representaria índice de ignorância e prejuízo na clareza da comunicação. De maneira oposta, as reflexões sobre os usos linguísticos, levando em consideração os contextos de fala, a historicidade de cada indivíduo, são trabalhadas em gramáticas descritivas, questionando o caráter inflexível das regras linguísticas.

No âmbito dessa questão, pode-se citar a grande polêmica acerca de um livro de Português distribuído pelo Ministério da Educação (MEC), por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), para o programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA), polêmica muito em voga no Brasil, no mês de maio de 2011. O debate foi motivado por uma passagem do livro que dizia que o aluno poderia falar *os livro*, sem aplicar a regra de concordância nominal, como é comum na fala popular brasileira; mas que ele deveria ficar atento à situação. A frase *nós pega o peixe*, também referida no livro, sofreu grandes críticas, dentre elas a de que o MEC estava fazendo apologia à ignorância popular e renegando o uso culto da língua. Como afirma Lucchesi (2015, p. 11), “este foi um raro momento em que a realidade da língua ocupou o centro do debate nacional de forma diferente da que costuma ser vista nos meios de comunicação de massa”. Tal polêmica refletiu a visão hegemônica da sociedade e o consenso da necessidade de ensinar a língua culta para todos aqueles que desejam falar e escrever bem. O livro *Por uma vida melhor* foi alvo de negativos posicionamentos simplesmente por apresentar exemplos da língua popular e propor à sociedade uma introdução e reflexão acerca da diversidade linguística.

Foi com base nessas e em outras questões que decidiu-se investigar o uso variável da concordância verbal com a primeira pessoa do plural. A investigação tem como base os padrões de variação na fala rural, que se caracteriza por apresentar frequências acentuadas de ausência de concordância verbal. Como já exposto, portanto, esse estudo tem seu valor por contribuir com os estudos sociolinguísticos no país, tomando como foco a variação com a concordância verbal com P4, assunto pouco estudado tanto nas comunidades do semiárido baiano, em especial a região rural, quanto no Brasil.

Esta pesquisa, além de ter como foco a sistematização do uso variável da concordância verbal com P4, enfatiza também a formação do português do Brasil, partindo da premissa de que o contato entre línguas, a polarização sociolinguística do Brasil (LUCCHESI, 1994, 2001) constituem e definem o português brasileiro atual. O complexo cenário linguístico do período da colonização e exploração das terras e riquezas brasileiras gerou uma heterogeneidade que nos trouxe significativas consequências linguísticas. Assim, trabalharemos com a hipótese de que existe a ausência ou a variação no uso de morfologia flexional na amostra investigada e de que haverá padrões de variação e diferenças quantitativas entre as comunidades que serão estudadas, por conta: i) da formação étnica; ii) do isolamento da comunidade e iii) da distância espaço geográfico da capital, centro de urbanização.

Com este estudo objetiva-se: a) mapear a ocorrência ou não da marcação de plural na primeira pessoa dos verbos existentes nos *corpora orais*, extraídos da Coleção Amostras da Língua Falada no Semiárido Baiano (ALMEIDA e CARNEIRO, 2008), da zona rural dos municípios de Rio de Contas (BA) e Jeremoabo (BA); b) dar um panorama geral da regra variável *nós / a gente* com e sem marca de morfema de P4 para refletir sobre o que é mais produzido como um todo; c) analisar as variações que se referem à concordância verbal com a primeira pessoa do plural, verificando quais fatores linguísticos e socioculturais contribuem ou não para variação; d) fazer um estudo comparativo entre os falares das regiões baianas: Rio de Contas e Jeremoabo; e) verificar se a situação linguística indica mudança em curso ou variação estável e f) contribuir para a continuidade dos trabalhos que vêm sendo desenvolvido pelo NELP, bem como para o entendimento sobre os padrões de concordância verbal no português brasileiro.

Assim, num contexto de diversidade que caracteriza a história sociolinguística do Brasil, esta pesquisa certamente fornecerá resultados que vão contribuir para a caracterização do português popular do país. Nesse âmbito, através desta pesquisa, contribuiremos para com este campo de estudo fazendo uso de dados da variedade popular. As investigações e resultados ampliarão nossa visão no que se refere à variação e suas relações com fatores sociais e

linguísticos, especificamente na região do Semiárido Baiano. Optamos por trabalhar apenas com dados do português popular, por acreditarmos que essa variedade linguística deve trazer, mais fortemente, resquícios do contato entre línguas e culturas diversas, tão marcante na sócio-história brasileira. As comunidades rurais onde foram coletados os dados para esta pesquisa, localizadas, como já exposto acima, em dois municípios baianos, são Barra/ Bananal e Mato Grosso (Rio de Contas) e Tapera, Lagoa do Inácio e Casinhas (Jeremoabo). Tais comunidades foram escolhidas a fim de investigar se há padrões diferenciados de uso a depender da sócio-história diferenciada de cada comunidade.

No capítulo 1, apresenta-se a revisão da literatura, iniciando as reflexões com base nas discussões a respeito da formação do PB. Em seguida, são destacados os princípios gerais que delineiam a concordância verbal.

As seções integradas nesse capítulo têm como partida conceitos encontrados na tradição gramatical, com gramáticos que preservam e indicam o uso “correto” e aceitável tradicionalmente, eleito como paradigma as regras normativas do falar e do escrever (Mendes de Almeida, 1999; Rocha Lima, 2000 [1957]; Bechara, 2004). A partir da constatação de que a gramática normativa não era capaz de dar conta do uso real da língua por seus falantes, surgiram outras concepções e, conseqüentemente, outras acepções de gramáticas. A gramática descritiva propõe-se a descrever e/ou explicar as regras da língua falada. Esta dissertação buscou sintetizar algumas ideias, (Perini, 1996; Bagno, 2011), sobre o tema diante desta visão. Com essa mesma proposta, considerando que a língua tem dinamismo próprio, possuindo formas diferentes, mas que são semanticamente equivalentes menciona-se o estudo linguístico descritivo de Neves (2000).

Acrescenta-se ainda uma pequena descrição da estrutura morfológica dos pronomes e uma breve história da primeira pessoa do plural (*nós*) e sua evolução desde o latim até o português contemporâneo. Nesse capítulo, tratamos também da questão da expressão nominal *a gente* e a introdução desta forma no quadro dos pronomes pessoais. Para essa seção nos embasamos em Lopes (2002, 2004); Omena (1986, 2003); Bueno (2003) e Vianna (2011). Elencamos, de maneira especial, algumas pesquisas que têm como base este tema do uso variável das formas pronominais referentes à primeira pessoa do plural e que tiveram como material de estudo dados da fala rural (cf. MACHADO VIEIRA, 1997; ALMEIDA, 2006; BORTONI-RICARDO, 2011; VIEIRA E BRANDÃO, 2014; SCHERRE et al , 2015).

No capítulo 2, enfocamos o modelo variacionista laboviano e os pressupostos fundamentais dessa teoria metodológica. Iniciamos com uma breve consideração sobre o

português popular. Posteriormente, tratamos do conceito de variação e mudança percorrendo um trajeto histórico, desde o início dos estudos linguísticos até a Sociolinguística Quantitativa.

No capítulo 3, apresentamos as diferentes concepções sobre a origem do português brasileiro, que tem sido motivo de grandes debates entre linguistas. Em seguida, descrevemos a constituição da amostra, bem como informações essenciais sobre o *corpus* da pesquisa. A definição da amostra leva em consideração os instrumentos utilizados, o método de entrevista sociolinguística, a quantidade de inquéritos fônicos pertencentes ao acervo do projeto. A seção posterior caracteriza sócio-historicamente as comunidades em estudo. Nessa seção, é traçada um panorama amplo que apresenta a formação de cada comunidade até a sua atual delimitação, as suas características culturais e sua organização social e econômica, bem como suas condições adequadas de sustento aos moradores que lá habitam. Também, foi feito um breve comentário sobre as entrevistas, nele caracterizou-se a análise dos dados baseada no modelo variacionista a qual conta com tratamento quantitativo ao utilizar o programa GOLDVARB X (Sankoff, David, Sali A. Tagliamonte e Eric Smith, 2005). As variáveis aparecem organizadas em duas partes: variáveis linguísticas e extralinguísticas. Em cada variável houve a preocupação em definir e descrever as hipóteses aventadas. Por fim, este capítulo pontua os dados excluídos para melhores resultados e interpretações de dados.

No capítulo 4, estão a apresentação e a discussão dos resultados referentes à análise da concordância verbal com a primeira pessoa do plural, bem como as variáveis de maior significância apresentadas pelo programa, sendo elas: as variáveis independentes *Realização e posição do Pronome Sujeito*; *Saliência fônica*; *Composição do sujeito*; *Tempo verbal* e a variável social *Comunidade*. Ainda no capítulo 4, foi realizada uma pequena reflexão descritiva dos fatores não selecionados. Interpretou-se, com base nas tabelas e cruzamentos, a influência das variáveis sociais *versus* as variáveis linguísticas.

Por fim, foi realizada uma retomada da justificativa, dos objetivos traçados, da metodologia, das hipóteses sustentadas e refutadas. Também, evidenciaram-se alguns questionamentos surgidos na elaboração desta dissertação. Nas considerações finais, foi possível refletir sobre os procedimentos de análise adotados e sobre os resultados apresentados e, assim, destacamos também as limitações do trabalho. Expomos a importância da pesquisa, as perspectivas alcançadas e a possibilidade de novos trabalhos que venham abranger aspectos que não foram considerados neste estudo, a fim de contribuir para a descrição da realidade sociolinguística brasileira/baiana a partir da análise da variação.

1 REVISÃO DA LITERATURA

De maneira oposta aos pressupostos cristalizados nas gramáticas tradicionais, a observação empírica dos estudos sociolinguísticos tem comprovado, por meio de dados, que o sistema flexional dos verbos apresenta regras variáveis, principalmente no português brasileiro falado¹.

Assim, muitas pesquisas estiveram focadas na variação do fenômeno com a 1ª e a 3ª pessoa do plural com amostras da fala em diversas partes do Brasil. Esses estudos serviram de suporte teórico para o estabelecimento de nossas hipóteses a respeito do assunto e para a comparação de resultados. Nesse sentido, embora a maior parte dos estudos que tratam da concordância verbal de número no português brasileiro (PB) tenha priorizado a variação com a terceira pessoa do plural (*eles/ P6*), sente-se a necessidade de estudos voltados à primeira pessoa do plural (*nós/ P4*), de modo que este trabalho vem contribuir para o avanço de conhecimento sobre a variação com essa pessoa gramatical.

Neste capítulo, apresentaremos hipóteses sobre a formação do português popular, variedade em estudo nesta pesquisa. Também, trataremos de alguns princípios tradicionais a respeito da Concordância Verbal (doravante CV), conforme prescrições em gramáticas brasileiras, por julgarmos que é importante observar as prescrições de uso.

Também, faremos um percurso histórico descrevendo a alternância da forma *a gente* na primeira pessoa do plural com a forma canônica pronominal *nós* e sua evolução desde o latim até os dias atuais, visto ser um assunto recorrente e pertinente ao se tratar das pesquisas com a concordância verbal com a primeira pessoa do plural.

Teceremos também considerações sobre a Sociolinguística Variacionista e alguns estudos sobre a concordância verbal no Brasil. Finalizando essa seção de resgate histórico, faremos referência aos poucos estudos de concordância verbal que tomaram como *corpus* específico os falares rurais e como fenômeno de análise a primeira pessoa do plural.

Por fim, apresentamos, ainda nesse capítulo, uma relação entre linguagem e sociedade e o processo de urbanização que gerou várias mudanças, inclusive na língua.

¹ É sabido que alguns estudos têm demonstrado que o uso da variável na concordância de número também ocorre em textos escritos, a exemplo dos trabalhos de Scherre e Naro (2007) e Vieira e Pires (2012), mas o fato é que a grande maioria dos estudos centraliza a variação a partir de dados orais.

1.1 O PORTUGUÊS POPULAR

Os dados que constituem a base empírica desta dissertação foram coletados em entrevistas gravadas na região rural de dois municípios do interior da Bahia: Rio de Contas e Jeremoabo, sendo portanto, o nosso *corpus* formado exclusivamente por ocorrências levantadas em entrevistas gravadas com informantes usuários da norma popular do PB.

Neste sentido, vale destacar que a origem do português brasileiro tem sido motivo de debate entre vários linguistas. Guy (1989) defende a ideia de que houve na história do PB um processo de crioulização. Esse linguista justifica esse fato considerando a situação da demografia brasileira, formada majoritariamente por negros nos séculos XVII e XVIII. Na opinião do autor, após pesquisas e comparações com o PE, hoje o PB passa por processo de descrioulização. Duas variáveis morfossintáticas, a *concordância de número no interior do sintagma nominal* e a *concordância sujeito-verbo*, mostraram em seus resultados que a perda da regra de concordância, motivada pela crioulização, estaria em um processo de aquisição, caracterizando, assim, um processo de descrioulização, pois o processo de mudança se daria em direção à língua alvo: o português padrão, moldados nos moldes europeus.

Outros estudiosos acreditam que o conceito teórico de transmissão linguística irregular é apropriado ao entendimento da formação da língua portuguesa no Brasil (BAXTER, 1995; LUCCHESI; BAXTER e SILVA, 2009)

Lucchesi (2003) usa o conceito de transmissão linguística para designar os processos de contato entre as línguas presentes no Brasil, em que a grande parte da população teve acesso restrito à língua do colonizador, o que resultou em uma profunda redução de sua morfologia. Esse português aprendido na oralidade serviu de *input* às gerações seguintes.

Considerando as questões destacadas por Guy (1981), o autor defende a ideia de que o processo sócio-histórico de constituição da realidade linguística brasileira é bipolarizado (Lucchesi 1994, 1996), com variedades populares e cultas do PB. Para o autor, existem pólos linguísticos que diferenciam as camadas médias e altas da sociedade brasileira. Em um ápice do pólo está o comportamento linguístico regido pelo modelo padrão e conservador de um número reduzido da elite colonial. Na base dessa “pirâmide linguística”, está o pólo das camadas populares. Essa variedade carrega profundas transformações na língua fruto de um princípio massivo e profundo de contato com as línguas indígenas e africanas no período da colonização.

Lucchesi, Baxter e Silva (2009) apresentam resultados em sua pesquisa em dialeto rurais afro-brasileiros, que revelam que a faixa mais jovem tende a apresentar aquisição de regras

da gramática. Esse fato sugere um processo semelhante ao postulado por Guy (1989), denominado de processo de descrioulização, em função do prolongado contato do português popular brasileiro (PPB) com o português culto. Assim, a hipótese de Lucchesi (2003) e Lucchesi, Baxter e Silva (2009) sustentam de forma convicta a ideia de que, se o contato não fora suficientemente intenso para produzir no Brasil uma variedade crioula da língua portuguesa, fora decisivo para desencadear processos de variação e mudança que definiriam as características centrais das variedades populares do PB, particularmente a ampla variação no uso de regras de concordância nominal e verbal (LUCCHESI; BAXTER e SILVA, 2009).

Essa posição de que a falta de morfema flexional de plural é fruto do contato entre línguas é fortemente contestada por Naro e Scherre (1993), que defendem a ideia de que a variação de concordância verbal é justificada por uma deriva linguística, ou seja, o aprendizado precário dos africanos e afro-descendentes apenas acelerou o processo de simplificação latente no sistema. Naro e Scherre (2007, p. 50) consideram que esses fenômenos de mudança têm origem unicamente na antiga deriva secular das línguas indo-europeias em geral, e das línguas românicas em particular, em direção a uma gramática com menos flexão.

O conceito de deriva provém dos trabalhos do linguista norte-americano Edward Sapir no início da década de 1920, que propõe uma direção para as mudanças linguísticas na medida em que estas ocorreriam de acordo os movimentos estruturais, predeterminadas no sistema linguístico. No Brasil, esta posição é ratificada por Silva Neto (1963) e Câmara Jr. (1972; 1976), estruturalistas que acreditavam que o contato entre línguas não chegou a afetar o processo de formação do PB. Dessa forma, os autores acreditam que a mudança estaria prefigurada ao longo dos séculos e as condições sócio-históricas só teriam acelerado tendências no sistema linguístico do Português.

Diante do que foi exposto, entendemos que a formação do português brasileiro esteve entrelaçada a sócio-história e a um cenário político e econômico rústico. As hipóteses e conceitos descritos acima reúnem dados, argumentos e análises que servem como instrumentos norteadores para a realização de novas pesquisas.

Assim, independentemente das correntes de pensamento ou polêmicas com relação à origem da formação de uma língua brasileira, é certo considerar a riqueza em fatos da história da língua portuguesa do Brasil, a qual é a fonte que desvenda mistérios da origem do português brasileiro.

Nesse sentido, a diversidade da formação étnica brasileira é um fator relevante para o presente estudo. Cremos que a pesquisa em comunidades rurais do semiárido baiano guarda marcas do passado e evidências que caracterizam as origens da língua portuguesa no Brasil.

1.2 CONCEITOS SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBAL

A concordância verbal no português brasileiro junto à nominal é um dos aspectos variáveis que tem sido muito discutido através de estudos dos pesquisadores. Ela está segundo Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 331), “no centro dos debates acerca da relevância do contato entre línguas na formação da realidade linguística brasileira”.

Inicialmente, faz-se necessário partir dos principais conceitos relacionados à concordância verbal para, enfim, refletirmos sobre a variação desse fenômeno.

Temos visto que diversas pesquisas vêm demonstrando uma forte tendência à não realização das marcas de plural (*-mos*) no Sintagma Verbal (SV), mas esse fenômeno ainda não é descrito pelos compêndios gramaticais. Para discorrer sobre tal processo, torna-se essencial elencar alguns conceitos encontrados nesses compêndios, no que tange à concordância.

1.2.1 Revisão de gramáticas

1.2.1.1 Tradição gramatical

Foi a partir do interesse do estudo da linguagem para compreender o pensamento humano que Aristóteles, trabalhando em cima dos tratados de Platão numa visão filosófica, desenvolveu um sistema de categorias de língua que hoje conhecemos como classe de palavras. Dessa forma, desde a antiguidade clássica até os estudos gregos e latinos, é considerável refletir sobre a base da tradição gramatical.

O interesse em estudar a língua tinha o objetivo em entender o pensamento humano. Isso significa que para os gregos (século V a.C) a língua era entendida como expressão do pensamento. O período clássico foi marcado por uma grande riqueza intelectual, que influencia o mundo até hoje. Nesse período, algumas escolas contribuíram para o desenvolvimento dos estudos da linguagem dentre elas podemos destacar os estoicos, que se preocupavam com o método da pesquisa, se debruçaram na área da fonética, da gramática e da etimologia; os retóricos, que se situaram na arte da oratória do bem falar e bem escrever; e os alexandrinos que constituíam a escola de filósofos gregos. Esses focavam seus estudos nos poemas de Homero,

textos muito importantes para a cultura da época, reconhecidos como códigos de conduta, base do sistema educacional grego.

Essa época se destaca por valorizar a escrita servindo de semente para a dicotomia entre “certo e errado”. Ou seja, privilegiaram a língua escrita dos grandes escritores, avaliando negativamente os demais usos. Concentraram seus estudos na linguagem escrita e ignoraram as diferenças existentes entre o falar e o escrever.

No século IV a.C, os hindus desenvolveram um estudo sofisticado para o sânscrito, chegando a noções importantes como a raiz morfológica e o ponto de articulação dos sons, a fonética.

Outro estudo importante para a constituição da tradição gramatical foram os estudos latinos. Ciríaco (2012) afirma que:

Enquanto os estudos gregos tinham um viés filosófico, pois objetivavam conhecer o pensamento humano, os romanos queriam desenvolver uma gramática e demais estudos sobre a língua com o propósito de ensinar o latim para os povos conquistados (lembre-se que nessa época o Império Romano estava em expansão). Daí investirem em gramáticas que fossem mais didáticas do que a gramática do grego. Outro objetivo da gramática do latim era a retórica, ou seja, a arte do bem falar. Para os romanos, dominar a arte de se expressar pela linguagem era importante para a vida social e política, pois aquele que tinha o poder de se expressar bem e de argumentar e convencer era mais ouvido e respeitado nessas esferas.

Assim, percebemos que a motivação dos filósofos e estudiosos primórdios para estudar a língua não residia na língua, mas sim na vontade e necessidade de conservar e preservar a pronúncia, a escrita e os textos religiosos antigos.

Portanto, a gramática grego-latina acabou se constituindo como uma tradição (NEVES, 2005), originando a nossa gramática tradicional (GT) de hoje. Não podemos deixar de citar Dionísio da Trácia (II a.C), o verdadeiro organizador da gramática da antiguidade que serviu de modelo para a tradição gramatical ocidental.

Criada com o objetivo de oferecer os padrões linguísticos das obras de escritores consagrados, a gramática tradicional reforça o dialeto padrão e silencia as demais variedades. Ela representa o conjunto de regras, de reflexões e classificações a respeito da língua portuguesa, num modelo prescritivo, tendo como foco preservar e indicar como corretos e aceitáveis os usos tradicionalmente eleitos como paradigmas às regras normativas do falar.

O que se refere à concordância, em geral, nesses estudos tradicionais, é uma relação compreendida como de solidariedade entre os elementos de um dado enunciado, com a inserção da marca de plural, a exemplo do -s em todos os elementos flexionáveis do sintagma nominal. Dubois (1973, p. 136), afirma que concordância é o fenômeno sintático pelo qual um substantivo ou um pronome pode exercer pressão de alteração formal sobre os pronomes que o representam, os verbos de que ele é sujeito, e os adjetivos ou participípios que a ele se referem. Por causa da relação de solidariedade, citada acima, os pronomes recebem as marcas de pessoa, gênero e número; os verbos, as marcas de pessoa e número; e os adjetivos e participípios, as de gênero e número, em relação ao substantivo ou pronome a que se referem.

No entanto, devido a diversos processos históricos de mudança, línguas como o inglês e o cabo-verdiano, consideradas analíticas, sofreram reduções em sua morfologia verbal. Seus falantes passaram a explicitar o sujeito por meio dos índices de pessoa e de não-pessoa (BAGNO, 2011p. 644). Os exemplos a seguir demonstram isso:

Inglês (ter, passado) → I had/ you had/ he had/ she had/ it had/ we had/ you had/ they had

Cabo-verdiano (falar, passado) → m' flá/ bô flá/ El flá/ nu flá/ bô flá/ ês flá

No caso da língua portuguesa, por ser considerada uma língua paradigmática, devido a sua formação e embasamento no português clássico, seu sistema apresentará formas verbais próprias para cada pessoa, cada modo, cada tempo.

Português (cantar, presente) → Eu canto/ tu canta/ ele canta/ nós cantamos/ vós cantais/ eles cantam.

Desse modo, a CV da frase “*Nós gostamos de comer milho*” está de acordo à norma padrão, pois o verbo apresenta marcas de número em concordância à pessoa nela estabelecida.

Mesmo quando o sujeito não está realizado foneticamente, como no exemplo “*Gostamos de comer milho*”, a presença de marcas de número e pessoa no verbo permite a identificação do sintagma sujeito. Muitas pesquisas realizadas apresentam valores categóricos comprovando que quando o sujeito está implícito na oração o morfema verbal sempre estará presente, a fim de identificar o sujeito.

Dentre essas variedades encontradas na nossa língua, há realizações que apresentam ausência de marca de concordância verbal, como no exemplo: “*Nós gosta de comer milho*”. Essa ausência de flexão verbal é considerada pela visão tradicional como uma forma desprestigiada e, portanto, estigmatizada, tanto quanto ocorre na língua falada, quanto na escrita.

Veremos adiante o tratamento da Concordância Verbal, não apenas com P4, pelos gramáticos numa visão tradicional, também conhecida como normativa.

1.2.1.2 Napoleão Mendes de Almeida (1999)

O gramático na sua obra, *Gramática Metódica da Língua Portuguesa* (1999), define *gramática*, logo em suas primeiras páginas, como “conjunto de todas as normas para o seu perfeito uso”. No capítulo que dedica aos processos sintáticos, afirma concordância como processo sintático pelo qual uma palavra se acomoda, na sua flexão, com a flexão de outra palavra de que depende. Essa flexão pode efetuar-se quanto ao gênero, número e quanto à pessoa. O verbo se acomoda ao sujeito; o adjetivo concorda com o substantivo; o predicativo concorda com o sujeito; o pronome concorda com o nome a que se refere. Como regra geral da CV, o autor afirma que o verbo concorda com o sujeito em número e pessoa. Em seguida, elenca uma série de regras especiais que justificam a permanência do verbo no singular, como em “*O exército dos aliados ficou inteiramente derrotado*”- caso de coletivo geral; “*a maior parte dos moradores acredita nos feitiços e bruxarias*”- caso de coletivo partitivo; “*Dois capítulos é pouco*”- caso preço, quantidade, porção, dentre outros que representam exceções frente à regra.

Com base nos autores que citamos como representantes da tradição gramatical, pode-se entender que a concordância entre sujeito e verbo, na língua portuguesa, é uma regra obrigatória. Dessa forma, são estabelecidas inúmeras regras, pouco criteriosas, que tentam sistematizar esse assunto, porém, o que se vê é que também há um grande número de exceções, comprovando que tal sistematização é complexa, principalmente, quando se leva em consideração a abordagem tradicional, excludente e normativa.

1.2.1.3 Rocha Lima (2000)

Rocha Lima (2000 [1957], p. 388) em sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* reduz a duas as regras gerais de CV:

- 1) havendo um só núcleo (sujeito simples), com ele concorda o verbo em pessoa e número, como no exemplo “os caboclos levantaram-se em alvoroço, alarmados”;
- 2) havendo mais de um núcleo (sujeito composto), o verbo vai para o plural e para a pessoa que tiver primazia como no exemplo “eu e o papai queremos aproveitá-lo, para conversar”.

Apresenta ainda uma série de casos em que a concordância pode ser facultativa quando:

- i) o sujeito composto vier depois do verbo (“quem me importava Carlota, o lar, a sociedade seu códigos”);
- ii) voz passiva com a partícula ‘se’ seguido de substantivo plural (“Alugam-se casas”);

iii) 22 casos particulares, expressões como

-*um e outro* (um e outro pareciam confusos e acanhados”),

-*um ou outro* (um ou outro rapaz virava a cabeça para nos olhar”),

-*mais de um* (“mais de um réu obteve a liberdade”),

-*nem um nem outro* (“Afirma-se que nem um nem outro falou a verdade”), esses são alguns exemplos.

É interessante notar que todos os exemplos citados são exemplos isolados, descontextualizados e referendados por grandes nomes da literatura clássica como Machado de Assis, Gonçalves Dias, Rachel de Queiroz, dentre outros.

1.2.1.4 Evanildo Bechara (2004)

Observando a CV na gramática normativa, mais especificamente na *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara (2004, p. 543) autor de várias das principais gramáticas da língua portuguesa define CV como aquela “que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o predicativo) e o verbo da oração”, dividindo o estudo da CV em três partes:

A – concordância de palavra para palavra, que pode ser total ou parcial, “conforme se leve em conta a totalidade ou o mais próximo dos vocábulos determinados numa série de concordância”, oferecendo alguns exemplos com P3 e P1, a saber: ‘**Povo sem lealdade não alcança estabilidade**’ e ‘**Repeti-as, porque se me ofereciam vida e honras a troco de perpétua infâmia**’ (p. 554);

B – concordância de palavra para sentido, feita quando o sujeito simples é um nome ou um pronome que tem uma ideia de coleção ou grupo: ‘A gente vamos’, mas o gramático enfatiza que “a língua moderna impõe apenas a condição estética, uma vez que soa desagradável ao ouvido” (p. 555);

C – outros casos de concordância verbal, em que são apresentados vinte e dois casos, mas, neste estudo, destacamos apenas o que diz respeito à concordância do verbo *ser*: “Como se dá com a relação sintática de qualquer verbo e sujeito da oração, o normal é que sujeito e verbo *ser* concordem em número” (p. 558). O autor não destaca os casos de concordância com o predicativo, salvo no caso da expressão *perto de*, em que, segundo ele, é possível vir o verbo no singular “*Era* perto de duas horas quando saiu da janela”.

Bechara (2006) afirma: “Diz-se concordância verbal a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o predicativo) e o verbo da oração. Exemplifica a frase: ‘porque entre ele e Suintila... *está* o céu e o inferno’. O verbo *está* concorda com o sujeito mais próximo (o céu) da série coordenada *o céu e o inferno*.”

1.2.1.5 Cunha e Cintra (2008)

Cunha e Cintra (2008 [1985], p. 510) reconhecem que há uma “variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito” e que “a concordância evita a repetição do sujeito, que pode ser indicada pela flexão verbal a ele ajustada. Exemplifica essa variabilidade com P1: ‘**Eu acabei** por adormecer no regaço de minha tia. Quando **acordei**, já era tarde, não **vi** meu pai’ (grifo do autor).

Os autores apresentam como regras gerais os subtópicos:

- Com um só sujeito – quando “o verbo (nos exemplos abaixo em P3) concorda em número e pessoa com o seu sujeito, venha ele claro ou subentendido: ‘A **paisagem ficou espiritualizada. Tinha adquirido** uma alma’ (Idem, p. 511)
- Com mais de um sujeito – quando “o verbo que tem mais de um sujeito (sujeito composto) vai para o plural” (Idem): ‘Só **eu e Florêncio** ficamos calados, à margem’, ‘Quando o **Loas e a filha chegaram** às proximidades da courela, logo se **anunciaram**’ (Idem).

Em seguida, são apresentados nessa gramática dezesseis casos particulares. Vale destacar apenas:

- o caso ‘concordância com o sujeito mais próximo’: “o verbo que tem mais de um sujeito pode concordar com o sujeito mais próximo: a) quando os sujeitos vêm depois dele: ‘Que te **seja** propício o **astro e a flor**’ (Idem, p. 523)

Para esses gramáticos, a concordância entre sujeito e verbo, na língua portuguesa, é uma regra obrigatória. Dessa forma, são estabelecidas inúmeras regras, pouco criteriosas, que tentam sistematizar esse assunto, porém, o que se vê é que também há um grande número de exceções (não só na CV com P4, mas concordância em geral), comprovando que tal sistematização é complexa, principalmente, quando se leva em consideração tal abordagem. A gramática normativa aborda a ausência de marcas de CV como uma falha, que deve ser evitada, e a presença dessas marcas como a forma correta, que deve ser seguida.

1.2.2 Gramáticas Descritivas

Embora a gramática tradicional seja fruto de um longo período de reflexão sobre a linguagem, não podemos tomar esses conceitos como a única variedade válida e correta. A GT ignora as variedades linguísticas, os usos da linguagem e os processos de organização textual, como coerência e coesão. Além disso, as análises tradicionais limitam-se a frases descontextualizadas e partem de um princípio normativo. Conseqüentemente, o ensino da gramática tradicional na escola privilegia a nomenclatura e a norma em detrimento da descrição; os conteúdos e as atividades giram em torno da modalidade escrita; confunde-se ensino de língua com o ensino da norma culta ideal.

A partir dos anos setenta do século XX, pesquisadores e professores do Brasil discutem acerca da dificuldade dos alunos do Ensino Médio em ler e escrever corretamente, de maneira clara e articulada. A falta de prática de produção de texto em sala, da influência dos meios de comunicação de massa e da descontextualização do ensino eram fatores apontados como influenciadores que impulsionavam tais dificuldades.

Nos anos oitenta do mesmo século, com a intensificação dos estudos variacionistas no Brasil e com a implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) novas perspectivas foram abertas ao ensino de língua portuguesa no Brasil.

A partir de então, as pesquisas geolinguísticas, dialetológicas, sociolinguísticas (dentre outros campos de estudos) ganham impulso no Brasil e começam a refletir nas novas gramáticas que a língua apresenta um dinamismo próprio, possuindo formas diferentes, mas que são semanticamente equivalentes. A tradição linguística reconhece a necessidade do ensino formal de gramática, porém considera que a língua varia conforme o contexto em que ela é utilizada, e, assim, que ela sofre influências não só internas ao seu sistema, mas também externas a ele.

Alguns anos depois, autores como Perini (1996) – dentre outros autores, como Bagno (1999, 2001, 2002), Geraldi (1997, 2002), Possenti (1996, 2002a) reconheceram também a inadequação da gramática tradicional, no que tange ao seu caráter prescritivo, sua inconsistência teórica e a ênfase dada à variedade padrão escrita, em detrimento das demais variantes.

Nessa vertente que pode ser considerada inovadora no ensino e descrição da língua portuguesa, destacamos, nos próximos parágrafos, alguns estudiosos que se detiveram sobre o tema da concordância verbal.

1.2.2.1 Mário A. Perini (1996)

Perini (1966) sugere a necessidade de se elaborar uma nova gramática do português, cuja teoria gramatical reflita uma análise coerente da estrutura da língua. Na sua visão, uma gramática satisfatória seria aquela que se ocupasse prioritariamente da descrição das formas da língua (fonologia, morfologia, sintaxe) e com a explicitação do “relacionamento dessas formas com o significado que veiculam” (PERINI, 2000, p.21)

Nesse sentido, Perini (1996, p. 186) entende a concordância verbal “como um sistema de condições de harmonização entre o sujeito e o núcleo do predicado das orações”. O autor afirma que é preciso verificar se o núcleo do predicado está na forma adequada ao seu sujeito. Podemos exemplificar com a seguinte frase: “*Nós ganhamos dois ingressos para copa*”. Na afirmativa, percebemos que o sintagma *Nós ganhamos* é marcado como primeira pessoa de plural, o núcleo do predicado foi preenchido por um verbo que mostrou as flexões igualmente chamadas de primeira pessoa do plural (1PP). E, como *ganhamos* está na primeira pessoa do plural, a frase seria bem formada do ponto de vista da concordância. Houve, nesse caso, condições de harmonização, ou seja, relação de concordância entre o sujeito *Nós* e o verbo *ganhamos*.

O autor oferece uma análise diferente do tradicional e sustenta a hipótese de que não existe propriamente o fenômeno da violação da CV, isso significa que a inaceitabilidade da frase *Nós ganha dois ingresso*, deverá ser explicada por outros meios. A desarmonia de pessoa e verbo entre *ganha* e *nós* não seria a explicação simples para tal fenômeno. O autor apresenta um mecanismo que dá conta desse e de muitos outros fatos usualmente reunidos sob o rótulo de “concordância verbal” que a análise tradicional não consegue cobrir (PERINI, 1999 p. 187).

Para explicar os casos tradicionalmente considerados como violações (ou erros) o autor utiliza filtros para explicar por que as frases não são aceitáveis. Dentre os recursos citados pelo autor está o procedimento de rotulação (definição dos sintagmas dentro da oração); restrição de transitividade (a estrutura de uma oração precisa respeitar as condições de transitividade do verbo que ocupa seu núcleo do predicado); restrição de caso (formas especializadas dos pronomes pessoais quando desempenham função de objeto direto).

Com isso, as violações acabam sendo explicadas através de restrições, as quais filtram o tipo de má formação ou combinação inaceitável na frase.

1.2.2.2 Maria Helena Moura Neves (2000)

Neves (2000), em sua Gramática de usos do Português, mostra como está sendo usada a língua portuguesa atualmente no Brasil. Descreve e analisa a língua “viva”, exibindo todas as possibilidades de composição que estão sendo aproveitadas pelo usuário para obtenção do sentido desejado em cada situação.

No capítulo dedicado à explicação dos pronomes, a autora conceitua, exemplifica as variadas possibilidades de emprego desses. No fim, faz referência ao sintagma nominal *a gente* que vem sendo empregado como um pronome pessoal na linguagem coloquial. Neves (2000, p. 469) exemplifica da seguinte forma:

A gente é empregado como pronome pessoal:

a) para referência à primeira pessoa do plural (*nós*) Ex: Depois **a gente** conversa

Não descartando a possibilidade da concordância plural com a gente: Ex. Vou montar uma casa pra você e **a gente** vai ficar sempre **juntos**.

b) para referência genérica, incluindo todas as pessoas do discurso: Ex. Sorte é como topada, que **a gente** dá sem querer.

A autora salienta, também, a utilização do **a gente** para indeterminar o sujeito, embora a forma sempre deixe indicado o envolvimento da primeira pessoa no conjunto. Ex. Não se pode falar desse assunto com Carlinhos/ **A gente** quer fazer um bem, vira pecado mortal.

A autora trata o tema da concordância utilizando o termo “solidariedade” de constituintes do sintagma nominal (SN), quanto a gênero e número, de substantivos, adjetivos e pronome (NEVES, 2000, pgs. 117, 218, 461, 463, 551, 560 e 753). Essa gramática trabalha a língua a partir de classes de palavras, e suas funções nos vários contextos de língua (variantes). Observamos que não há um tratamento ou capítulo específico para a concordância, mas a autora contempla o assunto quando exemplifica sintagma verbal e nominal.

Neves (2000, p. 13) focaliza a língua viva e exhibe todas as possibilidades de composição. Por se tratar de um processo sintático pode ser compreensível o não tratamento da concordância verbal nesta gramática que se caracteriza por promover uma descrição do uso efetivo dos itens da língua.

Contudo poderia trazer maiores reflexões desse tema na perspectiva de visão de língua, da heterogeneidade, como produto social resultante de uso efetivo e permanente, portanto em constante transformação.

1.2.2.3 Marcos Bagno (2011)

No que se refere ao tema exposto, Bagno (2011) em suas reflexões reunidas na *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, afirma que a tradição gramatical conseguiu impor ao longo dos séculos uma série de ilusões que contribuiram para a separação entre os que falam “certo” e os que falam “errado”. Para o autor e outros gramáticos linguistas, a concordância é redundante e a ausência dela acontece por causa da duplicidade de marcação das categorias gramaticais de pessoas e número em dois elementos de um mesmo sintagma. Assim, há possibilidade de interpretação do enunciado “*Eles ainda não chegou*”, mesmo sofrendo juízos negativos de valores sociais por não estar de acordo a norma padrão.

Para o autor, a frase não apresenta nenhum problema estrutural, visto que os falantes das línguas economizam recursos gramaticais assim como no latim clássico, em que a forma verbal já trazia em si mesma a pessoa, o número, modo, tempo e voz.

Nessa perspectiva, há algumas divergências entre as prescrições gramaticais e as descrições linguísticas. Observamos que gramáticos diversos (LUFT, 2002; CUNHA e CINTRA, 2007 [1985]), afirmam que é necessário que o verbo concorde com o sujeito, para este se posicionar de acordo com as regras que regem a língua portuguesa. Nos dados da fala, entretanto, verifica-se que uma área de ampla variação se dá em construções com sujeito plural. São raros os casos de sujeito singular controlando concordância plural nos verbos. Embora estereotipada, só existe quando se trata de sujeito humano de natureza coletiva, do tipo o *povo aplaudiram o prefeito; a gente andamos muito*.

Cabe notar, portanto, que, no português falado no Brasil, a variação se instala notoriamente em estruturas de número gramatical plural. Verifica-se que a variação na concordância no português falado do Brasil pode estar definitivamente internalizada na mente de seus falantes. Neste momento da língua, trata-se de uma variação inerente, altamente estruturada em função de aspectos linguísticos e sociais (SCHERRE, 1994, p. 11).

Na próxima seção, é feita uma breve exposição sobre a variação *nós/a gente*, por entendermos que a mesma é muito correlata ao tema desta pesquisa.

1.3 NÓS / (P4)/ PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL: MORFOLOGIA E ORIGEM DO PRONOME

Segundo Azeredo (2001) e diversos historiadores da língua, a análise gramatical do Ocidente crava suas raízes na filosofia grega dos anos 500 a.C, define-se como tema filológico no trabalho dos intelectuais alexandrinos e difunde-se na Europa Medieval e moderna graças aos Romanos. É relevante citar as contribuições de Platão, Aristóteles, os Estóicos para o desenvolvimento do estudo das unidades do discurso, expressão do pensamento, distinção de classes variáveis e invariáveis. Mas, é Dionísio Traco quem formula uma teoria sobre as partes do discurso e assim distribui em oito categorias: nome, verbo, pronome, particípio, artigo, advérbio, preposição e conjunção. Desde então, o vocábulo passou a ser a unidade fundamental de estudo, tanto a morfologia (estudo da estrutura e formação dos vocábulos) quanto a sintaxe (estudo da combinação dos vocábulos na frase).

Neste estudo, será dada ênfase ao pronome, tópico de estudo que integra nosso tema de análise.

Câmara Jr. (1999, p. 201) define pronome como “palavra que denota o ente ou a ele se refere, considerando-se apenas como pessoa do discurso”. Cunha e Cintra (2007 [1985]) afirmam que esta classe serve para representar ou acompanhar um substantivo determinando-lhe a extensão do significado. Tradicionalmente, o pronome é definido como substituto do nome. Porém, a idéia de substituição não se aplica, pois há restrições nessa classe. Formas pronominais que se caracterizam como determinantes, particularmente os possessivos, não podem substituir o nome: ex. Maria/ ela/alguém/*minha foi à festa (LOPES, 2007).

Os pronomes fazem parte de uma classe gramatical de bastante relevância. Esta categoria é subdividida em:

a) pronomes pessoais retos, aqueles que substituem os nomes e representam a pessoa do discurso; denotam as três pessoas gramaticais:

I. Quem fala → 1ª pessoa: *eu* (singular), *nós* (plural)

II. Com quem se fala → 2ª pessoa: *tu* (singular), *vós* (plural)

III. De quem se fala → 3ª pessoa: *ele, ela* (singular); *eles, elas* (plural)

b) pronomes pessoais oblíquos, os que fazem associação entre pronomes e verbos;

c) pronomes de tratamento são certas palavras e locuções que valem por verdadeiros pronomes pessoais, também substituem a terceira pessoa gramatical como *você, o senhor, Vossa Excelência*;

d) pronomes possessivos os que indicam a ideia de posse;

e) pronomes demonstrativos, os que possibilitam localizar o substantivo em relação às pessoas, ao tempo, e sua posição dentro de um discurso;

f) pronomes indefinidos, os que acompanham os substantivos, porém não os determina;

g) pronomes relativos, que representam nomes que já foram citados;

h) pronomes interrogativos usados em frases interrogativas;

Neste estudo, concentraremos nosso olhar na primeira pessoa do plural, (*nós*) pronome pessoal reto, aqui simbolizado por P4, nomenclatura utilizada por Câmara Jr. (1976, p.107).

Assim como todas as línguas românicas, herdamos do sistema latino as noções gramaticais, inclusive o sistema de pronomes pessoais em português. A língua latina é uma língua sintética, ou seja, expressa as relações sintáticas através de terminações nominais que indicam os casos gramaticais e tais casos servem como referência para as funções sintáticas. Sua sintaxe pertence ao grupo das línguas de declinações, diferentemente da sintaxe do Português, que é uma língua analítica. Nessa, a função sintática é indicada pela posição que o nome ocupa na frase.

Na língua latina, o gênero é classificado em três: masculino, feminino e neutro. Quanto ao número, o latim possui dois: o singular e plural. Quanto ao caso, há seis casos que determinam a função sintática que a palavra desempenha na oração a partir da sua terminação.

As formas distintas definem função do sujeito e predicativo do sujeito (chamada de caso nominativo); a função vocativo (complemento direto, de caso acusativo); complemento de um nome ou adjunto adnominal restritivo/com ideia de posse e especificação (de caso genitivo); objeto indireto e complemento nominal (de caso dativo) e complemento circunstancial/ adjuntos adverbiais (de ablativo). É por isso que em português as formas *eu, me, mim, comigo; tu, te, ti, contigo; ele, ela, o, a, lhe, se, si, consigo; nós, nos, conosco, vós, vos, convosco; eles, elas, os, as, lhes* são consideradas remanescentes latinos, hoje fundamentais no sistema gramatical da fala e da escrita no português brasileiro.

Abaixo, podemos verificar o quadro de declinação dos pronomes pessoais latinos da 1ª pessoa:

	<u>Singular</u>		<u>Plural</u>	
Nom.	ego	eu	nos	nós
Gen.	mei	de mim	nostrum	de nós
			nostrum	de nós

Acus.	me	me	nos	nos
Dat.	mihi	me/ a mim	nobis	a nós/nos
Abl.	me	por mim/me/-migo	nobis	por nós/-nosco

Obs.: Os pronomes pessoais eram mais usados no latim vulgar que no clássico.

Os pronomes da primeira pessoa do plural no latim eram usados da seguinte forma: *nos* para o nominativo, vocativo e acusativo; *nostrum* ou *nostri* para o genitivo (o que deu origem ao possessivo); *nobis* para o dativo e ablativo; e *nobiscum* um ablativo de companhia. Herdeiras dessas formas, hoje, existem no português *nós*, *nosso*, *nos*, e a forma *conosco*.

1.3.1 Evolução do pronome do latim ao século XXI

Como a língua é um elemento vivo, continuamente em evolução e influenciável por fatores que podem modificar as regras morfológicas e sintáticas, as formas verbais inicialmente nominais, também sofreram mudança variável nessa trajetória. Como fruto de frequentes ampliações semânticas e transformações fonéticas do latim vulgar, os idiomas românicos se formaram sustentando parte do que outrora fora a língua falada pelo cidadão romano comum, (soldados, comerciantes etc.) e tendendo a desenvolver formas específicas.

Do latim, formaram-se os pronomes pessoais que utilizamos hoje.

(Nom) **Ego**>**eu**

(Acus) **me** > **a mim**

(Dat.) **mi** > **a mim**

(Gen.) **mei** (lat. Clássico) lat. vulg.(?) > **de mim**

(Nom.)**Tu** >**tu**

(Acus.) **te** > **a ti**

(Dat.) **tibi** > **a ti**

(Gen.) **tui** (lat. Clássico) lat. Vulg. (?) > **de ti**

Ille>**ele**, que se tornou **el** (arcaico e popular) por próclise.

Illa>**ela**

Nos>**nós**, que recebeu influência de “**nosso**”

Vos>**vós**, que recebeu influência de “**vosso**”

Quanto à primeira pessoa do plural, boa parte dos pronomes latinos manteve a mesma raiz nas línguas românicas:

Romeno - **Noi**

Italiano - **Noi**

Francês - **Nous autres**

Sardo - **noisáteros**

Friulano - **Nô**

Catalão - **Nosaltres**

Espanhol - **Nosotros**

Português - **Nós**

A evolução linguística acontece num processo bastante lento. Pode levar anos, podendo inclusive não se consolidar, pois o sentido social de uma mudança passa por uma avaliação dos usuários da língua.

Um exemplo conhecido de mudança linguística é o pronome de tratamento *vossa mercê*, forma referente à terceira pessoa do singular que derivou a forma pronominal *você*. Essa é uma mudança já consolidada no português. No que se refere à primeira pessoa do plural no português brasileiro, a forma *a gente*, tem sido assimilada de maneira gradual e crescente para se referir a *nós*. Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 459) afirmam que “no Brasil, pode-se dizer que *a gente* já superou *nós* em frequência de uso na língua falada, em todas as variedades do PB”.

A língua, dessa forma, é produto social, propriedade de todos, e como tal é algo vivo. Sua permanente transformação não a exclui nem qualifica como melhor ou pior; apenas torna-se diferente do que foi e é, a herança para as gerações que virão. Dessa maneira, o latim, ao longo do tempo e em constante transformação, tem apenas trocado sua roupagem. Desde o latim vulgar, passando pelo romanço, galego-português e português arcaico, está sob outra forma e aspecto, presente nos dias atuais, na língua portuguesa, e nas demais línguas neolatinas.

1.3.2 A questão do “*a gente*” na perspectiva científica

Advindo de uma expressão nominal, o substantivo *gente*, ao assumir, em alguns contextos discursivos, determinadas propriedades, valores e funções, passou a fazer parte de outra categoria. Configura-se, nesse aspecto, um caso de gramaticalização, processo caracterizado por ocorrer mudança de item lexical para item gramatical (LOPES, 2004). O processo de gramaticalização pelo qual passou *a gente* vem sendo estudado nos últimos anos em várias pesquisas de cunho sociolinguístico, assim como a alternância gerada entre a nova forma pronominal e a forma antiga de primeira pessoa do plural, *nós*. Há registros que atestam que a

implementação de *a gente* no quadro pronominal do português se iniciou entre os séculos XVII e XVIII, ainda que seu uso efetivo só seja percebido a partir do século XX (LOPES, 2002 p. 25).

Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 458) apresentam a seguinte concepção a respeito da gramaticalização:

A gramaticalização de *a gente* pode-se ter desencadeado a partir da lacuna deixada pelo desuso do substantivo *homem*, que, no português arcaico, funcionava como um pronome que indicava a indeterminação do sujeito, como o *on* do francês (também derivado do latim *hominem*). A perda dessa partícula gramatical no português teria ocorrido no século XVI. Assim, a gramaticalização da expressão nominal *a gente*, que em seu sentido original se referia a uma coletividade, pode ter se insinuado como forma de expressar um sujeito indeterminado (...)

Corroborando a afirmativa acima, podemos ver que essa forma se caracteriza por ser uma forma neutra, por conservar resquícios de inclusão no sintagma coletivo (LOPES, 2002; 2003), não podendo aparecer acompanhado de determinante (ex. *A gente cinco*), além do traço de indefinitude, capaz de fazer referência a uma quantidade indeterminada de pessoas.

É interessante notar que a alternância entre *nós* e *a gente* não tem se restringido, unicamente, ao português popular. Apesar de ser considerada uma mudança propagada de baixo para cima (LOPES, 2002, p. 39), tomou espaço na fala dos indivíduos independente do padrão social e econômico.

Reconhecendo a amplitude que a forma *a gente* tem apresentado, é correto afirmar que esta forma, contribui para consolidação do conceito de língua como entidade viva e dinâmica que está em constante movimento. Para esse fato, concordamos com Bagno (1999, p. 142) quando diz que “toda língua viva é uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação”.

Mesmo comprovado cientificamente por meio das pesquisas, o tratamento dessa forma inovadora ainda tem sido insuficiente nas gramáticas, uma vez que a tradição gramatical consagra a forma *nós* como ampliação plural do *eu*. De modo geral, muitos gramáticos revelam-se receosos ao considerar a amplitude e difusão de fenômenos linguísticos característicos da fala e também inseridos na escrita.

No que tange aos padrões de concordância verbal e alternância pronominal no português brasileiro com sujeito de primeira pessoa do plural com *nós*, *a gente* e sintagmas com sujeito implícito, esse fenômeno variável reúne evidências para discussão das origens das variedades de língua portuguesa hoje existentes no Brasil. Observando as gramáticas tradicionais Cunha e Cintra (1985), Luft (2002), Bechara (2006), assim como a descrição clássica de Câmara

Jr. (1986), constata-se certa resistência dos autores em incluir a forma *a gente* no quadro dos pronomes pessoais. Em contrapartida às descrições tradicionais, pesquisas recentes principalmente de cunho variacionista, têm comprovado a frequente substituição do pronome *nós* pela forma *a gente* na língua falada, embora tal processo não se constitua ainda uma mudança completa.

1.3.2.1 O olhar científico na alternância pronominal do PB

A questão da introdução da forma *a gente* no quadro dos pronomes pessoais, como uma variante do pronome de primeira pessoa do plural (*nós*), tem sido foco de muitas pesquisas em diversas regiões do Brasil.

No português brasileiro, diversos trabalhos têm revelado a existência de uma pluralidade de regras sintáticas no que diz respeito ao sintagma verbal. Omena (1986, 2003) – a partir de um *corpus* do Projeto Censo/RJ – constata que o fenômeno de variação entre *nós* e *a gente* indica uma mudança linguística em curso, uma vez que a forma inovadora vai lenta e gradualmente tomando o terreno de sua concorrente.

Machado Vieira (1997) na pesquisa sobre alternância dos sujeitos pronominais *nós* e *a gente* em dialetos populares, analisou a fala de pescadores fluminenses analfabetos e semi-alfabetizados e ratificou que o uso do pronome *nós* tem menor produtividade que o de *a gente*. No *corpus* do APERJ (Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro) encontrou 28% de frequência para uso da forma *nós* e 72 % para *a gente*.

Bueno (2003), em seu estudo sociolinguístico sobre uso das variantes *nós* e *a gente* numa comunidade de bóias-frias da região de Assis (SP), concluiu sua pesquisa apontando que os fatores linguísticos/sociais que condicionam o uso de *nós* e *a gente* parecem ser os mesmos, tanto para os falantes com pouca escolaridade como para os falantes com maior nível de instrução, apesar de o fenômeno estar ocorrendo de forma diferente nos dois grupos.

Lopes (2004), com sua pesquisa fundamentada nos *corpora* orais gravados, no Rio de Janeiro, nas décadas de 70-90 (amostra NURC-RJ) e 80-2000 (amostra PEUL-RJ), caracterizado como estudo em tempo real de curta duração, percebeu que a substituição de *nós* por *a gente* se implementou de forma acelerada nos últimos vinte anos na fala carioca, principalmente entre os falantes não-cultos.

Lucchesi, Baxter e Silva (2009) analisaram a fala de moradores com pouca ou nenhuma escolaridade de quatro comunidades rurais afro-brasileiras isoladas de quatro diferentes

regiões do Estado da Bahia. Eles acreditam que o fenômeno da concordância variável é uma característica da língua falada popular do Brasil que guarda semelhança com os traços comuns nos pidgins e línguas crioulas.

Silva (2010) observou que a forma *a gente* é predominante nos dados de jovens e com o verbo no presente do indicativo e pretérito imperfeito. Observou, também, que a forma inovadora se acomoda melhor na indeterminação do sujeito, uma vez que carrega traços menos marcados.

1.3.2.2 O olhar científico na alternância pronominal do PB X PE

Vianna (2011), analisou semelhanças e diferenças na implementação de *a gente* em variedades do português, pontos da região metropolitana do Rio de Janeiro (Copacabana e Nova Iguaçu) e dois pontos na Grande Lisboa (Cascais/Oeiras e Cacém/Arredores). A autora constatou, com base nos seus percentuais aferidos, que a forma-fonte do processo de gramaticalização (o substantivo *gente* designando um agrupamento de pessoas) é muito mais produtiva no PE do que no PB, como no exemplo “*Toda gente era controlado*” (VIANNA, 2011, p.183), o que, aparentemente, pode estar correlacionado à menor implementação da forma *a gente* com valor pronominal em terras lusitanas. A comparação dos seus resultados gerais referentes às duas variedades do português indicou que a forma inovadora *a gente* é a estratégia preferencial no desempenho oral dos entrevistados brasileiros; ao passo que, entre os portugueses que compõem a amostra, é a forma padrão *nós* que se destaca como a mais produtiva na indicação da primeira pessoa do plural.

Rubio (2012) verificou em sua tese de doutorado, com base nos *corpora* do português brasileiro e do português europeu, que o fenômeno ocorre nas duas variedades, mas, no português brasileiro do interior paulista, há a predominância da forma *a gente*, e no português europeu, predomina o pronome padrão, *nós*. Assim, o processo de variação encontra-se num estágio mais avançado no PB e menos avançado no PE.

Podemos afirmar que a não marcação do plural tem sido um fenômeno intensificado constantemente, condicionado por fatores linguísticos e extralinguísticos. Cabe ressaltar que alguns fatores extralinguísticos como classe social, escolaridade, zona habitacional tendem a ser mais propensos a favorecer a marca zero de plural, o que não implica dizer que tal fenômeno se restrinja a tais variáveis sociais.

1.4 NOTÍCIA SOBRE O USO DA FORMA “A GENTE” NO SEMIÁRIDO BAIANO

A fim de delimitar o campo de estudo deste trabalho, optamos por considerar apenas o sujeito preenchido pelo pronome *nós* em P4, com a sua elipse e com o sintagma nominal composto. Porém, não ignorando a alternância pronominal *nós/ a gente*, daremos, a seguir, um breve resultado geral dessas formas, acreditando que a comparação dos resultados contribuirá para o esclarecimento dos resultados finais.

No *corpus* analisado, encontramos 1.444 ocorrências de sujeito preenchido com forma *a gente*. Apenas 8 dessas ocorrências apresentaram não concordância verbal de acordo regras gramaticais da Língua Portuguesa, em que prediz que forma *a gente* deve vir acompanhada de forma verbal na terceira pessoal do singular. Os oito casos encontrados foram:

- i. mah *a gente* **terminamo**; [INF. CASINHAS]
- ii. *uma viagem que a gente* **fisemo** pa Paripiranga; [INF. CASINHAS]
- iii. *a gente* já se **falamo**; [INF. CASINHAS]
- iv. que tem uma festa *a gente* **vamos**; [INF. MATO GROSSO]
- v. *a gente* **começamo** a ir pa fonte; [INF. TAPERA]
- vi. *a gente* vem **plantamo** aqui; [INF. BARRA/BANANAL]
- vii. *a gente* agora **estamos** melhor ainda; [INF. BARRA/BANANAL]
- viii. porque *a gente* também sem o estudo não **samo** nada. [INF. CASINHAS]

Assim, a concordância “padrão” foi averiguada em 1.436 das 1.444 ocorrências. Isso revela que, para essa forma de referência pessoal, há uso quase categórico da concordância entre o verbo e o sujeito (99,4%), conforme ilustram os seguintes exemplos:

- i. *A gente*, *a gente* **chama** aqui mês da quaresma [INF. BARRA/BANANAL]
- ii. *A gente* **coloca** duas junta de boi [INF. BARRA/ BANANAL]
- iii. *A gente* **é** criado junto [INF. CASINHAS]

Para gerar esses resultados, definimos a variante binária em forma *a gente* com concordância e forma *a gente* sem concordância. Para melhor descrição dos resultados, integramos a essa pequena análise quatro variáveis sociais: faixa etária; sexo; escolaridade e comunidade que, de certo modo, caracterizam os falantes propriamente.

Assim, obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 1: Resultado geral do uso da forma *a gente* e seu uso estigmatizado (V+mos) e padrão (V-mos) segundo a variável comunidade do semiárido baiano

Comunidade	<i>a gente</i>	<i>a gente</i>	Total
	+mos	-mos	
Barra/Bananal	1	611	612
Mato Grosso	1	239	240
Tapera	1	56	57
Casinhas	5	389	394
Lagoa do Inácio	0	141	141
Total	8	1436	1444

Observando a tabela, a comunidade Barra/Bananal se destaca no uso da forma *a gente* com a concordância sujeito-verbo (611 dados). Do resultado geral, os valores nos revelaram que foi a faixa jovem que não aplicou a regra de concordância nos oito dados fora do padrão. Inclusive, todos possuíam escolaridade. Quanto ao sexo, cinco deles eram do sexo masculino e três feminino.

Para concluir esta notícia, apresentamos uma comparação dos resultados do uso da forma *nós* e *a gente* como sujeitos da oração.

Tabela 2: Resultado geral comparativo do uso de *Nós* e *a gente* no português popular do semiárido baiano

<i>Nós</i>				<i>A gente</i>			
Com concordância		Sem concordância		Com concordância		Sem concordância	
206/495	41,6%	286/495	58,4%	1436/1444	99,4%	8/1444	0,6%

Os resultados expostos na tabela revelam que a forma *a gente* se apresenta em maior frequência se comparado ao uso da forma *nós* no *corpus* da língua falada no semiárido baiano. A forma *nós* tem sido usada, pois, com formas verbais com morfema de plural, acentuando o nível de concordância, pois a diferença dos resultados está apenas em 16,8%. A forma *a gente* contempla quase categoricamente a forma padrão, o verbo empregado junto a ele na terceira pessoa do singular equivale a 99,4% dos dados. Sendo assim, não há variação de CV em sujeitos preenchidos com a forma *a gente*.

Rubio (2012, p. 114) afirma que a concordância com a forma pronominal *a gente*, apesar de pouco investigada, revela um fenômeno variável. Os resultados do autor no estudo

direcionado à alternância pronominal *nós X a gente* no PB e no PE revelaram que, nas amostras consideradas para o PB (o que nos interessa), houve 1.603 casos com forma pronominal *a gente* e 570 casos da forma pronominal *nós*. Com base nos *corpora* do português brasileiro do interior paulista utilizado pelo autor, há a predominância da forma *a gente* sobre a forma *nós*. Isto demonstrou que o processo de variação se encontra em um estágio avançado. Na seção 1.3.3.2 será exposta com maiores detalhes os resultados que o autor encontrou para CV com P4.

O resultado dessa comparação se alinha a outras pesquisas realizadas no Rio de Janeiro com amostras do NURC e PEUL (LOPES, 2004); dados da periferia de São Paulo (COELHO, 2006); dados do PORTVIX em Vitória (MENDONÇA, 2010); dados orais do Censo/PEUL-RJ e escritos através de testes de avaliação subjetiva em escolas estaduais do Rio de Janeiro (VIANNA, 2006); dados do VARSUL em Porto Alegre (ZILLES et al, 2000); dados do projeto “Descrição sócio-histórica do Português de Belo Horizonte (ROCHA, 2009); dados de Curitiba – Paraná (TAMANIME, 2010); Cuiabá/Espírito Santo (SCHERRE, YACOVENCO, NARO, 2015) e muitas outras pesquisas que integram um elenco de estudos realizados em todo o Brasil as quais concluíram que o sistema pronominal do Português brasileiro está em pleno processo de mudança (MACHADO VIEIRA, 1997; LOPES, 1999).

Enfim, aqui defenderemos a ideia de que a concordância verbal com a primeira pessoa do plural (*nós*) é um fenômeno variável; não há uma variação estruturada de concordância com a forma pronominal *a gente*; a alternância pronominal é fato no PB. Embasaremos a pesquisa diante de tais referenciais citados, comparando-os e analisando-os com o objetivo de melhor entender a origem e formação do português brasileiro.

1.5 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E OS ESTUDOS SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Como sabemos, as línguas resultam de uma complexa evolução histórica que se caracteriza formalmente no tempo e no espaço, a partir de um feixe de tendências que de modo variável se efetuam em todos os lugares. Ao longo do tempo, diversos posicionamentos aliados ao contexto, à filosofia, as influências e ideologias da época vivida por diversos nomes que atuaram no campo da linguística tomaram a língua como seu objeto de estudo. Desse feixe de tendências, podemos perceber uma evolução das correntes linguísticas em seus posicionamentos no que se refere ao termo língua. Do sentido abstrato e estático ao sentido dinâmico e vivo, muitos caminhos foram percorridos.

Foi proveniente do Estruturalismo Diacrônico, corrente que tentou explicar o desenvolvimento histórico das línguas por intermédio da lógica do sistema linguístico, que surgiu uma nova proposta de estudo. Tal proposta apregoa que as línguas não podem ser analisadas apenas como estruturas autônomas, separadas de seu uso, já que elas existem para estabelecer o diálogo, produto da comunicação entre falantes e ouvintes. Era a mudança trazida para o domínio do sistema.

A corrente do funcionalismo dedicou-se ao estudo da língua quanto às relações de modalidades de interação social, enfatizando o contexto social na compreensão da natureza das línguas. Esta corrente da linguagem não nega a importância da estrutura linguística, mas focaliza seu estudo na funcionalidade da língua, ou seja, na variação linguística em situação comunicativa.

Partindo do princípio de que a variação e a mudança eram e são inerentes às línguas, os estudos históricos começaram a consolidar a ideia de que a constante heterogeneidade da realidade linguística correlacionada com o contato entre as diferentes realidades/ formas de interação social entre grupos de falantes constituíam fatores essenciais para afirmar a dinamicidade da língua. Essa perspectiva encontrou suporte nos estudos sociolinguísticos que se desenvolveram a partir de pesquisas de Labov, iniciadas na década de 1960 nos Estados Unidos.

De forma divergente das escolas formais, os estudos sociolinguísticos se concentram numa área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Martelotta (2010, p. 141) afirma que:

Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, a cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação.

Numa nova metodologia, apoiada principalmente no fator de variabilidade da língua, os caminhos traçados pelos linguistas partiram da necessidade de estudar a língua sem dissociá-la da estrutura social, sem fazer abstrações de sua inerente heterogeneidade. Os objetivos fundamentam-se em entender quais são os principais fatores que motivam a variação linguística, procurando verificar o grau de estabilidade de um fenômeno, se está em seu início ou está percorrendo uma trajetória que aponta para mudança. Por isso podemos dizer que a variação não é um efeito do acaso, pois é vista como um fenômeno cultural influenciado por fatores

linguísticos (estruturais/ internos à língua) e extralinguísticos (sexo, escolaridade, idade, procedência, etnia, nível econômico) que favorecem ou inibem a variação.

Comumente chamada de “sociolinguística variacionista”, possui uma metodologia bem delimitada utilizando ferramentas como coleta e identificação de dados, instrumentos computacionais e programas quantitativos para definir e analisar o fenômeno variável que se quer estudar. Além disso, a sociolinguística analisa a língua em situações reais de comunicação.

Com o progresso dos estudos sociolinguísticos, os estudos linguísticos do século XX adotaram uma nova orientação e uma nova atitude com relação ao enfoque e ao objeto de estudo da linguística. Em vez de enfatizar a ideia de que a língua é um sistema ou um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento, estudando-a em suas propriedades estruturais autônomas, de forma isolada, não buscando explicações transcendentais para o fenômeno linguístico, deixando de lado o contexto e a situação social e histórica do indivíduo ou, de certo modo, concentrando na descrição histórica da língua, como queriam os gramáticos comparativistas, a Sociolinguística deu maior ênfase ao estudo da linguagem em seu caráter sociocultural e as relações entre a teoria da linguagem e seu uso. Ou seja, o caráter e função social da linguagem, suas repercussões no comportamento do indivíduo e os condicionamentos sociais (diferenças de classe, sexo, educação, idade, zona de habitação e ocupação) determinariam as variações linguísticas dentro de uma língua representando, assim, os objetivos principais da Sociolinguística.

O contexto situacional é responsável por uma série de variações linguísticas. O estudo dos processos de variação e mudança estabelece três tipos básicos de variação linguística. I. Variação regional, associada à distância entre cidades, estados e regiões; II. Variação social, associada à diferença entre grupos socioeconômicos; III. Variação de registro, associada ao grau de formalidade do contexto interacional ou o meio usado para a comunicação. Em todos esses processos, a interação com o outro é que permite verificar tal heterogeneidade na língua.

Assim como muitos postulados iniciais apresentados por Weinreich, Labov e Herzog (1968), a partir do trabalho de análise com a Teoria da Variação e Mudança no campo da Sociolinguística, entendemos que a língua não é homogênea, e sim heterogênea, pois ela está sempre em grande mutação, sendo necessário que a estudemos no presente para que possamos entender melhor as mudanças existentes do passado, e, dessa forma, superar lacunas e muitos paradoxos que foram apresentados pelos modelos anteriores. Esse movimento de mudanças está associado ao princípio do uniformitarismo (LABOV, 1994) que se configura como pré-condição necessária, tanto para a reconstrução histórica, quanto do uso do presente para explicar o passado

(LEITE; CALLOU; MORAES, 1998). A observação de processos em curso permite entender fenômenos que aconteceram no passado.

A relação entre língua e sociedade é muito pertinente, pois se acredita que haja uma inter-relação entre as duas. Por isso, é possível considerar as variações como existentes e estudar a língua não só por ela própria, mas no indivíduo e, principalmente, na sua comunidade de fala. Desta forma, a análise sociolinguística possui um modelo teórico-metodológico que vê a língua falada de forma diversificada, razão pela qual considera a língua em seu contexto sociocultural, em virtude de a explicação para o fenômeno da variação não ser encontrada apenas nos fatores internos à língua, mas também nos fatores externos ao sistema linguístico.

Assim, neste estudo, adotamos o quadro teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV e HERZOG, (1968); LABOV (1994; 2003), por entendermos que esse campo de estudo se tornou uma área de grandes investigações nos últimos anos, com resultados que não são apenas descritivos das línguas enquanto sistema, mas que trazem outros valores nos âmbitos políticos e educacionais exigidos pelo mundo moderno.

Para iniciar as reflexões sobre os estudos de variação no uso da concordância verbal com a primeira pessoa do plural, é de extrema importância lembrar algumas considerações primordiais para o entendimento de tal fenômeno em estudo.

Primeiramente, conforme mencionado por diversos estudiosos, a questão da inovação do paradigma verbal do português brasileiro (PB) é um traço característico da identidade linguística brasileira (ARAUJO, 2012). O processo de variação/mudança envolvendo a primeira pessoa do plural pode ter se iniciado com a redução de um sistema com seis pessoas gramaticais.

O paradigma histórico pleno apresenta os pronomes: *eu, tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas* (três do singular e três do plural), em que é visível que existam seis formas verbais, uma para cada pronome pessoal. Com a implementação da forma *você* e *a gente*, em quase todo o território brasileiro, o paradigma verbal se reduz bastante para o sistema com quatro pessoas: *eu amo, você/ele/ela ama, nós/a gente ama (-mos), vocês/eles/elas amam* (duas no singular e duas no plural) e o de três pessoas: *eu amo; você/ele/ela/a gente ama; vocês/eles amam*. Se for considerado o extremo da redução da morfologia flexionada, típica nas classes menos favorecidas, entre falantes não escolarizados, é possível vislumbrar ainda uma redução maior, existindo apenas a oposição entre a primeira pessoa do singular e as outras, como em: *eu amo; você/ele/ela/a gente/vocês/eles ama*. É possível, portanto, sustentar a correlação entre variação e a entrada das formas pronominais *a gente e você* em referência pessoal.

Em estudo diacrônico, com base em textos escritos para teatro produzidos por autores bastante populares em seu tempo (que, embora não reproduza fielmente, se aproxima bastante da

fala), Duarte (1993, apud Duarte 1995, p. 19) observou que o PB evoluiu de um sistema de seis formas verbais distintas para três.

Tabela 3: Evolução dos paradigmas flexionais do português conforme Duarte (1993, apud Duarte 1995)

PESSOA	PRONOME	NÚMERO	PARADIGMA 1 (1845-1918)	PARADIGMA 2 (1937-1975)	PARADIGMA 3 (1992)
1ª	Eu	Singular	Cant- <i>o</i>	Cant- <i>o</i>	Cant- <i>o</i>
2ª direta	Tu	Singular	Canta- <i>s</i>	-----	-----
2ª indireta	Você	Singular	Canta-0	Canta-0	Canta-0
3ª	Ele	Singular	Canta -0	Canta-0	Canta-0
1ª	Nós	Plural	Canta- <i>mos</i>	Canta- <i>mos</i>	-----
	A gente	Plural	-----	Canta-0	Canta-0
2ª direta	Vós	Plural	Canta- <i>is</i>	-----	-----
2ª indireta	Vocês	Plural	Canta- <i>m</i>	Canta- <i>m</i>	Canta- <i>m</i>
3ª	Eles	Plural	Canta- <i>m</i>	Canta- <i>m</i>	Canta- <i>m</i>

Fonte: Duarte (1993, apud Duarte 1995)

A autora constatou que no paradigma 1 estavam em uso seis flexões verbais distintas. A partir do ano 1937, paradigma 2, observa-se o declínio do uso do pronome da 2ª pessoa direta (*tu/ vós*) em virtude da substituição pelo pronome *você*, apresentando neste período apenas quatro flexões verbais distintas. Os dados coletados no ano de 1992, que integra o paradigma 3, apresenta somente três formas flexionais distintas, justificado pelo inserção da forma *a gente*, em substituição do pronome *nós*, ocasionando a queda da flexão *-mos*.

Com base em estudos sobre a gênese da língua portuguesa do Brasil, pode-se afirmar também que o processo de colonização no Brasil favoreceu a diversidade linguística, levando à redução do paradigma flexional do PB. Índios de diversas tribos, europeus e africanos se comunicavam por uma língua geral, língua esta transmitida pela oralidade, sem controle de escolarização e em situações de aquisição imperfeita (ELIA, 1979, p. 189).

Assim, a reestruturação do paradigma de concordância verbal seria resultado dessa realidade linguística bem diversificada. Como consequência dessa redução, identificada em maior nível nas classes menos escolarizadas e com padrão econômico social inferior, vivenciamos um estereótipo sociolinguístico altamente estigmatizado que agrega uma sociedade vítima do preconceito linguístico, assunto que nos dias atuais já é apresentado como objeto de

discussão na mídia e na imprensa, o que contribui para maior divulgação, conscientização e reflexão sobre a língua.

Desta forma, acreditamos que há duas versões, que se complementam, para redução do paradigma flexional de concordância verbal com P4 no PB: 1) de caráter estrutural, que é justificada pela redução do quadro pronominal de seis formas verbais distintas que representam a expressão da combinação entre os traços de número e pessoa para um paradigma com três formas, em virtude do uso crescente da forma *a gente* em substituição do pronome *nós*, acarretando na queda da flexão *-mos*; e 2) uma interpretação de caráter mais sócio-histórica. Nesta versão, aventa-se a hipótese de que a questão do contato da língua portuguesa com as línguas africanas e com as diversas línguas indígenas já existentes no Brasil colaborou para redução do paradigma verbal do PB ou a chamada erosão da morfologia verbal de pessoa e número (LUCCHESI, 1999).

A política linguística no Brasil (ORLANDI, 2007; FIORIN, 2002; dentre outros) teve grande importância no meio acadêmico, comunicativo e social para difusão de uma nova concepção de língua (como objeto social). Muitos atuaram e continuam abordando o tema com postura reflexiva, indagadora e crítica sobre a língua, cultura, identidade e sociedade (BAGNO, 1999; RAJAGOPALAN, 2003; OLIVEIRA, 2003; dentre outros).

O Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL), desde 1999, vêm realizando projetos de interesse político-linguístico e lutando a favor do reconhecimento de línguas do Brasil. Integrado a essa equipe estão pesquisadores em todas as regiões do país, que desde a década de 1970 vêm desenvolvendo pesquisas e projetos coletivos para descrição da variedade brasileira do português, sobre os quais discorreremos a seguir.

Dentre os diversos linguistas, destacamos a pessoa do Prof. Dr. Nelson Rossi que pioneiramente descreveu a realidade dos usos linguísticos cuidadosamente documentados, e hoje, tais descrições têm contribuído, despertado a sociedade e alargado as possibilidades de entendimento no que se refere à diversidade da língua no PB.

Antes de elencarmos os estudos que tiveram como tema a CV, é preciso fazer a ressalva de que a CV com a P4 faz parte de um fenômeno da variação com a concordância verbal (a ausência de marca de morfema). Sendo poucos estudos específicos sobre CV em P4, foi feito um panorama geral do fenômeno variável da CV, incluindo os estudos que tiveram a terceira pessoa do plural (P6) como fenômeno de análise.

1.5.1 Pesquisas científicas pioneiras: CV com P4 e P6

1.5.1.1 Lemle e Naro (1977)

Sobre os estudos variacionistas que têm como fenômeno linguístico a Concordância Verbal (CV) no Brasil, mencionamos o trabalho precursor de Lemle e Naro (1977), os quais pesquisaram a CV a partir de um *corpus* constituído por entrevistas de estudantes cariocas participantes do projeto MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Os pesquisadores analisaram a questão da regra variável de concordância verbal de 3ª pessoa do plural (P6) e basearam a análise em critérios estilísticos, estruturais, semânticos e morfológicos e concluíram com resultado de sua pesquisa que os fatores *saliência fônica* (que se refere ao grau de diferenciação do material fônico na oposição singular/plural) e *posição do sujeito* em relação ao verbo foram variáveis condicionadoras para a aplicação da regra de concordância. Segundo Silva (2005, p. 215), a pesquisa de 1977 demonstrou que a categoria do sujeito posposto desfavorece a aplicação da regra, posição que os autores consideraram menos saliente.

1.5.1.2 Naro (1981)

Em 1981, Naro numa outra pesquisa realizada com estudantes pertencentes a uma classe menos favorecida e que também faziam parte do projeto MOBREAL, concluiu que o fator *classe social* influenciava diretamente na aplicação ou não da regra de concordância. Ou seja, a tendência a não aplicação da regra estava refletida nas classes socioeconômicas desfavorecidas. Outro fator condicionante aos resultados da sua pesquisa foi o fator *posição do sujeito em relação ao núcleo do predicado*. O estudo mostra que, quando este precede imediatamente o núcleo do verbo, favorece a aplicação da regra de concordância verbal no português popular. Naro (1981) concluiu que a variação em sua análise correspondia a uma mudança em curso, no sentido da perda da flexão de concordância.

1.5.1.3 Guy (1981)

Ao tomar como base o *corpus* do estudo de Lemle e Naro (1977), Guy (1981) analisa a falta de concordância verbal como tendência do português falado no Brasil, ao averiguar o uso

da 3ª pessoa do plural nos dados de falantes analfabetos do projeto Mobral. Nesta análise, o autor encontrou 43% de marcas de plural nos dados e destaca como fator importante para presença ou ausência da marca de plural nos verbos a variável *saliência morfológica do verbo*, concluindo que quanto maior a distinção entre as formas singular e plural, maior a concordância entre o verbo e o sujeito. O resultado das variáveis sociais *gênero* e *faixa etária* não permitiram conclusões, pois os números percentuais foram muito aproximados.

Em contrapartida aos resultados de Naro (1981), refletindo sobre a sócio-história demográfica do Brasil, o autor interpretou a variação como reflexo de aquisição da morfologia. Desde então, surgem às discussões a respeito da variação: se é uma continuação da deriva latina ou um produto do contato entre línguas ocorrido na história da implantação do português no território brasileiro.

1.5.1.4 Scherre e Naro (2007)

Dois autores que também têm contribuído para a disseminação dos estudos em concordância de número (Tanto nos nomes quanto nos verbos) são Anthony Naro e Marta Scherre. Tendo como *corpus* dados da fala, Scherre e Naro (2007, p.161) analisaram dados provindos do *Corpus* Censo do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), grupo de pesquisa organizado na década de 80, sediado no departamento de Linguística e Filologia de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nesse estudo, intitulado: “Preenchimento do sujeito pronominal e concordância variável no português brasileiro”, foram analisadas construções com sujeitos pronominais de terceira pessoa do plural (P6), explícitos ou nulos, com ou sem marca explícita de plural nos verbos.

Seus resultados mostraram que o verbo sem marca de plural desfavorece sujeito explícito, com peso de 0.31, e verbo com marca plural, relativamente, favorece sujeito explícito, com um peso de 0.55. Ou seja, a regra padrão é aplicada nos sujeitos explícitos. Outro dado importante é que a ausência de morfema explícito de plural nos verbos tende a favorecer estrutura com sujeito pronominal nulo (0.69).

Na análise da presença de sujeito pronominal de terceira pessoa do plural em função da marca de verbo, os resultados de Scherre e Naro (2007, p.169) converge aos resultados de Rodrigues (2004, p. 125) exposto abaixo:

Tabela 4: Frequência e probabilidade de não-concordância de acordo com a presença/ausência do sujeito pronominal em P6 segundo Rodrigues (2004, p. 125)

P6	Nº ocorr./ percentual	Peso relativo
Não pronominal	456/555=82%	.67
Explícito	348/483=72%	.45
Não-implícito	154/318=48%	.38
Total	958/1356=71%	

Fonte: Rodrigues (2004)

A tabela 4 revela que a presença/ausência dos pronomes **eles/elas**, em P6, interfere de maneira discreta na realização da regra de CV.

Quanto ao fator *grau de saliência da oposição*, tem-se mais uso do sujeito plural explícito quando a desinência verbal plural se apresenta menos saliente e menos uso de sujeito plural quando maior é o grau de saliência. Os autores enfatizam que a ausência de marca explícita de plural nos verbos não favorece o preenchimento da posição de sujeito com pronome explícito (Naro e Scherre, 2007, p. 171). Enfim, o comportamento de concordância e de preenchimento da posição de sujeito pronominal são parte de uma nova direção denominada pelos autores de paralelismo linguístico, que é a tendência de formas da mesma natureza tenderem a ocorrer juntas. Os resultados estatísticos dos autores mostram de forma conclusiva que as desinências explícitas e sujeitos explícitos tendem a caminhar juntos na fala, reforçando a mudança em direção à norma de prestígio.

1.5.2 P4: pesquisas científicas com variedade urbana popular

1.5.2.1 Rodrigues (1987)

Não podemos deixar de citar o trabalho pioneiro de Rodrigues (1987), uma das primeiras autoras a trabalhar o fenômeno da variação na CV. A autora traz uma análise variacionista sobre a concordância verbal com P4 e P6, demonstrando como a variedade popular falada por migrantes moradores de favelas em São Paulo é exemplar para se entender como as suas particularidades regionais típicas da zona rural ou das cidades do interior do Brasil assumem nas grandes cidades características de variedades sociais.

O material linguístico analisado pela autora correspondeu a um total de 2.049 orações com sujeito plural, sendo 693 de P4 e 1396 de P6. Em P4, 46% dos casos (321 ocorrências) foram de não concordância (RODRIGUES, 2004).

Levando em consideração somente os resultados em P4, a autora sustenta a hipótese de que o sujeito oculto favorece o uso de formas verbais marcadas, ou aplicação da regra-padrão (frequência de $49/188=26\%$ com probabilidade de 0,19 de não concordância em sua pesquisa), enquanto as formas verbais não-marcadas são preferentemente usadas com sujeito pronominal explícito (frequência de $257/483=53\%$ com probabilidade de 0,55 de não concordância).

Dois fatores extralinguísticos analisados pela autora mostraram relevância: *sexo* e *procedência dos informantes*. Os resultados quanto à variável *sexo* se opõem ao de pesquisas antes realizadas, as quais afirmavam que as mulheres têm a tendência de serem mais conservadoras na fala do que os homens. Contraditoriamente, os resultados da sua pesquisa revelaram que as mulheres nas comunidades analisadas tendem a usar as formas verbais não padrão (0,57), sem marcas formais de concordância do verbo com o sujeito P4, ou seja, o sexo feminino inibe o uso da concordância padrão.

Tabela 5: Frequência e probabilidade de não concordância verbal de P4 segundo sexo dos informantes RODRIGUES (2004, p. 127)

	P4	
Masculino	114/310= 37%	0,43
Feminino	207/383= 54%	0,57

Fonte: RODRIGUES (2004, p. 127)

Como demonstra a tabela acima, as mulheres tendem a usar as formas verbais não-padrão, sem marcas formais de concordância do verbo com o seu sujeito P4. Os homens se mostraram mais propensos à utilizar forma verbal padrão (0,43 probabilidade de não concordância verbal). Os resultados são diferentes, porém não se distanciam muito. A diferença está em 17%, o que não radicaliza favorecimento.

No que se refere ao fator *procedência*, a não aplicação da regra de CV em P4 identifica o falante analfabeto ou semi-alfabetizado como proveniente da zona rural, ou no caso das gerações mais novas como descendentes de migrantes rurais. A hipótese da autora era de que os falantes paulistas “errassem menos” dos que os falantes migrantes provindos de Paraná, Minas e Nordeste. Os resultados confirmaram a hipótese, mostrando que os paulistanos, nascidos na capital de São Paulo, tendem a efetuar a concordância com o sujeito plural com a

probabilidade de .24 de não aplicação da regra padrão, os mais baixos se comparados com a procedência de outros falantes da pesquisa (Noroeste de SP + norte do Paraná= .73; norte de Minas + Sul da Bahia=.42; Nordeste= .63). Por isso, os migrantes esforçam-se para apagar suas raízes linguísticas e equiparar-se linguisticamente aos falantes da zona urbana, a fim de não serem chacoteados e estarem livres do preconceito social e linguístico.

Assim, para que reforcem seus laços com a realidade urbana, Rodrigues (2004) conclui afirmando que a CV em P4 constitui um traço saliente do vernáculo popular da cidade grande; o migrante, principalmente do sexo masculino, é considerado o agente propulsor para a mudança linguística. Hipóteses passadas concluíram que as mulheres apagavam as marcas do verbo favorecendo a não aplicação da regra de plural. Esse fato era justificado com base na questão da transição rural-urbano. Nessa mobilidade, as mulheres ficaram mais limitadas a realizar trabalhos domésticos e tiveram, assim, menos acesso ao português urbano. Diferentemente dos homens que, em sua maioria provinda dos interiores, precisam se adequar ao ambiente urbano e, conseqüentemente, ficam mais expostos à cultura dominante do que as mulheres.

Após a pesquisa pioneira de Bortoni-Ricardo (1985) – a qual será citada na próxima seção por ter como *corpus* falar rural – e Rodrigues (1987), em que ambas tiveram como fenômeno a CV em P4 inclusa em seus estudos, foram abertos diversos olhares em muitos campos de pesquisa, especificamente com este fenômeno em todo o Brasil, conforme se constatará a seguir.

1.5.2.2 Zilles, Maya e Silva (2000)

Outra contribuição para os estudos sobre o uso variável de formas verbais com P4 foi dada por Zilles, Maya e Silva (2000) que investigaram o uso da 1ª pessoa do plural em entrevistas realizadas em Porto Alegre e Panambi, as quais constituem parte da amostra do projeto VARSUL (Projeto de Variação Linguística Urbana na Região Sul), considerando falantes da zona urbana e teve como objetivo verificar quais fenômenos linguísticos e sociais se correlacionam a este fenômeno, contribuindo para as discussões a respeito da extinção ou da sua forma ativa na língua falada.

As hipóteses testadas nessa análise foram a favor de que a forma verbal proparoxítona, informantes com menor grau de escolaridade e informantes residentes em Panambi (em decorrência da aquisição tardia do português pelos falantes bilíngues dessa

comunidade) favorecessem a omissão da desinência número-pessoal *-mos*. A variável neste estudo ficou definida como desinência número-pessoal com primeira pessoal do plural (DNP-P4), abarcando as variantes DNP-P4 padrão *-mos*, DNP-P4 não-padrão com apagamento do /s/ (*-mo*) e DNP-P4 não padrão com desinência zero.

A análise estatística foi feita em três etapas: a) na primeira rodada, investigou-se a distribuição das três variantes, mediante uma rodada em que a variável dependente era ternária; b) na segunda, considerou-se a omissão da desinência (zero) *versus* *-mo* e *-mos* reunidos (rodada com variável dependente binária); c) na última rodada, examinou-se a alternância das formas *-mo* e *mos*, excluindo os casos de omissão da desinência (rodada binária).

Os resultados obtidos através desta pesquisa mostraram que orações com DNP-P4 padrão (53%) ou DNP-P4 com apagamento /s/ (*-mo*) (34%) predominam em relação ao zero na amostra (13%). Concentrando nosso olhar nos resultados da segunda etapa da análise estatística, em que os autores examinaram a omissão *versus* a realização da desinência, as variáveis selecionadas como relevantes no *corpus* dessa pesquisa citada foram: *sílabas tônicas*, *posição do sujeito em relação ao verbo*, *comunidade* e *escolaridade*. O resultado do grupo de fatores *sílabas tônicas* confirmou a hipótese inicial de que palavras proparoxítonas favorecem a omissão *-mos* (peso relativo 0.97).

Quanto à variável *posição do sujeito*, os resultados mostraram que a posposição e a distância de mais de 3 sílabas, do sujeito ao verbo, são os fatores que favorecem a desinência zero. Ou seja, à medida que aumenta a distância entre o verbo e o sujeito, há maior probabilidade de ocorrer desinência zero.

Quanto à variável social *escolaridade*, constatou-se que os falantes com escolaridade primária favorecem a desinência zero, com peso de 0.74 na omissão da desinência verbal, ao passo que os falantes com segundo grau a desfavorecem fortemente, com peso de 0.25. Com base nesse peso relativo, os autores revelam que o fenômeno não se restringe aos *não ou menos escolarizados*. Os informantes escolarizados também variam seu uso linguístico omitindo a desinência verbal em alguns casos.

Com relação à *comunidade*, os resultados mostraram que os moradores de Panambi favorecem a omissão da desinência, com peso 0.57, ao passo que Porto Alegre a desfavorece, com peso de 0.41. Por causa de tais resultados, os autores supõem influências do contato de línguas (bilinguismo alemão-português) na omissão da desinência. Segundo a sócio-história da região, houve uma aquisição tardia do português, geralmente na escola, nessas comunidades bilíngues, implicando menor controle da concordância padrão.

Em geral, os resultados mostraram que o morfema de plural não está em extinção, pois prevalece em maiores dados, tanto na forma padrão *-mos* (579 casos, 63%) quanto na forma não-padrão com apagamento do /s/ (*-mo* em 347 casos, 37%), ao invés de sua ausência.

1.5.2.3 Araújo (2010)

Em seu estudo no ano 2010, utilizando amostra constituída do projeto *Em busca das raízes do Português Brasileiro*, coordenado pela Profa. Dra. Eliana Pitombo (NELP/UEFS), que tem como amostra doze entrevistas da variedade popular urbana do português de Luanda-Angola, focalizando o uso variável referente à primeira e à terceira pessoa do plural (P4 e P6).

No que diz respeito a P4, foco desta pesquisa, foram analisados 174 dados, utilizando a metodologia laboviana. As variáveis consideradas foram: (1) *realização do sujeito*; (2) *saliência fônica*; (3) *correlação com o pronome sujeito*; (4) *sexo*; (5) *língua nativa* e (6) *faixa etária*.

Os resultados iniciais fornecidos pelo apontaram para uma predominância do uso de marcas de plural (com um percentual de 94.3%), exibindo uso categórico (103/103) quando o sujeito referencial não está expresso. O sujeito se apresentou explícito com morfema de plural em 61/71 dados (86.9%).

As variáveis selecionadas pelo programa GOLDVARB X como contextos favorecedores da aplicação da concordância com P4 foram as variáveis: *realização do sujeito* (fator condicionador - a presença do pronome *nós* com 54/55 ocorrências que resultaram no peso relativo 0.71) e *língua nativa* (fator condicionador - as línguas africanas com 110/119 ocorrências que resultaram no peso relativo .55), tendo descartado as variáveis *sexo*, *faixa etária* e *saliência fônica*.

A autora concluiu que a marcação de plural é muito presente no Português Popular de Angola, mesmo quando o sujeito já está expresso com a forma *nós*, o que levou a afirmar que a gramática natural da comunidade é marcada por formas explícitas de plural. Os resultados de Araújo (2010) mostrou que concordância é favorecida quando o sujeito é nulo, com peso relativo de .65 e que informantes do sexo feminino favorecem o uso de marcas de plural nas formas verbais, valor de .62.

1.5.3 P4: pesquisas científicas contrastivas PB X PE

1.5.3.1 Araújo (2012)

Araújo (2012), deu enfoque a pesquisas que possibilitam a discussão sobre a formação e a caracterização do português brasileiro atual. Foram reunidas evidências para sustentar o caráter inovador do PB em relação ao PE. Nesse artigo, a autora discute o tema da concordância verbal de número no português brasileiro, apresentando uma revisão de alguns estudos já realizados e focalizando também os resultados de uma pesquisa contrastiva realizada por ela acerca da concordância verbal com a primeira pessoa do plural com dados do português brasileiro (PB) e do português europeu (PE).

O artigo teve como objetivo demonstrar que a redução das marcas flexionais no PB é resultante do contato linguístico muito presente na sócio-história do PB. Para tanto, a autora fez uma descrição da variação na concordância verbal em diferentes amostras da língua portuguesa, a saber: na arcaica, na europeia, na rural afro-brasileira e na brasileira (dessa última, em suas normas cultas e populares). Araujo (2012) concluiu que, embora o contexto sócio-histórico do período da formação da realidade sociolinguística brasileira não tenha dado ensejo à formação de línguas crioulas prototípicas, não se pode deixar de ver, ainda hoje, no português popular brasileiro, influências do intenso contato entre línguas, bem como das situações de exclusão social sofridas pela população afrodescendente ao longo da história do Brasil.

1.5.3.2 Rubio (2012)

Rubio (2012) apresenta uma análise comparativa de fenômenos relacionados à concordância verbal e à alternância pronominal de primeira, segunda e terceira pessoas do singular e plural no português brasileiro e no português europeu (PE), com a intenção de reunir mais evidências para a discussão da origem das variedades da língua portuguesa hoje presentes no Brasil. O autor utilizou como *corpora* para investigação da fala do interior paulista e da fala do português europeu, amostras da região noroeste do estado de São Paulo, provenientes do Banco de dados de Iboruna e amostra de diversas regiões do território português que integram o *corpus* de referência do Português Contemporâneo.

Sobre a CV de primeira pessoa do plural (1PP), com o pronome *nós*, na variedade PE pesquisada, não houve variação. Com isto, o autor afirma que o emprego de formas verbais de

1PP junto do pronome *nós* é categórico. Os resultados mostraram que dentre 276 ocorrências consideradas do *corpus* de referência do português contemporâneo (CRPC), não se verifica uso de formas de terceira pessoa do singular (3PS) ou de formas diferentes das de 1PP. Assim, predomina de forma categórica, no PE, o uso padrão da CV.

A forma pronominal *a gente* no PB e no PE é complementada com variantes em concorrência, verbos de 1PP e verbos em terceira pessoa do singular (3PS).

A CV com o pronome *nós* no PB resultou em 85,5% de uso de formas verbais com desinência de 1PP e 14,5% de uso de formas de 3PS. Na CV com *a gente*, o uso majoritário do verbo é com desinência de 3PS (93,9%) e apenas 6,1% de uso de formas de 1PP.

A CV com o pronome *nós* no PE resultou 100% de uso de formas verbais com desinência de 1PP. Na amostra, não há ocorrência de uso dessa forma com desinência de 3PS. Para a forma *a gente*, o autor encontrou 75,5%, de emprego de formas verbais com desinência de 3PS e 24,5% de uso de formas verbais de 1PP.

Considerando que as variedades do português apresentam percentuais gerais discrepantes em relação à alternância pronominal de 1PP, Rubio (2015, p. 97), apresenta as diferentes variáveis linguísticas e sociais bem como a posição de relevância no processo de variação das amostras.

Variáveis \ Fenômeno	<i>Nós X A gente</i>	
	Português do Interior Paulista-Iboruna	Português Europeu- CRPC
Paralelismo linguístico discursivo	1°	1°
Saliência fônica verbal	2°	Não selecionado
Grau de determinação do sujeito	5°	Não selecionado
Tempo e modo verbal	6°	Não selecionado
Preenchimento do sujeito	Não selecionado	Não selecionado
Escolaridade	4°	2°
Faixa etária	3°	Não selecionado
Gênero	Não selecionado	3°

QUADRO 1- Ordem de seleção dos grupos de fatores considerados para o fenômeno de alternância pronominal de primeira pessoa do plural no Português Europeu e no Português Brasileiro do Interior Paulista

Fonte de pesquisa: Rubio (2015)

É possível observar, no quadro, que apenas as variáveis paralelismo linguístico discursivo (variável linguística) e escolaridade (variável social) foram selecionadas pelo programa como significativo nos dois *corpora*.

Saliência fônica verbal, grau de determinação do sujeito e tempo e modo verbal foram selecionados apenas para as amostras do PB.

Diante de tantos trabalhos realizados, podemos considerar que o estudo da concordância verbal tem sido um assunto recorrente na perspectiva variacionista, sendo bastante focalizado na variação na terceira pessoa do plural (P6) e está mostrando avanço crescente em pesquisas que delimitem as variações com a primeira pessoa do plural.

As pesquisas de Lemle e Naro (1977), Guy (1981), Rodrigues (1987), Scherre e Naro (1997), Zilles, Maya e Silva (2000), Araújo (2010), Rubio (2012) foram realizadas levando em consideração dados da fala urbana, o que nos instiga a pesquisar por outro viés, evidenciando a fala rural, que carece de mais pesquisas.

Diante do que foi exposto sobre o estudo da CV em P4, a variável *saliência fônica* foi do mesmo modo selecionado como variável significativa (LEMLE E NARO, 1977; e GUY, 1981). Por meio dos resultados, podemos entender a relação do grau de saliência e o emprego da concordância verbal.

A posição do sujeito foi outro fator perceptível e em relevância nos trabalhos de Lemle e Naro, 1977; Naro, 1981 e Zilles et al, 2000, referidos nesta seção. Vimos que as três pesquisas citadas acima confirmam que sujeitos antepostos aos verbos tendem a manter a concordância entre o pronome de primeira pessoa e o verbo.

O *sujeito nulo* também se apresenta como fator favorável ao uso de formas verbais marcadas tanto em Rodrigues (1992) quanto em Zilles, Maya e Silva (2000), Rubio (2012) e Araújo (2010). Estes pesquisadores se dedicaram a estudar de forma conjunta a primeira e terceira pessoa do plural, ou primeira pessoa do plural e alternância da forma *a gente*.

Diante de tantos dados, os quais fundamentaram nossa revisão da literatura, podemos direcionar esta pesquisa confirmando algumas de nossas hipóteses sugeridas e contribuindo, a partir de nossos resultados, para com os estudos de concordância verbal com a primeira pessoa do plural no Brasil.

1.6 CONCORDÂNCIA VERBAL E A FALA RURAL

Como afirma Silva (2005, p. 59), a colonização do Brasil está diretamente ligada ao meio rural, já que, antes de se construírem cidades, foram criados engenhos, sítios e fazendas. Esses espaços tiveram suma importância, no início da colonização, pois neles estava o núcleo de ocupação humana, que possuía mais poderes do que altos cargos da política tradicional da época.

Era também nesses espaços que se desenvolviam a agricultura, a formação de diferentes classes, a venda e troca de escravos, a produção nos engenhos para exportação favorecendo o comércio e muitas outras atividades. Era nesse lugar onde “os grandes”, assim chamados, possuíam poder administrativo e político na região.

Com a intenção de dominar as terras, explorar suas riquezas, a Coroa Portuguesa ocupava a costa litorânea e o interior a fim de que tivesse a riqueza ao alcance de suas mãos e sem que outros domínios ameaçassem sua exploração. Assim, nos primeiros anos de colonização, o domínio rural predominava sobre o urbano.

Após o período colonial e imperial, no século XX, deu-se início o período republicano. Essa mudança de configuração deu-se de forma lenta e pouco incentivada pela elite, que tinha interesse em permanecer no campo porque lá estava sua fertilidade econômica. A situação estava, pois, a caminho de mudança, com o advento da República, desencadeando o processo de rápido crescimento urbano no Brasil.

Dessa maneira, o processo de urbanização no Brasil trouxe consigo impactos na língua falada pelas comunidades rurais e pequenas comunidades urbanas brasileiras. A difusão da língua e da cultura marcada pela diversidade de contatos contribuiu para a formação do português popular do Brasil, que se caracteriza por tantos fenômenos variáveis fruto dessa sócio-história.

Foram os dialetólogos e filólogos do século passado os pioneiros no campo de pesquisa voltados às descrições do dialeto e variações de seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe e semântica). Antenor Nascentes, Mario Marroquim e Amadeu Amaral confirmaram em suas pesquisas a variação da concordância verbal. Esses autores, com suas viagens pelas comunidades interioranas, perceberam na fala popular a ausência de marcas de plural nos verbos. Daí a importância do estudo a ser feito com dados do português popular contemporâneo falado em comunidades rurais baianas. Esta dissertação buscou investigar a validade de descrições outrora já feitas, a exemplo da erosão na morfologia flexional, o que permitirá observar o processo de não realização de marcas de flexão de número e pessoa, que era geral no interior do Brasil no início do século XX e, atualmente, podemos demonstrar através dos dados quantitativos que este fenômeno ainda está em variação.

Nascentes (1922) descreveu o “linguajar carioca”, mostrando as simplificações que ocorriam na fala popular, assim como fez Amaral (1976 [1920]) para com o dialeto do interior paulista, afirmando que “com suas deturpações, o povo, como fez com as flexões nominiais, corrompeu as flexões verbais, resultando daí as faltas de concordância” (NASCENTES, 1922, p. 94). Isto revela que a falta de concordância entre o sujeito e o verbo era generalizada. Marroquim

(1945 [1934]) descreveu a língua falada por analfabetos nos Estados de Alagoas e Pernambuco e, da mesma forma que Nascentes, verificou a não aplicação da regra explícita de concordância verbal. O autor afirma que “a simplificação atingiu a pessoas e tempos, mas, sobretudo a pessoas, ficando reservado quase que só aos pronomes o papel de determiná-las” (MARROQUIM, 1945 [1934] p. 88).

Assim, podemos perceber que falta de concordância é um dos fatos sintáticos mais evidentes da língua portuguesa, ficando comprovada por meio dos testemunhos desses pesquisadores na descrição do PB do século passado.

1.6.1 P4: pesquisas científicas pioneiras com variedade rural

1.6.1.1 Nina (1980)

No que se refere aos estudos em CV em localidades rurais, observamos que Nina (1980) *apud* Almeida (2006) analisou a concordância nominal e verbal na fala de informantes da micro-região de Bragantina, no Estado do Pará.

Ela considerou a CV na 1ª e 3ª pessoas do singular e do plural. Levando em consideração apenas os resultados em P4, as variáveis relevantes em seu estudo indicaram que os grupos de fatores *tempo verbal*, *posição do sujeito*, *gênero* e *faixa etária* tiveram pesos significantes.

O verbo no pretérito perfeito do indicativo é o contexto mais favorável para a presença da desinência 1ª pessoa do plural (1PP) com 81% de ocorrências de concordância com este tempo verbal. A análise do fator posição do sujeito mostrou que o sujeito imediatamente anteposto ao verbo obtém 37% para 1PP.

O sujeito oculto favorece a aplicação da regra de concordância de forma categórica, atingindo 100% de uso da desinência para P4. A variável social *gênero* mostrou que os informantes do sexo feminino estão mais próximos da norma padrão com 45% de aplicação das regras de concordância, enquanto os homens apresentaram a marca de plural em 38% dos casos. Os mais jovens exibiram os maiores níveis de aplicação da regra, exibindo 61,14% de aplicação de regra de concordância.

1.6.1.2 Veado (1982)

O falar rural também é estudado por Veado (1982), que contribuiu para com os estudos dialetológicos do português do Brasil. Fruto de sua dissertação de mestrado, a autora descreveu os comportamentos gramaticais de natureza morfossintática da microrregião Sanfranciscana de Januária, em Minas Gerais.

Os dados que compuseram essa amostra basearam-se em 45 gravações informais. No que se refere à concordância, a autora reconhece a existência de variação na aplicação da regra de concordância verbal no *corpus* analisado; ratifica o paradigma pronominal em quatro pessoas, porém não mostra resultados quantitativos para que possamos descrever melhor seu estudo. Limita-se à descrição do dialeto mineiro, contribuindo, muito mais, descritivamente para com os estudos dialetológicos do que para com os estudos sociolinguísticos quantitativos.

1.6.1.3 Machado Vieira (1997)

Machado Vieira (1997) realizou um estudo da alternância *nós* e *a gente* na função sintática de sujeito. Com o aporte teórico metodológico da Sociolinguística Laboviana, verificou contextos linguísticos e extralinguísticos condicionadores do uso de um pronome em detrimento do outro, com base na premissa de que essa variação pronominal não é aleatória, mas decorre de fatores de natureza morfossintática, semântica, discursiva e de caráter social.

A autora utilizou *corpus* da APERJ (Atlas Etnolinguístico dos pescadores do Estado do Rio de Janeiro) que apresenta o desempenho linguístico de 72 pescadores, todos do sexo masculino, analfabetos ou parcialmente escolarizados, distribuídos na faixa etária jovem (18 - 35 anos), adulto (36 - 55 anos), idoso (56 - 70 anos).

Para o uso da forma pronominal, conforme já comentado neste trabalho, o resultado geral demonstrou que o uso da forma *a gente* é significativamente maior (72%) ao invés de *nós* (28%).

Das variáveis independentes averiguadas, tiveram comportamento significativo as variáveis: paralelismo formal no nível discursivo (ao iniciar uma sequência discursiva, o falante manteve a forma inicial de referência à 1ª pessoa do plural); grau de determinação do referente (os contextos de referência explícita ou parcialmente determinada favorecem o uso de *nós*); tipo semântico-funcional de verbo (há maior tendência ao uso de *nós* com verbos que expressam posse, descrição da realidade, localização identificação do sujeito, dentre outros); faixa etária

(mais jovens mostram-se propensos ao uso da forma *a gente* e os mais idosos, à do pronome *nós*); localidade (São Fidelis e Itaocara revelaram maior tendência ao uso de *nós*); saliência fônica (níveis mais salientes favorecem uso de *nós*) e tempo verbal (o presente do indicativo com idéia de futuro e demais pretéritos do indicativo tende a ocorrer mais frequente do que o pronome *nós*).

1.6.1.4 Almeida (2006)

Almeida (2006) pesquisou a concordância verbal de 1ª, 2ª e 3ª pessoas do plural na comunidade rural afro-brasileira de São Miguel dos Pretos, situada no Rio Grande do Sul. Nessa análise, a variável dependente foi definida como padrão *versus* não padrão, incluindo nesta última tanto os casos de desinências divergentes do padrão quanto os casos de desinência zero, de modo que a variável foi ternária. No geral, as análises mostraram que houve 26% de emprego de formas padrão contra 74% de formas não padrão, esse integrado por 53% de dados com redução da desinência (*nós plantamu, vocês/eles plantu*) e 21% dos dados com desinência número-pessoal zero (*nós planta, vocês/eles planta*).

Com relação à desinência de número na primeira pessoa do plural (DNP4), 27% dos dados mostraram ausência de DNP4 e 73% dos dados de presença. A autora encontrou evidências favoráveis à hipótese da aquisição das formas verbais padrão das pessoas do plural pela comunidade através das novas gerações, o que foi revelado a partir da consideração da variável faixa etária. Os resultados referentes a essa variável mostrou que os jovens, por estarem em contato com as formas padrão da língua e por terem mais oportunidade de adquiri-las na escola, usam mais o padrão em 40% das vezes, com o peso relativo de 0.67.

Em contrapartida, os informantes da faixa etária mais alta têm apenas 16% e peso relativo de 0.7 de ocorrências de padrão. Apesar de os falantes de São Miguel dos Pretos possuírem baixa escolaridade, a comunidade apresenta 73% de presença de desinência número-pessoal em P4. A autora justifica o resultado devido às atividades desenvolvidas pelos habitantes fora da comunidade, o que resulta em contato com a variedade que apresenta mais concordância.

A variável *saliência fônica* se mostrou significativa, mostrando tendência ao desfavorecimento dos primeiros níveis no emprego de desinência número-pessoal em P4 (DNP4), porque apresentam oposições menos salientes.

Os verbos dos últimos níveis e o sujeito anteposto favorecem a presença de desinências resultando entre 31% e 56% de CV em *verbos mais salientes* e 47% mostrando CV em *sujeitos antepostos*.

A distribuição da variável faixa etária revela que os mais velhos empregam a desinência número-pessoal em 66% das vezes, enquanto jovens e adultos apresentam percentuais muito 77% e 79%². Reconhecida como comunidade quilombola, a pesquisa na comunidade São Miguel dos Pretos revelou um processo de mudança geracional, da faixa etária jovem, devido ao aumento de escolaridade dos moradores do local, bem como intenso contato com falantes de outras variedades.

1.6.1.5 Lucchesi, Baxter e Silva (2009)

Num estudo sociolinguístico que teve amostras da fala de quatro comunidades rurais afro-brasileiras no interior do Estado da Bahia, realizadas por Lucchesi, Baxter e Silva (2009), verificou-se que a frequência do uso do morfema *-mos* (e alomorfes *-mo* e *-emo*) nos verbos junto a sujeitos representados por *nós* é de apenas 18%. Os autores afirmam que essa baixa frequência do emprego de alomorfes da forma padrão *-mos* da desinência de 1PP e o apagamento do *-s* final do morfema são aspectos mais frequentes na fala popular brasileira do que na culta. A alternância da vogal temática, como em *nós chegemo* em vez de *nós chegamos*, é bastante estigmatizada e conhecida como símbolo da fala “caipira”.

Assim, os autores defendem que esses processos de mudança foram induzidos pelo contato prolongado entre línguas. A perda, ou variação no uso, da morfologia flexional e palavras; alteração dos valores dos parâmetros sintáticos; gramaticalização de itens lexicais constitui características fundamentais desse processo chamado de transmissão linguística irregular, que constitui um contínuo de níveis diferenciados de socialização/ nativização de uma língua segunda, adquirida massivamente, de forma mais ou menos imperfeita, em contextos sócio-históricos específicos (LUCCHESI, 2003, p. 274). A quantidade e a intensidade das mudanças ocorridas num curto tempo são aspectos que diferenciam este processo dos processos linguísticos de outras línguas.

O *corpus* da pesquisa feita por Lucchesi (2009, p. 363) foi constituído por 24 entrevistas realizadas com moradores que tinham pouca ou nenhuma escolaridade das

² A autora não apresenta pesos relativos nessa variável. Por isso, utilizamos os resultados percentuais por ela apresentado.

comunidades de Sapé (município de Valença, no Recôncavo Baiano); Helvécia (Município de Nova Viçosa, o extremo Sul do Estado); Barra e Bananal (Município de Rio de Contas, na Chapada Diamantina); Cinzento (Município de Planalto). Das amostras, foram separadas 480 ocorrências de formas verbais com sujeito *nós*. Apenas 18% (84/480) dos casos tiveram realização do *-mos/-mo/-emo* representando a forma padrão e 82% (396/480) estavam sem morfema.

Desta maneira, é perceptível considerar que a frequência de aplicação da regra de concordância é muito baixa. Na análise, o programa de regras variáveis selecionou como relevantes as variáveis: *Realização e posição do pronome sujeito, paralelismo discursivo e saliência fônica*.

Assim, como tem sido atestada em outras pesquisas, a presença do sujeito imediatamente antes do verbo e o sujeito nulo têm sido fatores favoráveis a aplicação da regra de concordância verbal. Os percentuais do sujeito nulo corresponderam mais do que o dobro da frequência geral, mostrando 38% *versus* 18%; com peso relativo de 0.88, como mostra a tabela abaixo.

TABELA 6: A concordância verbal com a primeira pessoa do plural no português afro-brasileiro segundo a variável *realização e posição do pronome sujeito*

REALIZAÇÃO E POSIÇÃO DO SUJEITO	N DE OC./ TOTAL	FREQ.	P.R.
Sujeito nulo	38/99	38%	.88
Sujeito imediatamente antes do verbo	38/304	13%	.38
Sujeito antes do verbo (não adjacente)	08/72	11%	.37
Total	84/475	18%	-

Fonte: Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 365)

Podemos ver também que o sujeito *separado por algum constituinte* (na tabela 5 o sujeito é denominado de *não adjacente*) desfavoreceu a aplicação da regra de concordância, com 11% de frequência e peso relativo de 0.37 respectivamente.

A posição do sujeito, que tem se mostrado um fato bastante desfavorecedor da concordância verbal em diversas pesquisas (COSTA, 1994, p.319; NARO E SCHERRE, 2007, p. 95; SANTOS, 2010, p.107), ocorreu em um nível insignificante na amostra dos autores.

A variável *Paralelismo Discursivo*, que constitui o ato em que o falante tende a repetir suas escolhas na cadeia da fala, mostrou-se significativa na análise. A presença de uma forma verbal marcada na oração anterior foi o fator que mais favoreceu a aplicação da regra de concordância verbal, com frequência de 48% (peso relativo de 0.72).

A *saliência fônica*, considerada uma variável clássica nas análises variacionistas nos estudos que abordam a concordância como fenômeno de investigação, exibe um comportamento crescente, assim como nos resultados de Naro e Scherre (1999). A aplicação da regra mostrou-se mais frequente a partir do nível (3), onde V/ V-*mos* é tônica nas duas formas (singular e plural/ está/estamos), (4) a oposição V/ V-*mos* é tônica nas duas formas ocorrendo semivogal que não ocorre na segunda (comeu/comemos) e (5) oposição V/ V-*mos* é tônica nas duas formas com mudança de radical (é/ somos). A frequência de concordância nesses níveis passa de 0.5 % (nível 2) para 33% (nível 5). O peso relativo salta de 0.25 para 0.80, apresentando uma escala crescente de aplicação de regra de concordância.

Outra variável, que não foi selecionada, porém teve importância para interpretação dos dados, é a variável *faixa etária*, que confirma as hipóteses de Nina (1980) e Bortoni-Ricardo (1985). Ambas as pesquisas revelam um indício de mudança sobre a questão de que houve um aumento do uso da regra da concordância verbal por falantes mais jovens que resultou 19% uso de CV. Os falantes acima de 60 anos exibiram 16% de CV no uso. Lucchesi (2009, p. 368) chama tal fato de processo de implementação da regra de concordância na gramática das comunidades de fala analisadas.

1.6.1.6 Bortoni-Ricardo (2011)

Bortoni-Ricardo (2011 [1985]) investiga como migrantes rurais se ajustam a um ambiente urbano. Seu estudo com a variedade (r)urbana popular considera a fluidez da situação do contato aspecto característico de mudança linguística.

A autora apresenta o estudo sobre a concordância verbal com 1ª e 3ª pessoas do plural com base num *corpus* constituído de entrevistas feitas com pessoas analfabetas ou semi-alfabetizadas que migraram da zona rural da região do Alto da Parnaíba, em Minas Gerais, para se estabelecerem na cidade satélite de Brasília, chamada Braslândia.

O contato com a variedade padrão e prestigiada gerou mudanças na fala desses moradores. Os resultados da pesquisa revelaram que informantes do meio rural, considerados falantes de uma variedade estigmatizada, estariam adquirindo as desinências verbais do plural. Para verificar a hipótese de que existem relações estatísticas entre as características da rede social de uma pessoa e seu comportamento linguístico, a autora analisa a relação da regra variável de concordância.

As variáveis consideradas foram *posição do sujeito*, *posição dos acentos nos verbos*, *faixa etária* e *gênero*. A média da aplicação da regra foi 685/1224 ocorrências, que gerou uma frequência de 56% (BORTONI-RICARDO, 2011 p. 237).

Quanto ao fator *posição do sujeito*, a autora constatou 47% de concordância no uso quando sujeito está anteposto ao verbo; 34% quando sujeito está separado por alguma palavra antes do verbo; 29% em casos de sujeito posposto e 84% em sujeitos implícitos. Essa última frequência confirma a necessidade que o falante tem de marcar o verbo para identificar o sujeito quando ele não está revelado.

A *posição dos acentos nos verbos* paroxítonos (falamos, andamos) atestou maior frequência apresentando sufixo de número e de pessoa, enquanto os verbos proparoxítonos (falávamos, andávamos) foram marcados morfológicamente em apenas 10% dos casos. Esse resultado confirma a tendência da supressão da sílaba átonas finais em palavras proparoxítonas, principalmente falantes da variedade rural.

A análise da *faixa etária* mostrou CV com 48% de frequência na fala dos mais velhos e 82% nos mais jovens. Na variável gênero, 66% dos casos mostraram CV na fala dos homens e 42% das ocorrências em mulheres. Bortoni (2011, p. 237) argumenta que os migrantes do sexo masculino por estarem mais expostos às relações comunicativas (trabalho/comércio/negociações onde permeiam variedade padrão) ajustam sua fala durante o processo de adaptação ao novo ambiente urbano. Para cumprir exigências de trabalho e estarem inseridos no mercado linguístico desse ambiente, os migrantes se apresentaram mais próximo à cultura dominante do que as mulheres. Essas preservaram mais traços da variedade de origem por estarem restringidas a relações comunicativas que não exigiam variedade linguística idealizada (serviços de trabalho doméstico ou autônomos).

1.6.1.7 Scherre, Yacovenco, Naro (2015)

Os autores discutem o encaixamento linguístico da variação e mudança com os pronomes *nós* e *a gente* no PB. Com base nas amostras de pesquisas já realizadas, re-analisam a tendência na concordância variável do falar cuiabano a partir do estudo de Dettoni (2003) e a fala capixaba segundo dados de Yacovenco et al (2012).

A variante padrão (*nós* com concordância), a variante com estigma (*nós* sem concordância) e a variante sem estigma (*a gente* com concordância) representam as variantes

analisadas nas amostras. Através dessa análise ternária os autores focalizam a reflexão no efeito do tempo verbal do modo indicativo no uso dessas variantes nas respectivas amostras.

O resultado geral dos dados da Baixada Cuiabana (Mato Grosso) mostrou frequência de 26% (201/775) em dados apresentando *nós* com verbo na forma padrão; 29% (223/775) de ocorrências da forma pronominal *nós* sem concordância e 45% (351/775) de dados predominando a forma *a gente com concordância*.

Os dados de Vitória-Espírito Santo foram mais representativos do que os dados da amostra de Mato Grosso. O resultado geral mostrou 27% (406/1521) de frequência para uso de *nós* com verbo na forma padrão; apenas 4% (57/1521) ocorrências de *nós* sem concordância e 69% (1058/1521) dados apresentando a forma *a gente* como sujeito.

Podemos perceber que há alternância pronominal nas análises com favorecimento ao uso da forma *a gente*.

Em todas essas pesquisas localizadas, percebemos que há evidências em favor de um processo de incremento de emprego do morfema verbal da 1ª pessoa do plural especificamente nas comunidades rurais, foco desta pesquisa. Possivelmente, esse quadro de tendência de mudança aquisicional da regra de CV, a qual se observou nas pesquisas acima na norma popular em diferentes regiões no Brasil e em diferentes anos, esteja em amplo crescimento devido a algumas questões.

Primeiro, é preciso ressaltar que as comunidades rurais estão se urbanizando. Está cada vez mais difícil delimitar o que é rural e o que é urbano. Alguns estudiosos defendem a idéia de que há um “*continuum*” entre essas zonas, pois as cidades não estão sendo identificadas mais por agregar somente atividades industriais, nem os campos somente com a agricultura e a pecuária. Esse contínuo também está presente na linguagem.

Bortoni-Ricardo considera que, “no contínuo de urbanização, não existem fronteiras rígidas que separem os falares rurais, rurbanos e urbanos. As fronteiras são fluidas e há muita sobreposição entre esses tipos de falares” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 53). Assim, os níveis linguísticos (rural, *rurbano*, urbano) não são vistos de forma isolada, há uma realização social que não se acaba nos limites de suas fronteiras, mas se adapta em diversos locais coincidindo essa variedade. O termo *rurbano* criado pelo sociólogo inglês Charles Galin e divulgado pela autora citada acima, assegura a existência de traços característicos na fala da zona rural, traços característicos na fala da zona urbana e há variações comuns que se ajustam no dia-a-dia do falante urbano sem ganhar nenhuma carga de avaliação devido ao uso demasiado da maioria dos falantes. Assim, a variação criada a partir do pólo rural com o pólo urbano formou a variação *rurbana*.

Em épocas passadas, os indivíduos das regiões do interior buscavam uma melhor qualidade de vida habitando nas roças, garantindo sua sobrevivência através da plantação e colheita. De maneira simples, viviam do seu esforço. Abasteciam o comércio da cidade através do exercício da agricultura, pesca e pecuária. Com o passar dos anos, as inovações nos setores das comunicações, transportes, infra-estrutura tornaram possível a globalização. A partir dela, começaram a surgir várias necessidades no ambiente rural.

Em busca de melhores condições de vida, trabalho estável, tratamento da saúde e escolarização para as crianças (aspectos que são precários no meio rural), iniciou-se um processo migratório na segunda metade do século XX, caracterizado como período de avanços industriais e de construções civis. Ora as pessoas da comunidade mudavam de região, ora mudavam do campo para cidade, constituindo, assim, as variedades populares.

A escola rural nas fazendas foi substituída pelas escolas nas cidades, os remédios caseiros foram inovados pelos medicamentos nas farmácias do ambiente urbano, as carroças foram substituídas (parcialmente) pelos transportes rodoviários. Esses foram alguns benefícios gerados em diversas áreas e que não se comparam às condições de alguns anos atrás. Em muitas localidades, o fenômeno êxodo rural esteve presente. Com o objetivo de ter acesso a uma infraestrutura mais modernizada, o acesso a melhores moradias, emprego, educação, saúde, segurança, lazer, esporte e várias outras atividades sociais fizeram dessas necessidades um processo de transição. Em todos esses contatos, não nos esqueçamos da dinamicidade da língua, que logo mencionaremos.

Percebemos que nas duas últimas décadas, houve um avanço imensurável no ponto de vista da organização e estrutura no meio rural. Com isso, reconhecemos que as novas tecnologias alteraram as possibilidades de acesso redefinindo o morador da zona rural, inclusive do ponto de vista educacional e linguístico.

É preciso considerar que o governo Lula (2003-2010) foi marcado por melhorias no que se refere ao âmbito social. Em seu governo vários tipos de financiamentos foram criados, o que possibilitou a inclusão e o avanço principalmente dos moradores da zona rural. Quanto à mobilidade social, ficou muito mais fácil o acesso desses moradores com finalidade de compras, consultas, emprego e estudo na cidade. Atualmente há ônibus que atendem especificamente estudantes vindos da zona rural matriculados nas escolas nas cidades em redes públicas de ensino e também para os que fazem faculdade no turno da noite, proporcionando inclusão, informação e conhecimento a este público que outrora foi marginalizado e esquecido. Toda esta urbanização tem causado implicações linguísticas em função do maior contato dos habitantes da zona rural com o centro urbano.

As pesquisas citadas no início desta seção demonstraram surpreendentes resultados que mostram processo de mudança por causa desta nova realidade, em que nela os *rurbanos* (BORTONI-RICARDO, 2004) puderam assimilar diretamente a variante típica do padrão urbano culto. Diante deste fato, concordamos com a afirmativa de alguns autores que dizem que “a regra de concordância estaria sendo reintroduzida nessas comunidades rurais por influência dos modelos linguísticos urbanos, através do deslocamento populacional, da influência dos meios de comunicação de massa e da massificação do ensino público” (LUCCHESI; BAXTER E SILVA, 2009, p. 349)

Assim, a Sociolinguística baseia seus pressupostos na interligação entre língua e sociedade, levando em consideração os aspectos sociais (faixa etária, gênero, grau de escolarização, rede social, mercado de trabalho, localidade) vinculados ao uso da língua no dia-a-dia, enfocando como as pessoas a praticam no meio em que convivem.

Nosso material de análise se caracteriza por utilizarmos entrevistas gravadas e transcritas nos anos 90 que revelam uma fala mais vernacular se comparadas aos dias de hoje. Utilizamos o termo “mais vernacular” por entender que nesse período o acesso à mídia era restrito a pessoas que tinham uma condição melhor na zona rural. Até então, a influência das novas tecnologias de comunicação (celular, internet e televisão) não exerciam mudança social, política e linguística nesse meio por estar no estágio inicial de difusão e acessibilidade.

Também, a mobilidade geográfica e social era pouca. Esses fatos contribuíram para preservação de traços linguísticos, e hoje representam significativos dados para o estudo do português popular do Brasil. As fichas sociais atestam essa afirmativa nas entrevistas do semiárido (material analisado nesta pesquisa), quando muitos entrevistados dizem ter mais acesso as rádios da cidade próxima e realizar pouca ou nenhuma viagem.

Até aqui, tentamos mostrar como as pesquisas focadas no fenômeno variação da concordância verbal especificamente com falantes rurais têm crescido e direcionado outros estudos que têm contribuído para descrever e elucidar a formação do português popular brasileiro e suas inerentes mudanças ao longo dos anos. Na próxima seção, abordaremos algumas características das comunidades que serviram de base para esta pesquisa.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE VARIAÇÃO E MUDANÇA

2.1 CAMINHAR HISTÓRICO DAS IDEIAS DOMINANTES QUANTO AO ESTUDO DA VARIAÇÃO E MUDANÇA

No desenvolvimento desta pesquisa, adotou-se o modelo teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança Linguística, também denominada Sociolinguística Quantitativa, com base nas formulações de Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1972, 1994, 2003).

Esse é o modelo adotado em função de ser considerado teoricamente coerente e metodologicamente eficaz para a descrição de uma comunidade de fala numa perspectiva variacionista. Portanto, adotamos a sociolinguística não só como referencial teórico, mas também metodológico.

Nesse sentido, como se sabe, a linguística é uma ciência que explica a linguagem verbal humana, tanto oral como escrita; não julga o que é certo ou errado, nem prescreve regras; não existindo erros e sim variações da linguagem. Dentro disto, estudam-se as variações e as mudanças linguísticas abrangendo toda a língua.

Estudar a história de uma ciência é recuperar suas origens e seu desenvolvimento no tempo. É o que se faz na história da linguística, diferentemente do que fazem os estudiosos de Linguística Histórica, que estudam as mudanças que ocorrem nas línguas humanas à medida que o tempo passa. Essa é a realidade empírica central da linguística histórica, e é a partir deste fundamento, que debruçaremos teoricamente no estudo da mudança linguística.

O fato de as línguas mudarem com o passar do tempo tem sido analisado por vários teóricos sob diversas perspectivas, desde o século XIX, quando teve início a Linguística Histórica e Comparada.

A história da linguística histórica pode ser dividida em dois períodos: 1º período (1786-1878): é o período da formação e consolidação do método comparativo. 2º período (1878-até hoje): inicia com a publicação do manifesto dos neogramáticos. É o período da contínua tensão entre duas grandes linhas interpretativas: uma mais imanentista (linha dos neogramáticos, dos estruturalistas e dos gerativistas) que vê a mudança como um fato interno a língua e outra mais integrativa (dos sociolinguistas) que entende que a mudança deve ser vista como articulada com o contexto social em que se inserem os falantes, conjunção de fatores internos e externos a língua.

Foi Bopp, relacionando o sistema da conjugação verbal do sânscrito com o grego e latino, persa e germânico quem deu as bases para o método comparativo, procedimento central da Linguística Histórica. É por meio dele que se estabelece o parentesco das línguas. Mas o estudo propriamente histórico foi estabelecido por Jacob Grimm (um dos irmãos Grimm), pois ele interpretou a existência de correspondências fonéticas sistemáticas entre as línguas como resultado de mutações no tempo.

A obra de Schleicher fez estudos histórico-comparativos com orientação fortemente naturalista. Propõe uma tipologia das línguas e uma classificação genealógica das línguas indo-européias procurando uma “língua-remota”, ou estágio remoto donde se originaram as línguas que constituem essa família.

No segundo período, os Neogramáticos, geração de linguistas relacionados com a Universidade de Leipzig que formularam os principais pressupostos teóricos da Linguística Histórica como a conhecemos hoje. Podemos considerar relevantes as contribuições das leis de Verner que demonstrou as exceções da chamada Lei de Grimm em seu estudo sobre a mutação das consoantes no ramo germânico das línguas indo-européias; o manual de Hermann Paul, que dá as bases para o ramo Sociolinguístico dos estudos em Linguística Histórica; a obra de Schuchardt: o mais importante neogramático, que mostrou como as variedades da língua influenciam umas às outras.

Após esse período prossegue o Estruturalismo, conjunto dos estudos que compartilham uma concepção imanentista da linguagem e tem sua origem nos estudos de Saussure, que tinha uma visão anatomista da linguagem. Para esse linguista a língua é tomada em si mesma, separada dos fatores externos e é vista como uma estrutura autônoma. Vale observar que, embora delimite o objeto de estudo, Saussure admite que a língua é produto de uma convenção estabelecida entre os membros de um grupo, ou seja, é um fenômeno social. Porém, os fatores externos são deixados de lado por ele.

Dos estruturalistas americanos, o que mais se preocupou com a mudança foi Edward Sapir que desenvolve a teoria da “deriva”. Sapir não só aborda como considera a língua como produto histórico. Para esse linguista, deriva não significa evolução e as mudanças linguísticas não são casuais nem desconexas, seguem uma diretriz. O conceito é neutro: a língua não melhora nem piora; apenas constata-se que ela muda. Várias são as razões dessa mudança, mas a principal situa-se na relação que se estabelece entre língua e cultura. A rapidez ou lentidão no processo de deriva está condicionada a condições histórico-sociais.

Antoine Meillet, discípulo de Saussure, é o primeiro a dá uma concepção realmente sociológica do falante e da língua. Enfatizava em seus textos o caráter social e evolutivo dela.

Com a perspectiva da heterogeneidade real da língua tinha como ponto de referência o falante individual para compreensão do coletivo. Meillet contrapõe as idéias defendidas por seu mestre. Ele associa linguística interna e linguística externa, une abordagem sincrônica (estrutural) com abordagem diacrônica (histórica). Essas ideias serão retomadas por Labov, décadas depois.

Passado anos, o estruturalismo ganha uma nova roupagem na década de 1960. A língua é concebida como sistema de princípios universais e é vista como o conhecimento mental que um falante tem de sua língua a partir de estado inicial da faculdade da linguagem, ou seja, a competência. Nessa corrente denominada gerativismo, desenvolvido por Chomsky, são lançados pontos de reflexão sobre a mudança centrada, sobretudo, no processo de transmissão da língua de geração para geração. Silva (2008) afirma que:

Tanto os neogramáticos como os estruturalistas diacrônicos e Chomsky/Halle vêem a mudança como intrassistêmica. Contudo, ainda na Teoria da Variação e Mudança, iniciada na segunda metade do século XX, que é uma teoria extrassistêmica, o ponto forte é a mudança fônica. Com isso quero dizer que, desde a segunda metade do século XIX, é a mudança fônica o centro das teorias sobre a mudança lingüística.

Só em 1979, com David Lightfoot, é que o foco dos estudos se desloca do fônico para a sintaxe, para a mudança sintática. Numa perspectiva gerativista, a mudança é implementada no processo de aquisição da linguagem, por meio do acionamento de certo valor de parâmetro. O valor do parâmetro é fixado a partir dos dados linguísticos primários; a criança é vista como seletora do valor de parâmetros. Ainda que exposta a uma determinada estrutura, nem sempre esta vem a ocorrer na gramática que a criança está adquirindo. Assim, estrutura não acionada num dado momento desaparece.

Na década de oitenta, Fernando Tarallo e Mary Kato construíram o que veio a ser designado de “Sociolinguística Paramétrica”. Este método busca a explicação das influências de ordem extralinguística a partir da gramática gerativa.

Mais recentemente, no Brasil, entram em cena os estudos funcionalistas que, no que se refere à mudança, centram-se nos estudos de “gramaticalizações”. Entre os pioneiros, no Brasil, dos estudos de gramaticalização estão Ataliba Castilho e Maria Luiza Braga, mas é Antoine Meillet, em 1912, que não só cria o termo gramaticalização como apresenta um estudo sobre gramaticalização.

O século XX trouxe novidades para os estudos linguísticos. A dicotomia defendida por Saussure entre sincronia e diacronia representou uma ruptura com o paradigma histórico

comparativista ao destacar a necessidade de estudar os fatos linguísticos sem qualquer correlação com a história e os fatores externos a língua. Saussure abstrai a língua, seu objeto de estudo, do uso social e anula a influência do contexto social.

O gerativismo Chomskiano apresenta muitas semelhanças no que diz respeito a essas abstrações das considerações sociais do estudo da língua. Chomsky destacava a relação entre língua e mente e reforçava a concepção de que a língua é um sistema independente do contexto social. Desta forma, é possível perceber que nem a visão estruturalista nem a gerativista relaciona língua, suas variações e heterogeneidade social. Ambas consideram a língua como autônoma, abstrata e os fenômenos sincrônicos como primordiais. Até então, a variabilidade (o fato de que pode haver mais de uma forma expressando o mesmo significado), o valor social das formas linguísticas e o estudo empírico das mudanças na língua era fatos excluídos das teorias.

A abordagem Sociolinguística, iniciada por Labov, aparece como uma reação a essas duas correntes ao fazer da variação seu objeto de estudo e análise, relacionando-a a alguns dos aspectos que o estruturalismo e o gerativismo mantiveram fora de análise: a linguística externa, que se ocupa da relação existente entre língua, história e sociedade.

Além de se ocupar da relação entre língua e sociedade, a Sociolinguística dará ênfase ao estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro de um contexto social da comunidade de fala. Para a Sociolinguística, toda língua apresenta variação, que é um desencadeador de mudanças. Como a mudança é lenta e gradual, é necessário, portanto, que passe por um período de transição em que há variação, e depois ocorra a mudança. Labov (1972) defendia a influência que a sociedade mantinha sobre a língua. Para ele, o funcionamento de uma língua não podia ser entendido a não ser por meio da sociedade. Nesta perspectiva, tanto a língua quanto a sociedade são sistemas que podem apresentar heterogeneidade.

Desse modo, o ponto limiar da abordagem proposta por Labov é a presença do componente social na análise linguística

Na proposta de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), grandes representantes da sociolinguística, há o conjunto de fundamentos empíricos. Os autores predizem que a mudança é entendida como uma consequência inevitável da dinâmica interna das línguas.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p.125), constituem princípios básicos entender que: i) a mudança linguística não deve ser identificada como deriva aleatória, ela começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada; ii) existem regras que governam a variação, que exigem o domínio do falante e o controle dessas estruturas heterogêneas; iii) a generalização da mudança não é uniforme nem instantânea, envolve a

covariação, em períodos de tempo e depois difusão; iv) a mudança é transmitida dentro da comunidade de fala como um todo; v) fatores linguísticos e sociais estão inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística.

No Brasil, as pesquisas na área da Sociolinguística Laboviana tiveram início na década de 1970, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação do professor Anthony Julius Naro.

Atualmente, as discussões no que se refere à linguística histórica, variação e mudança estão sendo direcionadas por linguistas como Rosa Virginia Mattos e Silva; Scherre e Naro; Dante Lucchesi; A. de Castilho e outros teóricos que têm dado valorosas contribuições com suas pesquisas para os estudos sociolinguísticos que envolvem a mudança.

2.2 CONCEITOS FUNDAMENTAIS

2.2.1 Concepção de língua como sistema heterogêneo

Os pressupostos sociolinguísticos contrapõem a visão estruturalista, corrente que vê a língua como sistema homogêneo, unitário e autônomo. Ao entendermos que há uma competição entre forças internas e externas que atuam na configuração de um sistema linguístico, refuta-se a univocidade da relação entre estrutura linguística e homogeneidade.

Para esse modelo teórico-metodológico, a heterogeneidade ordenada é natural e inerente ao sistema linguístico. A evidência de a heterogeneidade ser sistematizada está no fato de os indivíduos de uma comunidade se entender, apesar das variações ou diversidade linguística existente. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 125) postulam que:

A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas.

Assim, pensar que heterogeneidade implica ausência de regras é um conceito errado. Enquanto que na língua entendida como sistema homogêneo contém somente regras categóricas (invariantes), a língua concebida como sistema heterogêneo comporta, ao lado das regras categóricas, as regras variáveis, condicionadas por fatores de contextos sociais e/ou linguísticos.

Desse modo, a mudança emerge da heterogeneidade. Fatores sociais e estruturais fazem parte do núcleo do estudo histórico das línguas. O que se quer dizer é que reconhecer a língua como uma realidade essencialmente social que, correlacionada com a multifacetada experiência econômica, social e cultural dos falantes, apresenta-se, em qualquer situação como uma realidade heterogênea, como um conjunto de diferentes variedades. Significa também reconhecer que as mudanças nas relações sociais, entrecruzada às formas múltiplas linguísticas, somado a fatores sociais e estruturais, criam condições para fazer emergirem as mudanças linguísticas.

Essas mudanças são tratadas como correlacionadas de forma sistemática com a história social dos falantes. Por isso, com base em, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 95), podemos afirmar que a mudança, além de ser um processo contínuo, é o subproduto inevitável da interação linguística.

2.2.2 Conceito de norma linguística

O termo *norma* caracteriza-se por apresentar diferentes conceitos e implicações no estudo linguístico e no ensino do português.

Dentre os adjetivos para qualificar a norma, o mais comum é o adjetivo *culta*. Essa expressão, *norma culta*, circula frequentemente em livros didáticos, jornais, manuais de redação etc. O senso comum, tradicional a define como única maneira certa de falar a língua ou conjunto de regras que compõe a gramática. Para os diversos gramáticos (CUNHA e CINTRA, 2007[1985]; ROCHA LIMA, 1957; CEGALLA, 1990; e BECHARA, 1999), *norma culta* é uma língua ideal baseada nos usos dos escritores portugueses. Essas referências ajudaram a enraizar a idéia do modelo de língua ideal criando, por outro lado, critérios antagônicos (*certo x errado; feio x bonito; elegante x grosseiro; culto x ignorante*) que por muito tempo qualificou os usos da língua (BAGNO, 2009, p. 74).

Para designar as variedades linguísticas usadas por falantes de diferentes estratos, escolaridade (*sem/ pouca escolaridade*), região de moradia (*zona rural/ periferia*), sexo (*masculino/ feminino*), dentre outros fatores, aparece frequentemente na literatura linguística os termos *língua popular, norma popular, variedades populares* etc. Dá-se início, com isso, à distinção entre *norma culta* e *norma popular* (LUCCHESI, 2002).

Numa sociedade bipolarizada, na qual vivemos, o adjetivo popular muitas vezes é usado com significados depreciativos, de menor importância e valor social.

Sendo assim, do ponto de vista sociolinguístico é fundamental distinguir a norma culta dos prescritivistas da norma culta dos pesquisadores e a norma popular.

A primeira expressão, *norma culta*, está ligada à tradição gramatical normativa, que tenta preservar o modelo de língua ideal, inspirado nas obras literárias do passado. Muitos linguistas (Mattos e Silva, 1995; Bagno, 2002; Lucchesi, 2002; dentre outros) têm proposto o diferencial entre esse termo e o termo *norma-padrão*.

Diz Bagno (2009, p. 79) ser *norma* no sentido mais jurídico do termo: lei, regra imposta de cima para baixo, instituições que tentam regular a língua; e é *padrão* por ser um modelo artificial, arbitrário, construído segundo critérios de bom gosto vinculados a uma determinada classe social.

A segunda expressão, *norma culta* termo que muitos pesquisadores fazem uso, refere-se à língua utilizada pelos falantes que possuem escolaridade superior e tentam da melhor maneira manter um padrão conforme as regras estabelecidas à língua portuguesa.

A terceira expressão, *norma popular*, é usada tanto pelos gramáticos quanto pelos pesquisadores para designar um conjunto de variedades que apresentam características nos diversos âmbitos da língua (sintáticos, fonéticos, morfológicos, lexicais, etc) que praticamente não serão realizadas nem na fala nem na escrita de um falante culto. A norma popular predomina em ambientes rurais, onde o nível de escolarização é nulo ou baixo. Há também uso dessa variedade nas periferias das cidades, local que, segundo sócio-história, agregou em primeira instância os negros e afrodescendentes pós abolição e posteriormente os migrantes do campo para a cidade no período de industrialização e urbanização do país.

Assim, buscando fugir da duplicidade de sentidos, Bagno (2007) designa o termo variedade de prestígio para se referir aos falantes com alta escolarização e vivência urbana; e a expressão variedade estigmatizada para caracterizar a fala dos grupos sociais desfavorecidos do Brasil.

Desse modo, no caminhar desta dissertação faremos uso ocasionalmente das terminologias norma-padrão, variedade de prestígio e variedade estigmatizada por acreditar que elas designam com mais precisão os fenômenos linguísticos considerados afetos à Sociolinguística.

2.2.3 Variedade, variação, variável, variante

Varição é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto linguístico, com o mesmo valor de verdade. Variedade representa a fala de uma comunidade de modo global, considerando-se todas as suas particularidades tanto categóricas quanto variáveis; é o mesmo que dialeto ou falar. No presente trabalho, focamos a análise na variedade rural.

Variável corresponde a um aspecto ou categoria da língua que se encontra em variação. Variantes são as formas individuais que “concorrem” em uma variável. Ou seja, variantes linguísticas são “diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade. “A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística” (Tarallo, 1997, p. 8).

Em nossa pesquisa, a variável em análise no sistema pronominal no PB é a expressão da primeira pessoa do plural, cujas variáveis são: *nós* com concordância padrão e *nós* sem concordância padrão. Muitos pesquisadores utilizam como fonte de análise as variantes *nós* e *a gente*. Porém, por opção metodológica optamos por considerar, na análise da CV, os casos de sujeito implícito e explícito que apresentassem em seu contexto somente a forma pronominal *nós* com função de sujeito.

A variante padrão condiz às prescrições presentes nos manuais da norma padrão. É considerada variante de prestígio e tende a ser conservadora, enquanto a não padrão é muitas vezes estigmatizada pela comunidade que a julga negativamente. Essa última variante citada tende a ser inovadora³ na comunidade.

2.2.4 Significado social das formas variantes

Trata-se do valor social das formas variantes. Ocorrências como “*a gente* vamos sair” ou “*nós* vai sair” são fenômenos correlacionados ao tema da concordância variável entre verbo e sujeito. Essas ocorrências se encontram fortemente associadas a grupos de falantes específicos em nossa sociedade, pertencentes a camadas com baixo nível de renda e pouca ou nenhuma escolaridade. Nessa situação, o julgamento à língua e ao falante por parte

³ Isto deve ser relativizado, pois para se considerar uma variante inovadora ou conservadora na comunidade tem que se observarem as características socioculturais do local. A depender da comunidade a inovadora é a padrão. Por exemplo, em comunidades afro-brasileiras é comum falar *nós foi, de modo que* a forma padrão *nós fomos* é inovadora nessas comunidades que tem características rurais.

da camada elitizada é fato presente que permite a existência do preconceito linguístico na sociedade.

A referência do que vem da classe dominante impõe regras invariáveis impulsionando o preconceito linguístico àqueles que não se expressam conforme os parâmetros estabelecidos.

Desse modo, entendemos que o julgamento também é social. A língua de um falante define seu perfil social, cultural, econômico, enfim denuncia quem somos, de onde viemos, qual idade possuímos e até revela o grau de domínio da variedade padrão. O julgamento das formas linguísticas, que se afastam do padrão, de uma falante ou de uma comunidade inteira torna-se alimento do preconceito linguístico. Nesse sentido, o “certo e errado” são conceitos que a sociedade usa para marcar os indivíduos e classes sociais pelos modos de falar. Bagno (1999, p. 124) corrobora com essa ideia afirmando que “ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou respirar”. No entanto, é preciso encontrar o ponto de equilíbrio entre os eixos de adequabilidade e aceitabilidade para garantir o evento comunicativo.

A questão do prestígio linguístico e da sua contraparte, o preconceito linguístico, é um dos tópicos relevante de reflexão da pesquisa sociolinguística.

2.2.5 Julgamentos sociais conscientes e inconscientes sobre a língua

Severo (2011, p. 12) diz que “o nível de consciência dos valores sociais das variantes linguísticas não é estável, sempre evidente e, tampouco homogêneo para todos os grupos sociais”. Dessa forma compreendemos que o significado social não é compartilhado da mesma forma por todos os sujeitos.

Os diferentes níveis de percepção e valoração social das variantes foram sistematizados por Labov (1972), em três conceitos: os estereótipos, os marcadores e os indicadores.

Os estereótipos (conceito com ampla avaliação) são traços socialmente marcados de forma consciente. Alguns podem ser estigmatizados socialmente, o que pode conduzir a mudança linguística rápida e extinção do julgamento. Outros podem ter um prestígio que variam de grupo para grupo, podendo atuar de forma negativa ou positiva.

Variações fonéticas como em “leite quente”, em que o fonema átono final [e] é pronunciado como [e] e não como [i] na variedade paranaense, catarinense e gaúcho, não

sofrem julgamento. Se comparamos esse exemplo com o fonema [l] de encontros consonantais pronunciado como [r], como em “**cr**aro, **Cr**audia, forma associada a variedade rural e/ou pouca escolarizada, teremos ampla avaliação negativa, caracterizando-se como socialmente estigmatizada.

Os marcadores (conceito de avaliação mediana) são traços linguísticos social e estilisticamente estratificados. Muitas vezes, o uso se dá de forma inconsciente e podem ser diagnosticados como feios ou errados, o que não significa que, não fazem uso dele. O uso alternado dos pronomes tu/você apresenta variação estilística e social. O uso desses pronomes não é estigmatizado, está correlacionado ao grau de intimidade e à faixa etária, por exemplo, conhecidos como marcadores.

Os indicadores (elementos linguísticos de pouca força avaliativa) são traços socialmente estratificados, com julgamentos sociais inconscientes, porém não sujeitos à variação estilística. Nesse elemento linguístico pode haver diferenciação social correlacionado à idade, região ou grupo social. A monotongação de ditongos /ey/ e /ow/ no português falado atual, palavras como peixe/ pexe; feijão/fejão isentos de valor social e linguístico exemplificam este conceito.

O processo de mudança linguística de um determinado fenômeno passa pelo processo da avaliação, que segundo Camacho (2013, p. 98), “são as atitudes que os falantes assumem em relação ao processo e definem se uma variante é estigmatizada ou prestigiada”.

Assim, esses conceitos tornam-se ferramentas fundamentais da Sociolinguística, pois esclarecem a situação da mudança numa comunidade de fala.

3 METODOLOGIA: ESTUDO DAS COMUNIDADES DO SEMIÁRIO BAIANO

3.1 A CONSTITUIÇÃO DAS AMOSTRAS

A nossa pesquisa é realizada no âmbito do *Projeto A língua Portuguesa do Semiárido Baiano – Fases 1 e 2: Amostras da língua no semiárido baiano*, do Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa (NELP), sediado no Departamento de Letras e Artes da UEFS, sob coordenação preliminar das professoras Dra. Norma Lúcia Fernandes de Almeida e Dra. Zenaide Carneiro (que fizeram as gravações do *corpus* nos anos de 1998 a 2000, os quais serão utilizados nesta pesquisa), posteriormente colaborando com as demais fases do projeto as professoras Dra. Eliana Sandra Pitombo, Dra. Silvana Silva de Farias Araujo. Sendo assim, na constituição das amostras de fala, contamos com a disponibilidade de um *corpus* já previamente constituído.

O *Projeto A língua Portuguesa do Semiárido Baiano* possui um precioso acervo. Desde sua implementação vem agregando pesquisadores e incorporando ao seu acervo amostras da língua falada na região semiárida, oportunizando a realização de análises que buscam explicitar as origens e a caracterização do português brasileiro. No primeiro volume, *A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano* (ALMEIDA; CARNEIRO, 2014), foram publicados nove capítulos, com trabalhos realizados por mestrados e pesquisadores do Projeto. O mesmo vem tendo apoio financeiro da FAPESB, da UEFS, do CNPq e da CAPES através de financiamento de material permanente, de viagens de campo e de concessão de bolsas de IC e de Mestrado. O objetivo geral deste projeto é contribuir para um melhor conhecimento da realidade linguística brasileira.

Os dados da pesquisa foram coletados em inquéritos fônicos do tipo DID (diálogo entre informante e documentador), gravados na região rural de dois municípios do interior da Bahia: Rio de Contas e Jeremoabo. Foram escolhidas essas regiões, a fim de mostrar se há padrões de variação com primeira pessoa do plural por conta da composição étnica de formação de cada comunidade, que segundo a sócio-história são formadas por negros (a **comunidade de Barra/Bananal**) e brancos (a **comunidade de Mato Grosso**), comunidades situadas do município de Rio de Contas; remanescentes de índios na **comunidade de Tapera**, remanescentes de quilombolas na **comunidade Casinhas**; mestiços e brancos na **comunidade Lagoa do Inácio**, comunidades essas situadas no município de Jeremoabo.

3.1.1 O material da pesquisa

As gravações fônicas do projeto *A língua Portuguesa do Semiárido Baiano* caracterizam-se em entrevistas do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador), com duração média de 30 a 60 minutos, seguindo o modelo de entrevista sociolinguística semidirigida. O método utilizado teve como base diálogo de tema livre, no qual o entrevistador tenta neutralizar o ambiente de gravação, no intuito de que o falante realize o português falado em ambientes informais. A coleta do vernáculo é o objetivo maior das entrevistas, e para, tanto o projeto apóia-se nos pressupostos teórico-metodológicos Sociolinguística Variacionista, citados na seção 2.1.

Os dados que constituíram o *corpus* da pesquisa totalizam 48 inquéritos fônicos, pertencentes ao acervo do Projeto. Desse modo, como já tínhamos as quarenta e oito entrevistas armazenadas e transcritas ortograficamente, procedeu-se à seleção do fenômeno em cada entrevista e sua codificação. Assim, os informantes foram estratificados segundo os critérios sociais listados no quadro abaixo:

FAIXA ETÁRIA ⁴	Comunidades de Rio de Contas <ul style="list-style-type: none"> • Barra/ Bananal • Mato Grosso 	Faixa I – 18 a 38, Faixa II – 39 a 59 Faixa III – acima de 59 anos
	Comunidades de Jeremoabo <ul style="list-style-type: none"> • Tapera • Lagoa do Inácio • Casinhas 	faixa I – 15 a 25, faixa II – 35-45 faixa III – 55 a 65 anos
SEXO	MASCULINO FEMININO	
QUANTIDADE DE ENTREVISTAS/ COMUNIDADES/ ETNIA	12 entrevistas em Bananal/Barra dos Negros (município de Rio de Contas) informantes negros; 12 em Mato Grosso (município de Rio de Contas) informantes brancos descendentes de portugueses e paulistas; 12 entrevistas em Casinhas (remanescente de	

⁴ A diferença da faixa etária no acervo é justificada pela ausência de pessoas que se encaixassem nos critérios sociais previamente estabelecidos. Por serem comunidades rurais e geograficamente distantes, houve dificuldades em homogeneizar os grupos etários.

	quilombolas), município de Jeremoabo; 06 entrevistas em Tapera (remanescentes de índios); 06 entrevistas em Lagoa do Inácio (mestiços brancos).
NÍVEL DE ESCOLARIDADE	ANALFABETO SEMIANALFABETO

QUADRO 2 – Critérios sociais utilizados na observação dos informantes

Nota-se que os intervalos de idade entre as comunidades estão divergentes por conta das características locais de cada região. Outro fato que justifica a diferença de faixa entre as comunidades foi a dificuldade de encontrar informantes que se encaixassem dentro dos critérios propostos para as entrevistas. Porém, decidimos controlar essas comunidades pelo fato de as faixas serem próximas.

Feitas estas ressalvas, será apresentada de forma sucinta e objetiva, a seguir, a caracterização sócio-histórica das comunidades do semiárido baiano, que estão em nosso campo de pesquisa.

3.2 CARACTERIZAÇÃO SOCIO-HISTÓRICA DAS COMUNIDADES

3.2.1 Município de Jeremoabo

O município de Jeremoabo está localizado no polígono das secas, na zona fisiográfica do Nordeste, a 371 km de Salvador, sendo interligada a ela pela BR-324, BR-116, BR-084 e BR-110, e está a 84 km de distância de Paulo Afonso, sede da região administrativa mais próxima, mantendo, assim, fortes vínculos na área comercial, de serviços e econômico-financeiro com este centro.

A figura em seguida mostra os limites e cidades vizinhas de Jeremoabo:



FIGURA 1: Mapas da zona fisiográfica da região de Jeremoabo e seu limites

Fonte: <http://search.myway.com/search/maps.jhtml?searchfor=jeremoabo&p2>

De clima semiárido, sua área é constituída de 4.656,094 km²; possui uma população estimada de 40.851 (2014⁵), predominantemente rural. Logo abaixo, é possível observar uma estimativa dos residentes urbanos e rurais com base no senso demográfico de 2010 e seu crescimento se comparado com os dados demográficos de 2014 (citados acima).

População residente (2010)	37.680 pessoas
População residente urbana	17.437 pessoas
População residente rural	20.243 pessoas
Homens	19.018
	Área urbana: 8.424
	Área rural: 10.594
Mulheres	18.662
	Área urbana: 9.013
	Área rural: 9.649

QUADRO 3- Sinopse do senso demográfico de 2010 da cidade de Jeremoabo-BA

Fonte: <http://www.jeremoabo.com.br/web/index.php/historia-e-informacoes/815-geografia>.

A atividade econômica mais importante é a pecuária, seguida da produção de cereais. O nome da cidade tem significado de origem tupinambá e significa plantação de abóbora jerimum.

⁵ Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Estimativas da população residente com data de referência 1 de julho de 2014 publicadas do Diário Oficial da União em 28/08/2014.

Sua história suscita o século XVI, palco de lutas por ocupação de terras, conflito com missionários que se opunham à escravidão dos índios, destruição e reconstrução do povoado original pelo português Garcia D'Ávila por intervenção do Papa e do governo colonial. Em consequência de sua grande extensão territorial, vários povoados que eram as antigas aldeias indígenas foram desmembrados elevando-se mais tarde a municípios. Destacam-se as cidades Monte Santo, em 1790; Cícero Dantas, em 1817; Tucano, em 1837; Ribeira do Pombal, em 1837. Jeremoabo tornou-se vila por decreto em 25 de outubro de 1831, ganhando condição de cidade em 6 de julho de 1925. Com isto, (Jeremoabo) foi um importante centro colonizador do nordeste baiano.

As localidades que integram o projeto *A língua Portuguesa do Semiárido Baiano* possuem formações sócio-histórico-demográficas diferenciadas. Jeremoabo conta com um importante fator que contribuiu para o processo de urbanização do interior do estado e os chamados “ciclos” da agropecuária (séc. XVII a XIX).

O projeto foi dividido em fases. Jeremoabo está integrada nas amostras da fase 2 do projeto gravadas nos anos 2000-2002. Os povoados escolhidos para a gravação das amostras foram Tapera, Lagoa do Inácio e Casinhas por constituírem uma área passível de haver diversidade étnica, devido à formação étnico-histórica e social dessas comunidades. Há indícios de que a população seja formada por predominância de negros em Casinhas, por descendentes de índios em Tapera e por mestiços de brancos em Lagoa do Inácio, o que poderia favorecer a existência de variações linguísticas (ALMEIDA; CARNEIRO, 2008).

3.2.1.1 Comunidade de Tapera

Foi escolhida essa região, a fim de investigar se há padrões de variação com primeira pessoa do plural por conta da composição étnica de formação da comunidade, que, segundo a sócio-história, é formada por remanescentes de índios.

Segundo Soares (2008), pesquisadora do projeto *A língua Portuguesa do Semiárido Baiano*, os moradores em sua maioria são descendentes de índios, cujas características podem ser identificadas nos traços fisionômicos e na estatura física. A comunidade Tapera fica a 9 Km da sede. Como o povoado é formado de pequenas roças ou sítio apresenta maior dificuldade de acesso. Soares (2008) relata, na experiência das entrevistas para a constituição do *corpus*, que os informantes não sabiam contar com precisão sobre o surgimento do povoado. Alguns dizem que

as terras pertenciam aos índios, que se mudaram, havendo, assim, uma invasão de moradores das proximidades que se apossaram das terras.

Os dados que constituíram o *corpus* da pesquisa foram levantados em 6 inquéritos fônicos, pertencentes ao acervo do *Projeto A língua Portuguesa do Semiárido Baiano – Fase 2: Amostras da língua no Semiárido Baiano*, do Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa (NELP).

3.2.1.2 Comunidade de Lagoa do Inácio

Comunidade formada de mestiços e de brancos. O local recebeu este nome em homenagem ao dono das terras do povoado, chamado Inácio, um fazendeiro de origem portuguesa, rico e dono de muitos escravos. Grande parte das terras pertence à mesma família e os habitantes possuem parentesco comum.

Os dados que constituíram o *corpus* da pesquisa foram levantados em 6 inquéritos fônicos, pertencentes ao acervo do *Projeto A língua Portuguesa do Semiárido Baiano – Fase 2: Amostras da língua no Semiárido Baiano*, do Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa (NELP).

3.2.1.3 Comunidade de Casinhas

Povoado formado por negros e mestiços. A comunidade se reconhece como comunidade quilombola, porém ainda não foi titulada pela Fundação Palmares. Segundo Fernandes (2014), de acordo com relatórios realizados pelo Núcleo de Estudos em Comunidades e Povos Tradicionais (NECTAS) direcionado pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e pela ONG Assessoria e Gestão em Estudos da Natureza, Desenvolvimento Humano e Agro ecologia (AGENHHA), a Comunidade Quilombola de Casinhas havia conseguido certificação concedida pela Fundação Cultural Palmares. Entretanto, essa titulação não avançou para as etapas posteriores a ela: reconhecimento, demarcação e titulação. O que lhes garantiria maiores benefícios sociais junto ao governo.

Os dados que constituíram o *corpus* da pesquisa foram levantados em 12 inquéritos fônicos, pertencentes ao acervo do *Projeto A língua Portuguesa do Semiárido Baiano – Fase 2: Amostras da língua no Semiárido Baiano*, do Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa (NELP).

3.3 Município de Rio de Contas

Rio de Contas situa-se na parte meridional da Chapada Diamantina, numa altitude de 1050 metros e de topografia montanhosa. Vila fundada a partir da exploração do ouro, cuja autorização para sua fundação data do ano de 1723 e a sua casa de Cadeia e Câmara foi erigida em 1724 e aprovada em 1725. O município de Rio de Contas está localizado a 738 km da capital Salvador e faz limites abrangendo as cidades de Abaíra (Norte), Brumado (Sul), Jussiape e Ituaçu (Leste), Érico Cardoso, Livramento de Nossa senhora e Dom Basílio (Oeste).

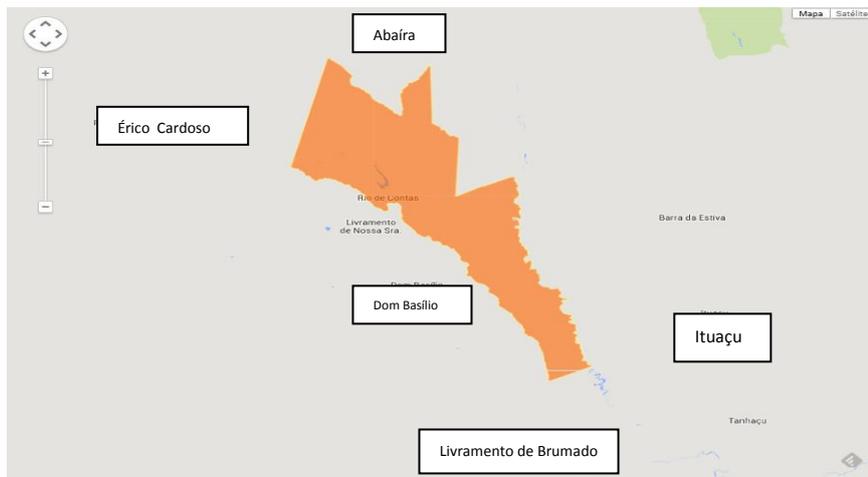


FIGURA 2: Mapa geográfico da região de Rio de Contas

Fonte: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun>>

De clima tropical, sua área é constituída de 1.052,302 km², possuindo, em 2014⁶, uma população estimada de 13.653. Logo abaixo, é possível observar uma estimativa dos residentes urbanos e rurais com base no censo demográfico de 2010 e seu crescimento se comparado com os dados demográficos de 2014.

População residente	13.007 pessoas
População residente –Homens	6.233 pessoas
População residente-Mulheres	6.774 pessoas
População residente alfabetizada	10.015 pessoas

QUADRO 4 - Sinopse do censo demográfico de 2010 da cidade de Rio de Contas-Ba

Fonte: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=292670&idtema=16&search=bahia|rio-de-contas|sintese-das-informacoes>>.

⁶ Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Estimativas da população residente com data de referência 1 de julho de 2014 publicadas do Diário Oficial da União em 28/08/2014.

Podemos perceber, através dos dados, que houve um aumento populacional dos residentes de aproximadamente 647 pessoas entre os anos 2010-2014.

Segundo informações históricas nos dados do IBGE, o início do município acontece no século XVII, período em que grupos negros, foragidos se estabeleceram no local, surgindo o Arraial dos Creoulos. Abaixo deste povoado, os jesuítas construíram uma igreja a 12 Km, dedicada a Nossa Senhora do Livramento. Em 1724, o Vice-Rei Dom Vasco Fernandes encarregou o Coronel Pedro Barbosa Leal de criar uma Vila no alto do sertão baiano. A vila recebeu o nome de Nossa Senhora do Livramento do Rio de Contas. Em 1735, as autoridades da época ordenaram a mudança da sede da vila para o povoado de Creoulos, atual cidade de Rio de Contas, em 1745. O nome da cidade foi homenagem ao rio que cortava o município.

Em Rio de Contas, fluíam todos os recursos e benefícios da atividade mineradora, o que se refletia no seu crescimento urbano. Lá foram construídos a Casa de Fundação, o Pelourinho e o edifício da Casa da Câmara e Cadeia Pública, este no início do século XIX, e até hoje conservado. Porém, o crescimento aos poucos vai se estagnando com o progressivo esgotamento dos veios (faixa estreita e comprida que, numa terra ou numa rocha, se distingue pela diferença da cor ou pela natureza da matéria) e cascalhos auríferos. E, à medida que a atividade de mineração decrescia, diminuía também o nome do Município. Em 1840, foi simplificado para Minas do Rio de Contas; e, em 1931, foram-se as minas, e o Município passou a se chamar, simplesmente, Rio de Contas.

Atualmente, a região é considerada centro turístico devido às belezas naturais e às tradições culturais nela desenvolvidas. Muitos estrangeiros têm investido em hotelaria, comércio, restaurantes, a fim de prover e contribuir para desenvolvimento da cidade. Isso revela um ambiente totalmente favorável à perda de padrões culturais e linguísticos locais, os quais cederam espaço às influências externas através do mercado turístico ali instalado.

As gravações na zona rural do município de Rio de Contas constituíram a fase 1 do projeto (1996 – 2000). Essas microrregiões fizeram parte do ciclo de mineração. Os povoados escolhidos para a gravação das amostras foram Comunidade de Mato Grosso e Comunidade de Barra/Bananal, também por constituírem uma área passível de haver diversidade étnica, devido à formação étnico-histórica e social dessas comunidades, conforme discorreremos a seguir.

3.3.1 Comunidade de Mato Grosso

Mato Grosso situa-se no alto de uma serra. Seus habitantes orgulham-se por ser de etnia branca e por não se misturarem com os vizinhos negros de Barra e Bananal. Segundo

Capinan (2009), a comunidade teria sido fundada pelos bandeirantes e é composta em sua maioria por brancos com presunção de ancestralidade portuguesa.

Dados da história afirmam que viajantes procedentes de Goiás e norte de Minas, com destino a Salvador, fundaram no final do século XVII o povoado de Creoulos, para lhes servir de pouso. A descoberta do ouro, no leito do rio Brumado, atraiu à região grande número de garimpeiros que, subindo o rio, fundaram a povoação Mato Grosso, que cresceu em função da mineração. Em 1718, criou-se a freguesia de Santo Antônio de Mato Grosso, a primeira do Alto do Sertão Baiano.

As pessoas de Mato Grosso, ao contrário das de Bananal e Barra dos Negros, plantam para vender e não simplesmente para a subsistência. Além de abastecerem as feiras da região com verduras, há, também, muitos plantadores de café.

Os dados que constituíram o *corpus* da pesquisa foram levantados em 12 inquéritos fônicos, pertencentes ao acervo do *Projeto A língua Portuguesa do Semiárido Baiano – Fase 1: Amostras da língua no Semiárido Baiano*, do Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa (NELP).

3.3.2 Comunidade de Barra/Bananal

A comunidade de Barra/Bananal, também conhecida como Barra do Brumado e Bananal, localiza-se a 15 km a oeste do município de Rio de Contas na região sul da Chapada Diamantina, propriamente nos vales entre Serra das Almas e a Serra do Malhado.

Essas comunidades caracterizam-se por serem formadas de habitantes de etnia negra que sobrevivem da agricultura de subsistência, artesanato e pesca. A comunidade de Bananal enfrenta mais dificuldades para plantação, pois suas terras baixas foram inundadas pela Barragem Luís Vieira e as áreas próximas a esta sofrem progressiva erosão. Enquanto Bananal conta apenas com um pequeno riacho, a Barra é irrigada por três rios (Fazendola, Santo Antônio e Brumado).

As duas comunidades são muito ligadas. Distanciam-se em 2,5 km, porém estabelecem vínculos sociais, culturais e familiares muito fortes. Por isso, fizemos a inclusão das duas comunidades de negros, como uma só, já que a convivência entre eles é bastante íntima e os moradores de Bananal têm parentes em Barra e vice-versa.

No que se refere à formação das comunidades, Capinan (2009), em sua dissertação, afirma que a fundação das comunidades concretizou-se por Isidoro Joaquim da Silva, para Barra, e Beba Maria de Aguiar para Bananal. Os distintos fundadores constituíram duas famílias-

troncos naquela região: os Aguiar e os Silva. Estas, no entanto, são interligadas por intensas relações de parentesco biológico, o que permite que as duas comunidades sejam tratadas como apenas um grupo social.

Segundo Araujo (2005), os vilarejos foram formados por sobreviventes do naufrágio de um navio negreiro vindo da África que encontraram um lugar seguro para viverem. Atraídos pelas riquezas naturais do Rio Brumado se instalaram no município de Rio de Contas, formando famílias, praticando agricultura para subsistência. Essa passividade durou pouco tempo até a chegada dos bandeirantes paulistas, que, visionando minérios na região, chegaram, escravizaram e obrigaram os quilombolas a trabalharem na mineração. O século XVIII foi um período de descobertas e prosperidade.

Capinan (2009), em suas entrevistas de campo com moradores dos povoados, encontrou outra versão sobre a formação da comunidade. O informante que lhe narrou “a verdadeira história” da fundação do grupo teve a história relatada por sua mãe (que falecera aos 104 anos). A verdadeira história diz que Isidoro Joaquim Silva, natural de Santa Maria, se instalou nas terras porque viu que era boa e era regada por um rio. A partir, daí trouxe três famílias, as quais foram abrindo roçado, trabalhando e criando nas terras. O informante ainda afirma que a região não foi esconderijo de negros escravos foragidos. A autora comenta que esta versão está mais relacionada ao garimpo, que explica a fundação de Barra. Porém, o informante não faz referência direta à formação de Bananal e Riacho das Pedras, esta última inundada e desagregada por conta da construção da Barragem Luiz Vieira. Parte das famílias que ali residiam foi transferida para periferia do município Rio de Contas e para Livramento, município próximo.

Atualmente, essas comunidades são reconhecidas como remanescentes de quilombolas. Estudos e pesquisas mostraram que as comunidades de quilombo se constituíram a partir de grandes processos de fugas, ocupação de terras livres, geralmente isoladas. Não só disto, mas também sua formação é fruto de heranças, doações, recebimentos de terras como pagamento de serviços prestados ao Estado, simples permanência nas terras que ocupavam e cultivavam, bem como a compra de terras desde a vigência do sistema escravocrata até anos após abolição. Assim, o que caracterizava o quilombo não era somente o isolamento e a fuga, mas sim a resistência e autonomia.

Em dezembro de 1999, os quilombolas desta região da Bahia obtiveram o título de domínio de seu território expedido pelo Instituto de Terras da Bahia e pela Fundação Cultural Palmares, em nome da Associação Quilombola de Barra do Brumado, Bananal e Riacho das

Pedras. Desde então, as 148 famílias, aproximadamente, que integram essas comunidades são proprietárias de 1.333,2768 hectares.

Os dados que constituíram o *corpus* da pesquisa foram levantados em 12 inquéritos fônicos, pertencentes ao acervo do *Projeto A língua Portuguesa do Semiárido Baiano – Fase 1: Amostras da língua no Semiárido Baiano*, do Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa (NELP).

3.4 AS ENTREVISTAS

Levando em conta esses dados históricos e a metodologia da Sociolinguística Quantitativa Laboviana (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972), foram coletadas amostras, a partir de gravações DID (diálogo entre informante e documentador), em comunidades pertencentes aos municípios preliminarmente selecionados. Nem sempre foi possível trabalhar com informantes utilizando as mesmas faixas etárias, por conta das características locais. Como vimos no quadro 2 (critérios sociais utilizados na observação dos informantes) da seção 3.1.1, mantivemos a mesma distribuição por faixa nas comunidades de Bananal/Barra dos Negros e Mato Grosso, em Rio de Contas, diferentemente das comunidades Casinhas, Lagoa do Inácio e Tapera no município de Jeremoabo.

Para a seleção dos informantes, foram adotados os mesmos critérios em todas as comunidades, e a principal delas seria a de moradores serem naturais das comunidades ou que chegaram lá na primeira infância.

Na realização das entrevistas, as documentadoras contaram com ajuda de moradores da região, que faziam a mediação e apresentação dos pesquisadores, tornando o ambiente mais familiar e propício a uma fala mais natural e vernacular.

A fim de mostrar a informalidade nas entrevistas, segmentamos dois trechos de algumas entrevistas na companhia de um Circundante (CIRC), pessoa que está ao redor, presente ali por uma circunstância.

- 1) Essa entrevista foi realizada na comunidade Mato Grosso, informante sexo feminino, faixa II com 30 anos. A informante conversa sobre a arte de bordar e a pessoa circundante desenvolve a conversa junto a ela.

Doc 1: Sim, a senhora disse que bordava?

Inf: Bordo.

Doc 1: É? Borda o quê assim?

Inf: Bordo vagonite, óh?

Doc 1: Ah.

Inf: Esse aí mehmo foi eu que fiz. Faço croché...

Doc 1: Hum. Toda prendada, né? [rindo] cozinha muito bem.

Doc 2: Como é o nome desse... desse...

Inf: Desse bordado? É vagonite.

Doc 2: Ah. Muito bonito.

Doc 1: Aprendeu com quem?

Inf: Eu aprendi com uma crente. Ela é de onde E.?

Circ: Esses crente é o seguinte, eles não tem lugar certo pra eles, né? Eles morou no... lá no Estados Unido, morou aí nessas região, aí morou [inint].

Doc 1: Tem muito tempo que eles vieram?

Inf: Já tem muito tempo. Mas já foru embora de novo.

Doc: Ham.

Inf: Já foru embora.

Doc: N'era brasileiro não?

Inf: Ham?

Doc 1: N'era brasileiro não?

Inf: Não sei. Será E. que eles era brasileiro?

Circ: Eles parece que sim, era brasileiro, só que ficava [inint] por lado de lá também [inint] dos pessoal lá dos...

Doc 1: [inint].

Circ: Estados Unido.

- 2) Neste outro trecho, em Barra, a documentadora instiga a conversa sobre os habitantes da comunidade

Inf: Aqui são tudo umas parentagem só. Sabe, nós aqui somo tudo uma parentagem só. Tudo primo.

Circ: É. Quase tudo primo.

Inf: É.

Doc 1: E você J.? Vocês sabe como é... como foi que... quem foi o primeiro habitante aqui de Barra? Quem chegou?

Inf: Eu não sei não. Não era [inint].

Doc 1: Não sabe?

Circ: Ela... ela num sabe hoje não e ela... eu lembro quando era nascido.

Doc 1: Ah! É novinha. Ela falou vinte seis anos apenas, né?

Circ: É. Eu tenho cinqüenta e cinco, eu vou enterar cinqüenta e quato no dia dezanove de abri... Eu posso falar?

Doc 1: Pode. À vontade, fique à vontade, a gente só tá apenas conversando aqui.

Inf: [rindo]. É. Cinqüenta e quato. É. [pausa].

Doc 1: Então o senhor tem mais história que ela para contar.

Inf: Tem. Ele tem história. [rindo].

Doc 1: É.

Inf: As pessoa mais véi assim tem. [rindo].

Doc 1: É.

Circ : Então aqui agora ficou, nessa área aqui só tem preto, mas a senhora sabe por quê? Porque diz que naquela época de que construiu a igreja de Santana, que construiu a igreja de Mato Grosso, de pedra...

Doc 1: Hum.

Inf: ...num é? É toda de pedra, a igreja de Nossa Senhora também é de pedra. A dos Santos e tudo, eu não sei se é tudo de pedra também, mas eu acredito que é de pedra, porque ela tem um champranhe pra... assim pra fora da parede. Então, quem trabalhava naquela época, a senhora sabe quem trabalhava? preto era escravo mehmo. Preto, num é pro nada não, diz que não, preto não foi escravo não, mas se tá no... no livro, se alguém examina essa parte, muitos escravo num sabia ler.

Desta maneira, fica exemplificado o decorrer das entrevistas realizadas de forma natural, informal, contemplando aspectos do dia, história, experiências, sem manter um tom pergunta-resposta. Foram utilizadas fichas sociais em cada entrevista, previamente construídas e preenchidas de forma discreta ao longo das conversas, para que se mantivesse a conversa informal de forma contínua, sem intervalos. Nela, temos informações sobre idade, sexo, nome completo, contato com meios comunicativos, viagens, local de nascimento, local de nascimento dos pais, nível de escolaridade, enfim, a descrição social de cada informante, o que possibilitou criar um perfil dos informantes.

Foram utilizados, também, gravadores manuseados com cuidados adequados, evitando a inibição ou a fala monitorada dos informantes, por estarem à frente de pessoas escolarizadas. Por considerar informantes com baixa escolaridade, a entrevista teve o aspecto positivo de ser realizada da forma mais simples e com pessoas dispostas a conversar naturalmente. Assim, as entrevistas foram gravadas em locais comuns, nas casas, varandas, em locais variados e com a presença de ruídos, barulhos de carro, choro ou interferência de crianças, ruídos de animais, o que não impossibilitou as transcrições feitas pelos pesquisadores. A qualidade das audições foi assegurada; hoje já está disponível em material digital, o que facilitou muito o trabalho das transcrições e também do levantamento das ocorrências com as variantes deste trabalho.

3.4.1 A transcrição das entrevistas

Como tópicos para o desenvolvimento das entrevistas nas fases do projeto, destacam-se: a narração de experiências pessoais, a família, o namoro, o casamento, a escola, o trabalho, a infância, as viagens, a alimentação, a política local etc. Para criar um clima confortável, foram elaborados temas com bastante cautela e sutileza, para evitar a criação de um clima pouco produtivo de conversação.

Para a realização das entrevistas duas documentadoras estiveram à frente, as professoras Norma Almeida e Zenaide Carneiro, além de alguns auxiliares conhecedores das regiões que acompanharam as professoras e alguns bolsistas de Iniciação Científica durante a realização do trabalho.

Para transcrição, muitos pesquisadores integrantes do projeto e pesquisadores em Iniciação Científica colaboraram para hoje utilizarmos esses *corpora* disponível.

Atualmente, já temos a publicação do livro *Amostras da língua falada em Piabas* (ALMEIDA; CARNEIRO, 2002a), livro digital da *Coleção Amostras da língua falada no semi-árido baiano* (ALMEIDA; CARNEIRO, 2008) composto de entrevistas transcritas e em áudio em formato CD e o livro *A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano* (ALMEIDA; NOVAIS, 2014), uma edição com artigos fruto de pesquisas, dissertações e teses que tiveram como *corpus* o material do projeto *A Língua Portuguesa no Semiárido baiano*.

3.5 ANÁLISE VARIACIONISTA

3.5.1 A variável dependente

Selecionamos como variável dependente desta pesquisa a concordância verbal com a primeira pessoa do plural, e, consideramos essa variável como binária, possuindo as seguintes formas variantes (i) Forma verbal sem morfema de plural e (ii) Forma verbal com morfema de plural. Essas formas alternantes estão exemplificadas nas seguintes construções, extraídas do *corpus* com o qual trabalhamos:

(01) *Nós faz arroz doce* [III, F,-, a]⁷

(02) *Nós todos somos iguais* [I, F, +, b]

É preciso salientar que os verbos com formas verbais com morfema *-mo*, com ausência do *-s* final (ex. Não prantamo esse ano [I,F,-,a,]) foram somadas na mesma forma padrão com morfema de plural, como nos exemplos abaixo:

(03) *Nós casemo e pronto* [I, F, +, l]

⁷ A partir desta seção, os exemplos apresentam informações sociais que descrevem os informante de acordo a seguinte ordem da legenda:

Faixa etária: I (jovem), II (adulto), III (idoso)

Sexo : F (feminino), M (masculino)

Escolaridade: + (semiescolarizado), - (analfabeto)

Comunidade: a (Tapera), h (Casinhas), l (Lagoa do Inácio), m (Mato Grosso), b (Barra/Bananal)

- (04) *Nós começemo* a se conhecer desse dia [I, F, +, h]
 (05) *Nós aqui somo* unido [II, F, -, m]

Justificamos o uso de tais dados, pois consideramos que as amostras de fala que constituem o nosso *corpus* foram gravadas em comunidades que podem ter sido afetadas pelo contato entre línguas na formação do PB, e, como sabemos, nesses, casos há existência de simplificação de formas, e a perda do *-s* final insere-se neste contexto de variação na morfologia flexional dos verbos. Mas consideramos que, em tais formas, há o morfema de plural, razão pela qual as consideramos como exemplo de variante comum na fala .

A fim de delimitar o campo de estudo neste trabalho, optamos por considerar o sujeito preenchido pelo pronome *nós* em P4, também quando sujeito em P4 era expresso por *sintagma composto* (eu + SN lexical e/ou pronome de 2ª e/ou 3ª pessoa + verbo) ou *forma zero* (sujeito nulo/ desinencial).

Atendendo um dos objetivos específicos propomos dar um panorama geral da regra variável *nós / a gente* com e sem marca de morfema de P4 para refletir sobre o que é mais produzido como um todo). Desse modo, decidimos mapear esse uso acreditando que este resultado tem valor significativo na interpretação dos resultados gerais. Por meio dele confirmaremos ou não ou não a hipótese de que formas verbais menos marcadas condicionam o uso de *a gente* e formas verbais morfologicamente mais marcadas favorecem o emprego de *nós*.

Sendo assim, os resultados abaixo representam uma comparação da concordância verbal com a 1ª pessoa do plural (*nós x a gente*) no português popular do semiárido baiano.

Tabela 7: Resultado geral do uso das formas *nós x a gente* no português popular do semiárido baiano

<i>Nós</i>				<i>A gente</i>			
Com concordância		Sem concordância		Com concordância		Sem concordância	
206/495	41,6%	289/495	58,4%	1436/1444	99,4%	8/1444	0,6%

De modo geral, há maior frequência de concordância com uso da forma *a gente*. A quantidade de dados é consideravelmente maior do que o uso da forma *nós*.

3.5.2 Variáveis linguísticas: descrição e hipóteses

Todas as línguas estão continuamente em mudança - nos seus sons, na sua sintaxe e no seu significado. As línguas humanas não constituem realidades estáticas; ao contrário, sua

configuração estrutural se altera continuamente no tempo. É importante destacar que as línguas estão em movimento, mas nunca perdem seu caráter sistêmico. A esta configuração estrutural, Faraco (2005, p. 14) denomina de plenitude estrutural e potencial semiótico das línguas- o que implica dizer que elas mudam, mas continuam organizadas e oferecendo a seus falantes os recursos necessários para a circulação dos significados.

Assim, de acordo com a teoria sociolinguística, a variação nunca é aleatória. Na história das línguas, não se fala propriamente em causas (necessárias), mas antes em condições (possíveis) de mudança, isto é, sob que condições uma mudança é possível. Deste modo, controlamos as variáveis que permitem esclarecer a maneira pela qual a variação é sistematizada. Calcula-se a influência que cada fator, interno ou externo ao sistema linguístico, possui na realização de uma ou de outra variante.

Na análise da variável dependente deste estudo, determinamos algumas variáveis linguísticas, no total de sete. Abaixo, destacaremos o papel que cada variável independente desempenha dentro do processo de variação, para que na análise dos resultados comparemos e tracemos o perfil linguístico das comunidades escolhidas.

Nesse sentido, foram consideradas as seguintes variáveis explanatórias linguísticas: a) *Realização e posição do pronome sujeito*; b) *saliência fônica*; c) *composição do sujeito*; d) *nível de referencialidade* (significado); e) *tipo de discurso*; f) *tipo de texto*; g) *tempo verbal*.

3.5.2.1 Realização e posição do pronome sujeito

Conforme salientados na seção 2.2, resultados já apresentados em pesquisas variacionistas sobre concordância verbal confirmaram a hipótese de que a posição do sujeito em relação ao verbo, em muitos casos, favorece o cancelamento da marca de número do SV. Araújo (2012); Resende (2006); Oliveira (2005) vêm demonstrando que a distância entre o sujeito e o verbo influencia na ausência ou presença da marca de concordância. Assim, quanto maior a distância entre o núcleo do sujeito e o verbo, maior a probabilidade de cancelamento. Lemle e Naro (1977), em estudos da CV com o pronome pessoal eles (P6), afirmam que o sujeito anteposto ao verbo ou imediatamente mais próximo a ele favorece a variante explícita e que o sujeito distante ou posposto ao verbo a desfavorece. Para verificar essas hipóteses na amostra, organizou-se esse grupo com 5 fatores, a saber:

FATOR	EXEMPLO
Sujeito realizado imediatamente antes do verbo	(06)“ <i>Depende nós tá com fome</i> ” [I, M, +, a]
Sujeito realizado antes do verbo, mas separado por algum constituinte	(07)“ <i>Nós aqui num tem profissão</i> ” [II, F, -, a]
Pronome sujeito não realizado	(08)“ <i>só não feijão de corda que ϕ não prantamo esse ano</i> ” [III, F, -, a]
Sujeito realizado e posposto	(09)“ <i>era nós da Cabanagem</i> ” [III, M, +, h]
Sujeito anteposto retomado por pronome relativo	(10)“ <i>E nós que moramo aqui não tem água regadia.</i> [I, F, +, b]

QUADRO 5 - Variável *Realização e posição do pronome sujeito*

Fonte: dados da pesquisa

3.5.2.2 Saliência fônica

Quanto à variável saliência fônica, podemos conceituar como uma hierarquia das formas verbais em função do maior ou menor contraste entre a forma com desinência *-mos* e a forma da 3ª pessoa do singular (ZILLES; MAIA; SILVA, 2000). Transcrevemos, a seguir, o quadro dos autores Naro; Goski e Fernandes (1999), o qual tomamos como referência para esta variável, contendo os cinco níveis, exemplos e descrições tomadas como base para classificação.

Nível	Exemplo	Descrição
1	falava/falávamos	A oposição entre a 3ª pes. do singular e 1ª pes. do plural em que <i>-V/-Vmos</i> não é tônica nas duas formas
2	fala/falamos trouxe/trouxemos	A oposição entre a 3ª pes. do singular e 1ª pes. do plural em que <i>-V/-Vmos</i> é tônica em uma das duas formas
3	está/estamos	A oposição <i>-V/-Vmos</i> é tônica nas duas formas
4	comeu/comemos partiu/partimos	A oposição <i>-V/-Vmos</i> é tônica nas duas formas e a 3a. pes. sing. Há uma semivogal que não aparece na 1a. pes.

	vai/vamos	pl.
5	falou/falamos fez/fizemos	A oposição entre a 3ª pes. do singular e 1ª pes. do plural em que <i>-V/-Vmos</i> é tônica nas duas formas. A vogal acentuada é diferente.
6	é/ somos	A oposição entre a 3ª pes. do singular e 1ª pés. do plural em que <i>-V/-Vmos</i> é tônica nas duas formas. Há mudança no radical.

QUADRO 6 - Hierarquia de *saliência fônica*

Fonte: (Naro *et al.*, 1977; 1999)

Lemle e Naro (1977) afirmam que a *saliência fônica* é fator importante na retenção de marcas de pluralidade no sujeito, no verbo e no predicativo. A hipótese para a atuação do fator *saliência fônica* verbal na CV com *nós* é de que maiores níveis de *saliência* entre as formas verbais em competição (neste fenômeno, as desinências verbais de 1PP e 3PS) levariam a maiores usos de formas verbais e de 1PP.

É importante ressaltar que os fatores estão em escala crescente de oposição. Assim, quanto maior a oposição entre singular e plural, maior será sua *saliência fônica*, conseqüentemente, menor a falta de morfema de plural nos verbos.

Observando que a *saliência* do contraste *é/somos* se apresenta de forma bastante acentuada se comparada aos verbos *falou/falamos*, foi necessário modificar o quadro modelo (Naro *et al.*, 1977), acrescentando o nível 6. A oposição entre a 3ª pes. do singular e 1ª pes. do plural em que *-V/-Vmos* se apresenta tônica nas duas formas há mudança no radical.

3.5.2.3 Nível de referencialidade

Segundo a literatura que segue os moldes da Teoria da Variação, existem alguns níveis de referencialidade que são controlados normalmente quanto ao fenômeno em estudo. Os mais empregados são: [+ ou - genérico]; [+ ou - referente]; [+ ou - coletivo]; [+ ou - arbitrário]; [+ ou - definido]. Dentre tantos existentes, tomamos como base o exemplo de Araújo (2012), que utiliza os termos [+ ou - genérico] e [+ ou - definido], para designar o nível de referencialidade que define a noção de quantidade a que o sujeito se refere no discurso. Acrescentamos, também, a variante eu ([+ específico]) que atuou como plural de modéstia. Quanto a este aspecto, Cunha e Cintra (2007 [1985], p. 286) afirmam que “com a finalidade de

evitar o tom impositivo ou muito pessoal de suas opiniões, costumam os escritores e oradores tratar-se por *nós* em lugar da forma normal *eu*”.

Dessa forma, o quadro com o grupo de fatores considerados para essa variável explanatória está configurado da seguinte forma:

Grupo de Fatores	Descrição	Exemplos
eu ([+ específico])	Pessoa totalmente especificada; O falante sempre é incluído; Usa o <i>nós</i> para se referir apenas a si mesmo.	<i>Doc: Trinta e nove anos. A senhora... qual a profissão?</i> (11) <i>Inf: A gente veve de roça, trabaia em roça. “Nós aqui num tem profissão”. [III, F, -, a]</i>
[+ genérico]	Indeterminação universal, denominado por Lucchesi (2007); A referência contempla qualquer ser humano; Grupo de contorno pouco definido.	(12) “ <i>porque a gente também sem o estudo não... não samo nada, né? O estudo pra gente, o meno pra mim, é muito importante [I, F,+, h]</i>
[- genérico – definido]	Grupo de pessoas (da comunidade, como no exemplo)	(13) “ <i>nós acha tudo aqui mesmo. Na roça tem esse anjico e tudo nós arruma aqui. [III, F, -, a]</i>
[- genérico + definido]	O referente é composto pela pessoa que fala acompanhado por ouvintes ou pessoas de um grupo específico; Grupo menor de 5 pessoas.	(14) “ <i>Nós num briga mais não” [I, F +, a]</i>

QUADRO 7 - Variável Nível de referencialidade

Fonte: dados da pesquisa

Visto que o pronome de primeira pessoa do plural no português abrange vários níveis de referencialidade, desde seu significado mais específico até seu significado mais definido, a hipótese que levantamos é que o *eu* ([+ específico]) influiria na não marcação da forma verbal, por que a 1PP (*nós*) estaria se referindo a uma pessoa no singular (*eu*), relacionando o verbo também ao singular, como no exemplo (15):

Doc 1: E o senhor fez o quê lá?

(15) *Inf: **Nós** trabaivava na... na Usina. [III, M, -, b]*

Doc 1: Trabalhava na Usina.
 Inf: É, Jacarezinho.
 Doc 1: Hum. A Usina de Jacarezinho?
 Inf: É.

No que diz respeito à variante [+ genérico], levantamos a hipótese de que, quanto maior o grupo de contorno, mais probabilidade de desinências *-mos* nos verbos, como no exemplo:

(16) *Nós todos somos iguais* [I, F, +, b]

Quanto à variante [- genérico], hipotetizamos que menor será a definição dos referentes e menor será a quantidade de formas verbais sem morfema de plural. Como em:

(17) *Lá nós perdeu de um a zero.* [I, M, +, b]

E quanto menos genérico e mais definido o grupo a que se refere, melhor será a condição para flexionar o verbo em P4.

(18) *Porque nós **somo** vizinho* [III, M, +, h]

3.5.2.4 Composição do sujeito

O sujeito é um dos termos essenciais da oração, geralmente responsável por realizar ou sofrer uma ação ou estado. Ele é o termo com qual o verbo concorda. Nesse sentido, Câmara Jr. (1986) afirma que, em línguas de verbo flexional, como é o português, o sujeito, apresentado como uma pessoa gramatical, se expressa na própria forma verbal por meio de um morfema, que é parte da flexão verbal (neste estudo, o morfema *-mos*). Como regra geral, o verbo deve concordar com o sujeito em pessoa e número.

Levando em consideração as possíveis classificações de sujeitos, com esta variável, diante dos resultados buscaremos responder à hipótese de que os dados com sujeito simples e implícito favorecerão à flexão na forma verbal. Já com o sujeito composto e o sujeito retomado por pronome relativo, a frequência de aplicação da regra seja inferior. Os grupos de fatores para essa variável explanatória foram organizados da seguinte forma:

GRUPO DE FATORES	DESCRIÇÃO	EXEMPLOS
Sujeito simples pronominal (hipótese: apresentará flexão <i>mos</i>)	Possui apenas um núcleo substituído pelo pronome <i>nós</i> .	(19) “Porque <u>nós</u> num queria que as outas mexesse na roupa”
Sujeito implícito (hipótese: apresentará flexão <i>-mos</i>)	É determinado pela desinência verbal e não aparece explícito na frase	(20) “nunca \emptyset fiquemo de mal querência não”
Sujeito composto (hipótese: não apresentará flexão <i>-mos</i>)	Formado por dois ou mais núcleos	(20) “ <u>Nós</u> foi caminhano, eu mais meu marido”
Sujeito simples com numeral (hipótese: não apresentará flexão <i>-mos</i>)	Formado por um núcleo acompanhado por um numeral, localizado imediatamente ou separado por um verbo.	<não encontramos dado> Ex. fictício: <u>Nós</u> quatro tem material
Sujeito simples com quantificador todo(s) ou toda(s) (hipótese: apresentará flexão <i>+mos</i>)	Formado por um núcleo acompanhado pelo pronome indefinido quantificador todo(s) ou toda(s), localizado imediatamente ou separado por um verbo.	(21) “ <u>Nós todos</u> somos iguai”
Sujeito simples com quantificador <i>tudo</i> (hipótese: não apresentará flexão <i>+mos</i>)	Formado por um núcleo acompanhado pelo pronome indefinido <i>tudo</i> , localizado imediatamente anteposto, posposto ou separado por um verbo.	(22) “ <u>nós tudo</u> na enxada, foru criado <i>tudo</i> na enxada”
Sujeito anteposto retomado por pronome relativo (hipótese: não apresentará flexão <i>-mos</i>)	Formado por um núcleo retomado pelo pronome relativo <i>que</i> , evitando repetições desnecessárias.	(23) “ <u>nós</u> que fuma , bebe, joga”

QUADRO 8 - Variável *Composição do sujeito*

Fonte: dados da pesquisa

3.5.2.5 Tipo de discurso

Outro grupo que consideramos para fazer análise foi esta variável relacionada ao tipo de discurso, haja vista que analisamos discurso do próprio falante e o discurso reportado, que representa a voz de outro interlocutor na comunicação narrada pelo informante. Tentamos responder se é positiva a hipótese de que haveria diferenças quantitativas em relação às outras formas de discursos nas comunidades a serem analisadas. Também questionamos se o tipo de

discurso influenciaria a perda de concordância verbal e em quais casos. O grupo de fator utilizado foi:

GRUPO DE FATORES	DESCRIÇÃO	EXEMPLOS
Discurso do próprio falante	Trecho comum da entrevista do próprio informante.	(24) “... <u>nós</u> aqui não faz muita coisa em Natal não.” [III, M, -, m]
Discurso reportado de um superior na escala socioeconômica	Trecho da entrevista em que o informante repete discurso um superior na escala socioeconômica em relação a ele.	“”...os SUCAM pareceu por lá, que lá é que tem muitos caso do calazar; eles pareceu por lá. Aí agora, eu contei eles a situação da menina, aí eles falou assim: (25) “ <u>Nós</u> vai ver dona, porque lá em Salvador tem a crínica, dessas coisa” [I, F, - b]
Discurso reportado de um outro membro da comunidade	Trecho da entrevista em que o informante repete discurso de um membro da comunidade	(26) “...Eu mehmo, eu já fui fazer isso combinado com ela. “ Se o seu pai num der a sua mão, o que que nós faz ?” Ela disse: “nós foge” [II, M, +, h]
Discurso reportado do próprio falante	Trecho da entrevista em que o informante narra seu próprio discurso em alguma ocasião.	Doc 1: E seu pai, ele não tinha ciúme, não? <u>da senhora</u> namorar com alguém? (27) Inf: Meu pai tinha, mas só que nós andava direito, né?(...)Nós falava “ôh pai não se em preocupa não, <u>nós</u> num tá fazeno nada errado” [III, F, +, m]
Discurso reportado de inferior	Trecho da entrevista em que o	

na escala socioeconômica	informante repete discurso de um membro da comunidade de escala socioeconômica inferior	<não encontramos dado>
--------------------------	---	------------------------

QUADRO 9 - Variável *tipo de discurso*

Fonte: dados da pesquisa

3.5.2.6 Modo de organização textual

Com este grupo, pretendeu-se avaliar se/qual o tipo de texto condiciona a concordância verbal com a primeira pessoa do plural, uma vez que esta tem relação com o tipo de discurso. Como tópicos para o desenvolvimento das entrevistas sociolinguísticas, aqui utilizadas como *corpus*, destaca-se principalmente a narração de experiências pessoais, a família, o namoro, o casamento, a escola, o trabalho, a infância, as viagens, a alimentação, a política local, etc.

Para esse fator, levantamos a hipótese de que haverá menores ocorrências da forma pronominal com P4 quando o falante expressar fatos da vida, e menores casos ainda de CV em P4 em sequências descritivas e argumentativas. Fazemos a suposta idéia de que o informante diante da conversa informal, pouco se preocupará com o tratamento da concordância verbal em sua fala por se mostrar envolvido na conversa.

(28) “Chama pa dizer “**vamo** dançar? Aí se a mulher num quiser, aí num vai” [I, F, +, a]

Além do tipo de texto narrativo, encontramos situações descritivas com ênfase em elementos culturais (tipo de comida, remédio caseiro, plantação).

(29) “Nós **faz** arroz doce, faz uma canjica de milho” [III, F, -, a,]

E situações argumentativas, nas quais os informantes comentam situações acontecidas:

(30) Porque nós num **queria** que as outas mexesse na roupa, aí brigava” [I, F, + a]

3.5.2.7 Tempo verbal

Vários são os estudos que investigam a influência da expressão tempo verbal no emprego das formas *nós*. Rubio (2012) e Zilles *et al* (1999), que tratam especificamente da CV em P4, consideram que o pronome *nós* tenha seu uso mais vinculado a verbos no pretérito. Dessa maneira, constituem hipóteses a verificar se:

- i) a desinência *-mos* vem adquirindo função de morfema de pretérito, em oposição ao morfema \emptyset do tempo presente;
- ii) o tempo pretérito imperfeito favorece a CV em P4;
- iii) no tempo futuro há dados com CV.

Com base no referido, o grupo de fatores **tempo verbal** compõe-se das seguintes variantes:

GRUPO DE FATORES	EXEMPLOS
Presente do Indicativo	(31) “ <u>nós</u> <i>nem leitura tem</i> ” [II, F, -, a]
Pretérito Perfeito do Indicativo	(32) “ <u>nós</u> <i>tivemo</i> muito pouquinho [III, F, -, a]
Pretérito Imperfeito do Indicativo	(33) “ <u>nós</u> <i>ficava</i> morano aqui” [III, F, -, a]
Futuro do Presente Simples	<não foi encontrado dado>
Futuro perifrástico	(34) <u>Nós</u> <i>vai</i> trazer o doutor aqui pra examinar essa menina”. [III, F, -, b]
Futuro do subjuntivo	(35) “Se <u>nós</u> <i>comer</i> requeijão um dia” [III, F, -, m]

QUADRO 10- Variável *tempo verbal*

Fonte: Dados da pesquisa

3.5.3 Variáveis extralinguísticas: descrição e hipóteses

Partindo do princípio de que a variação e a mudança eram e são inerentes às línguas, os estudos históricos começaram a consolidar a ideia de que a constante heterogeneidade da realidade linguística correlacionado com o contato entre as diferentes realidades/ formas de interação social entre grupos de falantes constituíam fatores essenciais para afirmar a dinamicidade da língua. Assim, a relação entre língua e sociedade é muito pertinente, pois se acredita que haja uma interrelação entre as duas. Por isso, consegue-se considerar as variações como existentes e estudar a língua não só por ela própria, mas no indivíduo e na sua comunidade de fala.

Portanto, o sentido das palavras na perspectiva variacionista está condicionado a fatores sociais, também denominados de fatores extralinguísticos. Esses fatores têm uma importância muito valiosa na interpretação de resultados, pois são eles que definem o sujeito e a língua em uso que está sendo analisada.

Numa nova metodologia, apoiada principalmente no fator de variabilidade da língua, os caminhos traçados pelos linguistas partiram da necessidade de estudar a língua sem dissociá-la da estrutura social, sem fazer abstrações de sua inerente heterogeneidade.

Os objetivos fundamentam-se em entender quais são os principais fatores que motivam a variação linguística, procurando verificar o grau de estabilidade de um fenômeno, se está em seu início ou está percorrendo uma trajetória que aponta para mudança. Por isso, podemos dizer que a variação não é um efeito do acaso, pois é vista como um fenômeno cultural influenciado por fatores linguísticos (estruturais/ internos à língua) e extralinguísticos (*sexo, escolaridade, idade, procedência, etnia, nível econômico*) que favorecem ou inibem a variação.

Nesta pesquisa, foram consideradas quatro variáveis sócio-culturais, a saber: *sexo, faixa etária, escolaridade e comunidade*.

3.5.3.1 Sexo

Muitos estudos têm indicado que homens e mulheres diferem em seu uso linguístico em vários aspectos (fonológicos, morfológico, lexical, etc). Dentre eles, a concordância verbal pode ser exemplificada como um dos fenômenos a ser entendido quantitativamente e qualitativamente a partir das correlações entre fatores linguísticos e o fator Sexo, trazendo resultados e análises bastante relevantes. Investigamos se as mulheres das classes populares se caracterizam como falante com traços típicos da forma não-padrão, sem marcas formais de concordância do verbo com o sujeito em P4, assim como Rodrigues (1987) concluiu em sua pesquisa.

Utilizamos a denominação da variável sexo, por razões metodológicas. Apesar de termos conhecimento da discussão no embate dessa variável em sexo/gênero (SCHERRE E YACOVENCO, 2011; SEVERO E FREITAG, 2013), optamos por seguir a nomenclatura (sexo) presente nos critérios na seleção de informantes no preenchimento dos formulários. A constituição da amostra se deu de forma binária concebendo no grupo entrevistado a existência de homens e mulheres, tanto na perspectiva biológica como na social.

Contudo, Mollica e Braga (2008, p. 42) defendem a idéia de que “trabalho, lazer, atividades domésticas são compartilhados de uma forma que desfaz os estereótipos inerentes aos papéis masculinos e femininos na sociedade”. Essas práticas sociais refletem de alguma forma no uso linguístico, seja alterando os padrões, seja anulando o efeito variável. E, hoje, levando em consideração o novo papel da mulher na sociedade e suas relações de interação, tentaremos observar essa mudança.

3.5.3.2 Faixa etária

Na sociedade, a idade é uma importante categoria para percebermos variações e uso da fala. Há os que mantêm uma forma, outros que inovam, e assim, comprova-se a dinamicidade da língua. Considerando a hipótese da bipolarização linguística do PB (LUCCHESI, 2001), buscamos verificar se, na norma popular, os mais jovens tendem para a aquisição da regra de concordância em P4, apresentando índices superiores de flexão verbal do que falantes de faixa etária mais elevada. A fim de verificar se a idade tem algum peso nas escolhas linguísticas do falante, estabelecemos, com base no *corpus*, três faixas etárias:

FAIXA ETÁRIA	Comunidades de Rio de Contas (Barra/ Bananal; Mato Grosso)	Faixa I – 18 a 38 Faixa II – 39 a 59 Faixa III – acima de 59 anos
	Comunidades de Jeremoabo (Tapera, Lagoa do Inácio, Casinhas)	Faixa I – 15 a 25 Faixa II – 35-45 Faixa III – 55 a 65 anos

QUADRO 11 – Variável *faixa etária*

Basicamente, as faixas etárias mantêm um intervalo considerável de dez anos, nas entrevistas do município de Jeremoabo, diferentemente das comunidades situadas em Rio de Contas, divergência esta já justificada por conta da ausência de informantes que se encaixassem nos critérios sócias selecionados previamente para constituição do *corpus*.

Para os sociolinguistas, a idade dos falantes representa fator importante na análise, pois a constante transformação da língua e a renovação do vocábulo podem influenciar na fala da sociedade. Assim, as pessoas mais velhas geralmente conservam palavras mais arcaicas, pois elas têm menor contato com as mudanças que surgem na realidade que as rodeia e as pessoas

mais jovens têm mais contato com essa forma inovadora de falar, sendo cada vez menos utilizada à medida que a idade do falante avança.

Assim como Oliveira (2005), acreditamos que essa variável vai indicar se o fenômeno em análise está estável ou está em progresso. Para a autora, os falantes mais jovens são mais inovadores e os falantes mais velhos costumam preservar formas mais tradicionais. Nessa mesma hipótese, analisaremos nossos dados.

3.5.3.3 Escolaridade

A escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que a frequentam. Oliveira (2005) afirma que a variável *escolaridade* se mostra pertinente, por exemplo, no momento em que se observa a existência de formas linguísticas de prestígio ou estigmatizadas. A escola, que é responsável por criar o julgamento das formas estigmatizadas rotulando os “erros” ou “vícios de linguagem” por meio das gramáticas escolares e dos manuais de ensino, tem papel fundamental na formação dos informantes.

Porém, por estarmos analisando uma comunidade rural, talvez este aspecto não nos mostre essa realidade de mudança. As variantes utilizadas nessa variável foram:

Grau de Escolaridade
analfabetos
semialfabetizados

QUADRO 12- *Variável escolaridade*

Pressupomos não haver estigma nessa variedade por causa do contexto comum dos moradores: o grau de escolaridade, o nível cultural e econômico baixo.

Muitos dos entrevistados pertencem à classe semiescolarizada. Os entrevistados foram classificados em analfabetos e semialfabetizados. Entendendo as restrições existentes na região e a característica principal, ser comunidade rural, supomos que não haverá muitas diferenças significativas nesta variável.

Podemos perceber, com base na tabela abaixo, que os informantes não estão distribuídos quantitativamente de forma uniforme pela escolaridade. Possivelmente, por constituir um *corpus* de zona rural e sua sócio-história justificar a falta de escolaridade nessas

regiões, não foi possível controlar a amostra levando em consideração *sexo, idade e escolaridade* equitativamente.

Comunidades	Escolaridade Analfabetos	Sexo	Faixa etária	Escolaridade Semialfabetizados	Sexo	Faixa etária
Barra/ Bananal	6 informantes	3 homens 3 mulheres	Faixa I nenhum inf	6 informantes	3 homens 3 mulheres	Faixa I 4 inf
			Faixa II 2 inf			Faixa II 2 inf
			Faixa III 4 inf			Faixa III nenhum inf.
Mato Grosso	6 informantes	3 homens 3 mulheres	Faixa I nenhum inf.	6 informantes	3 homens 3 mulheres	Faixa I 4 inf.
			Faixa II 3 inf.			Faixa II 1 inf.
			Faixa III 3 inf			Faixa III 1 inf
Casinhas	4 informantes	1 homem 3 mulheres	Faixa I nenhum inf.	8 informantes	5 homens 3 mulheres	Faixa I 4 inf.
			Faixa II- 2 inf.			Faixa II 2 inf.
			Faixa III 2 inf			Faixa III 2 inf
Lagoa do Inácio	Todos alfabetizados	3 homens 3 mulheres	Faixa I 2 inf.	6 informantes	3 homens 3 mulheres	Faixa I 2 inf
			Faixa II- 2 inf.			Faixa II 2 inf
			Faixa III 2 inf			Faixa III 2 inf
Tapera	3 informantes	1 homem 2 mulheres	Faixa I nenhum inf	3 informantes	2 homens 1 mulher	Faixa I 2inf
			Faixa II 1 inf			Faixa II 1 inf
			Faixa III 2 inf			Faixa III nenhum inf

QUADRO 13- Sinopse do quadro de informantes referente à *escolaridade*
Fonte: dados das fichas sociais

O quadro revela que:

- a) De forma geral, há mais informantes semi-escolarizados do que analfabetos;
- b) A faixa I está alfabetizada em todas as comunidades;

- c) A faixa III, em comparação com as demais idades, tem um número maior de informantes analfabetos;
- d) A comunidade Lagoa do Inácio possui seu quadro de escolaridade semialfabetizada.

Também com base na literatura, é razoável supor que maior escolaridade favoreça mais o uso da forma padrão *-mos*. As formas não flexionadas costumam ser mais evidentes na fala dos informantes com menor grau de escolaridade.

3.5.3.4 Comunidade

Conforme expusemos na Seção 3.2, a caracterização das comunidades nos mostrou que as cinco comunidades rurais possuem formações sócio-históricas diferenciadas. Com essa variável, buscaremos observar se o contato entre línguas e culturas diversas resultou em ampla variação em estruturas de número gramatical plural, propiciando a perda dos morfemas de número nas formas verbais. Quantitativamente, iremos analisar de forma geral essas variações da concordância verbal com primeira pessoa do plural e, posteriormente, cruzaremos com outras variáveis, a fim de obter mais informações sobre o fenômeno.

A mobilidade espacial não é aspecto comum nas cinco comunidades do semiárido baiano. As comunidades Barra-Bananal, por exemplo, por estarem situadas em região turística, recebem grande contingente de pessoas, favorecendo o contato com falares típicos dos grandes centros (ARAÚJO, 2005). As demais comunidades, principalmente do Município de Jeremoabo, por estarem situadas em locais de difícil acesso, por estarem localizadas no interior rural do município e por terem características econômicas/sociais inferiores, se comparadas ao Município Rio de Contas, supomos que seriam frequentes formações de frases com pronome de primeira pessoa do plural e o verbo sem morfema (*-mos*), não acompanhando o plural e favorecendo a não concordância.

3.6 O TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS

Os resultados estatísticos foram obtidos a partir do uso da ferramenta GOLDVARB X, divulgado em 2005 por Sankoff, Tagliamonte e Smith. Este programa, sucessor ao programa

VARBRUL, outrora muito utilizado nas pesquisas, calcula os pesos relativos dos fatores em relação à variável dependente, a partir das frequências brutas, e seleciona os grupos de fatores mais favoráveis à aplicação da regra, após a interação entre eles.

3.6.1 Etapas

I

Primeiramente, delimitamos do fenômeno linguístico variável; definimos a variável dependente, o que envolve o levantamento de todas as possibilidades de produção de variação. Em nossa pesquisa:

- ▶ Ausência X presença de morfema de primeira pessoa do plural- fenômeno linguístico
- ▶ *nós vai/ nós vamos/ nós vamo/ Ø-vamo-* possibilidades de variação

II

Escolhemos a amostra para pesquisa. De caráter oral ou escrito. Pode recorrer a banco de dados, material já coletado, ou ainda pode o pesquisador decidir ir a campo e efetuar sua própria coleta de dados. Essa pesquisa teve como material para análise dados de fala real. O acervo pertence *Projeto A língua Portuguesa do Semiárido Baiano – Fases 1 e 2: Amostras da língua no semiárido baiano*, do Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa (NELP), sediado no Departamento de Letras e Artes da UEFS.

III

Apontamos as características internas (variáveis independentes linguísticas) e externas (variáveis independentes sociais) que podem estar influenciando a variável dependente. Com essas características montamos uma chave de codificação. Todas as ocorrências selecionadas recebem uma sequência de códigos com base nas características internas e externas.

Essa etapa é fundamentada nos dados da língua, na teoria linguística e na própria estrutura social da comunidade de interesse.

IV

O pesquisador dedica-se à transcrição e codificação das ocorrências coletadas. Cada fator da variável independente ganha um código. É a sequência de códigos que é submetida ao programa GOLDVARB X (2005), o qual converterá a análise em frequências, percentuais, peso relativo, quantidade de ocorrências etc. Abaixo segue exemplo de ocorrência com codificação:

(?R3nef%zJM;a depende nós **tá** com fome

(!D5Qgf%zJF;b nós *todos* **somos** iguais

(!E2-of=pJF;h **Passemo** três dia lá

V

Após essas etapas iniciais segue a quantificação dos dados (desenvolvido pelo programa) ao qual chamamos de rodada e interpretação dos resultados que envolve compreender e explicar os resultados numéricos oferecidos pelo programa. Essa interpretação é feita pelo pesquisador.

3.7 DADOS EXCLUÍDOS

Como forma de delimitar os dados de análise, excluimos alguns deles de forma criteriosa, a fim de conseguirmos resultados confiáveis.

Quanto ao fenômeno em análise, com o pronome pessoal *nós*, não foram considerados:

- Dados com formação *nós* +verbo no infinitivo. Se o sujeito do verbo no infinitivo e do verbo na outra oração forem os mesmos, o infinitivo não se flexionará.

Ex.(36) ela tornava dar nós *uns seis dias pa nós sair* [III, F, -, m)

- Alternância *nós/ a gente* na mesma frase

Ex. (38) *É que a gente, nós mesmo, sei... sei lá. Tem que ter o material tudo. A gente labuta com essas coisa, precisa comprar [II, F, +, b]*

Quanto ao verbo, excluimos a formação de frases:

- *Nós* + verbos no gerúndio.

Ex. (40) *Esses bagaço vai queimano e nós virano ali [II, M, -, b]*

- *Nós*+ verbos no particípio

Ex. (41) *criado nós tudo junto, ela mais os irmão [II, M, +, h]*

- Verbo no imperativo e sem o sujeito *nós*.

Ex. (42) *ele chamou: “vam...vamo fugir pa sua casa lá, sua terra? [III, F, -, h]*

Não foram consideradas, de igual maneira, formas cristalizadas, tais como:

- “digamos” por se tratar de marcador discursivo
- Estruturas do tipo “vamos” + verbo no infinitivo que funcionam como expressão fixa para fazer uma espécie de convite.

Ex. (43) *Vamos chegar. Pode entrar [III, M, -, b]*

- Formas prontas e usuais da fala

Ex. (44) *vamo dizer, assim, que tivesse cinquenta metro quadrado [II, M, +, h]*

Optamos por considerar apenas o sujeito referente ao pronome *nós* e as orações que ele se apresentou implícito, tendo sido descartadas as ocorrências de sujeito *a gente*.

Ex. (45) *A gente aprende muito [I, M, +, l]*

Levando em consideração essas delimitações, prosseguiremos a partir de agora com a análise dos dados e interpretações dos resultados.

4. ANÁLISE DOS DADOS E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

4.1 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Apresentam-se os resultados obtidos a partir do levantamento das ocorrências das formas verbais nas entrevistas, seguindo-se todos os critérios expostos no capítulo anterior. A análise foi feita em diferentes etapas. Primeiramente, foram analisadas as ocorrências da forma verbal com/sem morfema de plural em primeira pessoa do plural, ou seja, contrastamos formas com morfema número-pessoal de plural *-mos*, *-mo*, *-emo* e a variante zero (\emptyset). Foram consideradas formas verbais definidas, cujos sujeitos eram expressos pelo i) *pronome pessoal (nós)*, ii) por *sintagma composto (eu + SN lexical e/ou pronome de 2ª e/ou 3ª pessoa)* e pela iii) *forma zero (sujeito desinencial)*, além de casos com iv) referência indefinida (+ genérica), desde que o contexto desse ensejo para a variação

Conforme já afirmado na seção 1.3.2, não analisamos a concordância com *a gente*. A razão dessa opção metodológica se deu por que não detectamos o uso variável da alternância da regra de CV com essa forma pronominal, tendo sido só encontradas 0,6% de uso.

Em 48 entrevistas, foram encontradas 495 formas verbais de primeira pessoa do plural em posição de sujeito, excluindo-se, como afirmado acima, os casos de referência com forma pronominal *a gente*. Assim, foram investigados casos de sujeito *nós*, sujeito desinencial e sujeito composto. No caso do sujeito desinencial, foram seguidos procedimentos metodológicos comentados posteriormente. Os resultados gerais podem ser conferidos na tabela abaixo.

TABELA 8: Distribuição geral dos resultados acerca da concordância de número com sujeitos de primeira pessoa do plural (*nós* ou *nós* elíptico)

	Nº de ocorrências/ Total	Frequência
Com morfema de plural	206/495	41,6%
Sem morfema de plural	289/495	58,4%

Fonte: dados da pesquisa

Conforme os resultados expostos acima, notamos que a aplicação da regra padrão de concordância de número é pouco frequente na fala dos moradores das comunidades rurais do semiárido baiano, predominando a ausência no morfema de plural. Os resultados acima dizem respeito ao contraste feito com as variantes com o morfema número-pessoal, sendo padrão ou não, isto é, *mos*, *-mo*, *-emo* versus a variante zero (\emptyset). Ressaltamos que o objetivo deste trabalho é averiguar a frequência de aplicação da regra de concordância (marcação ou não de plural nos

verbos em P4) na comunidade em foco. Mas, a fim de observarmos a frequência dos alomorfes de plural referente à 1ª pessoa do plural, apresentamos, em seguida, os resultados separadamente, isto é, por variante:

Tabela 9: Frequência de uso dos alomorfes verbais de primeira pessoa do plural do português do semiárido baiano

-mos (<i>cantamos</i>) ⁸	-mo (<i>cantamo</i>)	-emo (<i>cantemo</i>)	∅ (<i>cantou</i>)
27/495	126/495	53/495	289/495
5,4%	25,4%	10,7%	58,4%

Fonte: dados da pesquisa

A partir dos resultados expostos nas duas tabelas acima, constata-se que predomina no vernáculo popular rural baiano a regra de não aplicação de plural nas formas verbais, com percentual de 58,4%. Constata-se ainda que a variante padrão *-mos* ocorre infimamente no *corpus* analisado, 5,4% dos casos analisados, sendo mais frequente o uso de variantes não padrão de plural, nesta ordem, *-mo* e *-emo*.

Comparando os resultados gerais do estudo de Lucchesi, Baxter e Silva (2009), no que se refere à aplicação do uso do morfema com sujeitos representados por *nós* e sua elipse em comunidades rurais afro-brasileiras na Bahia (18%), e nossos resultados (41,6%), observamos uma diferença de 23,6% entre eles. Essa diferença é grande porque estamos trabalhando com comunidades, em sua maioria, que não possuem história tão intensa do contato linguístico quanto às comunidades estudadas pelos autores supracitados.

Com base nos resultados encontrados com a análise estatística e na história social e linguística de cada comunidade, procuramos entender quais fatores condicionam a aplicação da regra com morfema número-pessoal de plural.

Apresentaremos nossa análise, abordando primeiro as variáveis selecionadas pelo programa GOLDVARB X, considerando alguns cruzamentos de dados e procurando sistematizar o fenômeno variável observado nos *corpora* em análise.

Ao identificarmos que os falantes do português popular da região rural da Bahia tendem a excluir as marcas explícitas indicativas de concordância verbal, buscamos, com base nos resultados e dados, mostrar quais são os fatores linguísticos e sociais que intervêm na aplicação da regra padrão.

⁸Os exemplos entre parênteses são meramente ilustrativos. Poderia teriam ter sido postas formas da 2ª ou 3ª conjugações, bem como de outros tempos e modos verbais.

4.2 AS VARIÁVEIS SELECIONADAS PARA A RODADA QUE OPÕE REGRA DE PLURAL

Na análise que investiga a oposição *mos*, *-mo*, *-emo* versus a variante zero (\emptyset), foram as seguintes variáveis selecionadas na primeira rodada do GOLDVARB X (SANKOFF; TAGLIAMONTE e SMITH, 2005), nesta ordem:

1. Realização e posição do pronome sujeito;
2. Saliência fônica;
3. Composição do sujeito;
4. Tempo verbal;
5. Comunidade.

4.2.1 A variável linguística realização e posição do sujeito

Desde os primeiros estudos que envolvem o tema concordância verbal, pesquisadores como Naro et al. (1999) incluem a realização e posição do sujeito como fatores investigativos no tratamento da variação, alguns como variáveis separadas. Neste trabalho, optamos seguir Lucchesi, Baxter e Silva (2009) que integraram as duas variáveis em uma única.

A nossa expectativa foi confirmada, já que pressupúnhamos que a presença de sujeito e sua anteposição imediata ao verbo favorecessem a aplicação da regra de concordância, tal como seu deu nos nossos resultados, conforme ilustra a tabela que se segue:

Tabela 10: A aplicação da regra de Concordância verbal em números percentuais e peso relativo segundo a variável *Realização e posição do Pronome Sujeito*

Distância entre o Pronome Sujeito e o verbo	Ocorrências	Frequência	Peso Relativo
Pronome sujeito não realizado	126/126	100%	<i>Knockout</i>
Pronome sujeito realizado e posposto	0/8	0%	<i>Knockout</i>
Realizado imediatamente antes do verbo	68/279	24,4%	.55
Realizado antes do verbo, mas separado por algum constituinte	11/79	13,9%	.33
Sujeito retomado por pronome relativo	1/3	33.3%	.43
TOTAL	206/495	41.6%	-

Fonte: dados da pesquisa

Log likelihood = -139.269 Significance = 0.009

Para o fator *pronome sujeito realizado e posposto*, encontramos oito dados todos com as formas verbais sem morfema de primeira pessoa plural, conforme se apresenta abaixo:

- (1) tava *nós* tudo chorano [III, F,-,b]
- (2) O dia foi que tava *nós* [I, F,+, h]
- (3) falar a verdade era *nós* da Cabanagem [II, M,+,h]
- (4) tem uns oito ano, *nós* de casado [II, F,-, h]
- (5) Quem faz o rolo é a ge... é *nós* [II, M,+,I]
- (6) E ficou tudo *nós* como o jeito d'uma família [III, M,+, I]
- (7) só era *nóh* dois [III, F,+, I]
- (8) Depois que teve *nós* tudo [III, F, -,m]

Nesse sentido, salienta-se que a totalidade dos estudos consultados para a realização desta pesquisa comprova que a *posposição do sujeito* desfavorece o uso padrão da concordância, ao passo que a anteposição imediata a favorece. Cabe, no entanto, chamar a atenção para o fato de que o valor de .55 encontrado na nossa pesquisa, próximo ao ponto neutro, leva-nos a interpretar que, na comunidade de fala que investigamos, mesmo nesse contexto, há muito uso da regra não padrão de concordância. Em outras palavras, não favorece tanto a sua aplicação.

O fator *pronome sujeito não realizado*, também apresentou *Knockout*, algo também esperado, pois, como afirma Rubio (2015, p. 105):

há forte tendência de que os sujeitos desinenciais recebam a marca de 1PP, independentemente do pronome que o precede em oração anterior, haja vista a marca não ser redundante nesses casos.

Vale destacar que, tal como fez o autor mencionado acima, as ocorrências de verbo flexionado na 1PP com sujeito zero que não possuíssem pronome explícito em contexto anterior também não foram consideradas nesta pesquisa, por não configurarem casos de variação no sentido laboviano, já que o uso da variante zero tornaria a frase agramatical, a exemplo de “Não *temos* esporte aqui” ou “Fazemos tudo aqui”.

Assim, os casos analisados dizem respeito a ocorrências em que era possível depreender a forma pronominal na oração precedente, tendo sido encontradas, conforme se apresentou na Tabela 10, 126 ocorrências, todas apresentando concordância verbal no verbo com sujeito implícito. As formas verbais integradas nesse fator estavam marcadas pelo morfema de

número pessoal para identificar o sujeito em primeira pessoa do plural a qual se referia. Isso confirma que essa variante favorece o uso de concordância padrão, havendo uma questão funcional para evitar ambiguidade, na medida em que se faz necessário identificar o sujeito. No exemplo “*Foi à praia*” é necessária a presença do sujeito para fazer a concordância, excluindo as interpretações “*Ele Foi a praia*”, “*Nós foi a praia*” ou “*Você(s) foi à praia*”.

Em relação aos dados do português rural afro-brasileiro, observamos que a concordância se deu em nível relativamente alto com sujeitos nulos (.88) nos resultados de Lucchesi; Baxter e Silva, 2009, p.365), nas comunidades Helvécia, Sapé, Barra/Bananal e Cinzento.

Assim, considerando os casos de *sujeito realizado antes do verbo, mas separado por algum constituinte e sujeito retomado por pronome relativo*, ambos desfavoreciam o uso de marca de plural, tendo sido encontrado apenas um fator que favorecia a aplicação da regra de CV, isto é, *sujeito realizado imediatamente antes do verbo*.

O fator *sujeito realizado antes do verbo, mas separado por algum constituinte* apresentou .33 no peso relativo. Acreditamos que a distância do sujeito para com o verbo dificulte a recuperação da figura do sujeito na mente do falante, o que já era esperado. Como no exemplo (46) e (47):

(46) *Nós aqui num tem profissão* [II, F, -, a]

(47) *nós nem leitura tem* [II, F, -, a]

Na variante *sujeito retomado por pronome relativo que*, já era esperada a baixa frequência. De três ocorrências, apenas uma tinha aplicação da regra de CV. O pronome *que* é uma palavra invariável, desfavorecendo a concordância com o verbo. As três ocorrências foram:

(48) *E nós que moramo aqui não tem água regadia*. [I, F, +, b]

(49) *pra nóiqu' é fraco* [III, M, +, b]

(50) *nós que fuma, bebe, joga*⁹ [III, M, +, h]

Não obstante os resultados acima terem se mostrado relevantes comprovando as nossas hipóteses iniciais e ratificando estudos anteriores, resolvemos fazer outra rodada retirando os dados categóricos de sujeito nulo ou desinencial (126 dados).

⁹A oração coordenada não teve diferença na sua codificação. Optamos por considerá-la na forma integral por não termos muitas ocorrências desse tipo. Salienta-se que foram consideradas as coordenadas com sujeito implícito apenas quando havia a primeira referência com o pronome *nós*.

Com objetivo de obtermos resultados mais claros e precisos quanto à regra de concordância variável com P4, optamos por eliminar os casos categóricos de sujeito implícito os quais apresentaram morfema de plural em todas as ocorrências. Possivelmente, tenha ocorrido enviesamento nos resultados por causa da consideração dessas 126 ocorrências.

Assim, em 48 entrevistas, foram encontradas 369 ocorrências de estruturas em que o sujeito é de primeira pessoa do plural com *nós*. Obtivemos um total de 80 ocorrências, que correspondem a 21,7% de aplicação da regra de concordância, com marcas explícitas de concordância, contra 289 ocorrências com construções verbais que não apresentaram marcas explícitas de concordância entre o verbo e o sujeito (78,3%). Esses resultados podem ser conferidos na Tabela 11 abaixo.

TABELA 11: Distribuição geral dos resultados acerca da concordância de número com sujeitos de primeira pessoa do plural (*nós*)

	Morfema	Nº de ocorrências/ Total	Frequência
Sem morfema de plural	Ø	289/369	78,3%
Com morfema de plural	<i>mo- mos- emo</i>	80/369	21,7%

Fonte: dados da pesquisa

O gráfico, abaixo, possibilita uma melhor visualização dos resultados:

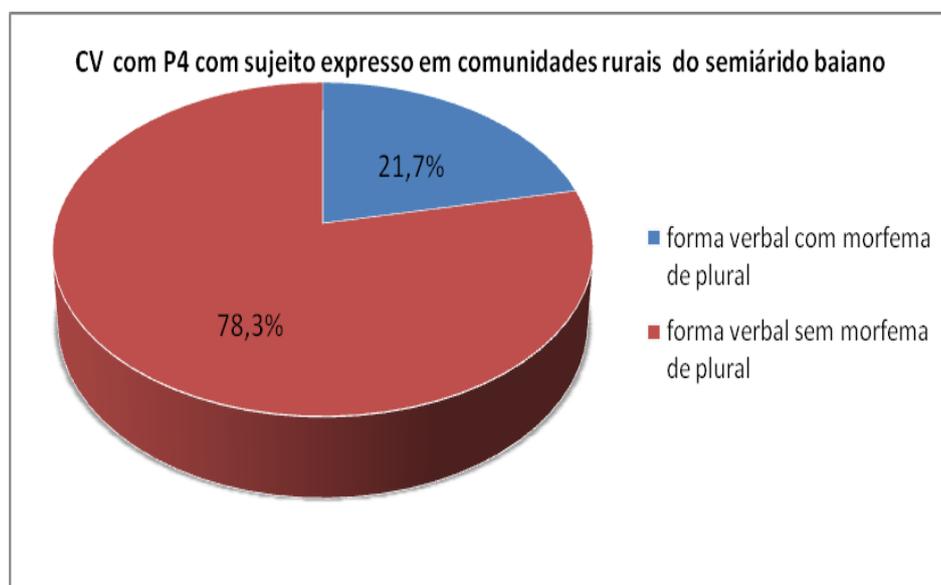


GRÁFICO 1- Distribuição geral dos resultados acerca da concordância de número com sujeitos de primeira pessoa do plural (com sujeito *nós* expresso)

A propósito, os resultados ficam bem próximos ao que Araujo (2014) encontrou para a terceira pessoa do plural, conforme se observa na tabela a seguir:

Tabela 12: Distribuição geral dos resultados das variantes referentes à concordância verbal com P6 pelos subtipos da norma popular feirense

Subamostra da norma popular feirense	Concordância padrão		Concordância não padrão	
	Ocor./Total	Percentual	Ocor./Total	Percentual
Norma popular rural (feirenses filhos de feirenses)	97/449	21.6%	352/449	78.4%
Norma popular urbana (feirenses filhos de migrantes)	105/435	24.1%	330/435	75.9%
Norma popular urbana (feirenses filhos de feirenses)	119/426	27.9%	307/426	72.1%
TOTAL	321/1310	24,5%	989/1310	75.5%

Fonte: Araujo (2014, p. 274)

Desmembrando os alofones do morfema de 1ª pessoa do plural, a fim de observarmos a frequência do alomorfe padrão e os demais alomorfes, obtivemos:

Tabela13: Frequência de uso dos alomorfes verbais de primeira pessoa do plural do português do semiárido baiano

-mos (<i>cantamos</i>)	-mo (<i>cantamo</i>)	-emo (<i>cantemo</i>)	Ø (<i>cantou</i>)
8/369	52/369	20/369	289/369
2,1%	14,4%	5,42%	78,3%

Fonte: dados da pesquisa

Com base na tabela 13, percebemos que retirando os casos de sujeito não expresso o morfema padrão (*-mos*) corresponde a apenas 2,1% do total de ocorrências, enquanto que a regra de não aplicação da CV corresponde a 78,3%. Foi possível confirmar que o apagamento do *-s* final do morfema é fenômeno característico da fala popular das comunidades analisadas (o que se observou ainda mais na rodada geral). Notamos que a aplicação da regra padrão de concordância de número é pouco frequente na fala dos moradores das comunidades rurais do semiárido baiano.

A rodada selecionou as seguintes variáveis, nesta ordem:

1. Realização e posição do pronome sujeito
2. Saliência fônica

3. Nível de referencialidade
4. Tempo verbal
5. Comunidade

As variáveis obtiveram as seguintes frequências e peso relativo:

Tabela 14: Resultado das variáveis selecionadas quanto ao uso dos alomorfes verbais (sem os casos de sujeito não expresso) de primeira pessoa do plural do português do semiárido baiano

Variável	Fator	Nº de ocorrências/Total	Frequência	Peso relativo
Realização e posição do pronome sujeito	Retomado por pronome relativo <i>que</i>	1/3	33,3%	.56
	Realizado imediatamente antes do verbo	68/279	24,4%	.55
	Realizado antes do verbo, mas separado por constituinte	11/79	13,9%	.33
Saliência fônica	5	18/36	50,0%	.75
	3	12/65	18,5%	.57
	2	37/101	36,6%	.54
	4	13/69	18,8%	.24
Nível de Referencialidade	[+ genérico]	1/5	20,0%	.80
	[- genérico + definido]	72/298	24,2%	.54
	[- genérico – definido]	5/33	15,2%	.41
	Eu ([+específico])	2/33	6,1%	.20
Tempo verbal	presente	38/162	23,5%	.36
	pretérito	42/98	42,9%	.71
Comunidade	Lagoa do Inácio	14/41	34,1%	.74
	Tapera	9/40	22,5%	.64
	Casinhas	23/76	30,3%	.60
	Barra/Bananal	31/148	20,9%	.50
	Mato Grosso	3/64	4,7%	.16

Log likelihood = -129.622 Significance = 0.043

Retirando as ocorrências sem sujeito expresso, por apresentar resultado categórico, foi feita essa nova rodada (369 dados) que de forma sucinta concluiu-se que: i) as variáveis *realização e posição do pronome sujeito*, *saliência fônica*, *tempo verbal* e *comunidade* foram de igual modo selecionadas como significativas. Também, suas frequências e pesos relativos demonstraram equivalência, se comparadas ao resultado geral (495 dados). A variável *nível de referencialidade* foi a única variável diferente que se mostrou significativa nessa rodada.

O sujeito *realizado imediatamente antes do verbo* é o que apresenta maior número de ocorrências e portanto, mostra-se favorável ao uso do morfema de plural em P4 (.55).

Observando os níveis iniciais e finais da *saliência fônica* percebemos que os pesos relativos demonstram que a medida que o nível de saliência aumenta, a frequência de aplicação da desinência de P4 também aumenta.

O *nível de referencialidade* simbolizado por [- genérico + definido] mostrou que há maior nível de ocorrências (298 dados) quando o referente é composto pela pessoa que fala acompanhada por ouvintes ou pessoas de um grupo específico. Assim, quanto menos genérico e mais definido o grupo a que se refere, como na frase “*Porque nós **somo** vizinho [III, M, +, h.]*” melhor a condição para flexionar o verbo em P4. As variantes que mostram-se favoráveis a aplicação da regra padrão foi essa, já discutida (.54) e a variante [+ genérico], que apesar do reduzido número de dados apresentou (.80) em seu peso relativo. A hipótese que levantamos foi que o *eu* ([+ específico]) influiria na não marcação da forma verbal, por que a 1PP (*nós*) estaria se referindo a uma pessoa no singular (*eu*). Apenas 2/33 dados obteve uso do morfema, ocasionando o não favorecimento a CV em P4.

Quanto ao *tempo verbal* é o pretérito que se destaca no uso padrão da CV e a *comunidade* Lagoa do Inácio favorece o uso da forma.

Comentamos de forma breve esses resultados, porque discutiremos mais detalhadamente os resultados gerais (com 495 dados).

Foi ainda feita uma rodada em que se retirou também os dados de *posposição de sujeito*, também categórico na amostra e os resultados encontrados foram:

Tabela 15: Resultado das variáveis selecionadas quanto ao uso dos alomorfes verbais (sem os casos de sujeito não expresso e sujeito posposto) de primeira pessoa do plural do português do semiárido baiano

Variável	Fator	Nº de ocorrências/Total	Frequência	Peso relativo
Realização e posição do pronome sujeito	Retomado por pronome relativo que	1/3	33,3%	.56
	Realizado imediatamente antes do verbo	68/279	24,4%	.55
	Realizado antes do verbo, mas separado por constituinte	11/79	13,9%	.33
Saliência fônica	5	18/36	51,4%	.77
	3	12/65	18,8%	.57
	2	37/101	37,0%	.53
	4	13/69	19,1%	.24
	[+ genérico]	1/5	20,0%	.79
	[- genérico + definido]	72/291	24,2%	.54
	[- genérico – definido]	5/32	15,2%	.42

	Eu ([+especifico])	2/33	6,1%	.18
Tempo verbal	pretérito	42/95	44,2%	.71
	presente	38/160	23,8%	.36
Comunidade	Lagoa do Inácio	14/38	36,8%	.78
	Tapera	9/40	22,5%	.65
	Casinhas	23/73	31,5%	.60
	Barra/Bananal	31/147	21,1%	.49
	Mato Grosso	3/63	4,8%	.16

Log likelihood = -126.887 Significance = 0.047

Nessa terceira rodada em que foram consideradas apenas 361 ocorrências com formas verbais definidas, cujo sujeito era expresso pelo pronome pessoal (*nós*,) descartando a forma zero (sujeito desinencial) e o sujeito posposto, o programa GOLDVARB X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; e SMITH, 2005) apresentou resultados bastante aproximados dos resultados da tabela 14 evidenciado na página 120.

Dessa forma, percebendo que a retirada dessas ocorrências não implicou diferenças bruscas para análises mais claras, decidimos prosseguir a discussão de análise com os 495 dados com a rodada geral.

4.2.2 A variável linguística saliência fônica

A variável saliência fônica se apresentou em segundo lugar no que diz respeito à rodada geral do GOLDVARB X. Em estudos de CV já realizados, observamos que saliência fônica é fator importante na retenção de marcas de pluralidade no que diz respeito às concordâncias nominal e verbal. Os resultados desses estudos comprovam que maiores níveis de saliência entre formas verbais levam a maiores frequências de uso da forma em 1PP (NARO; GORSKI e FERNANDES, 1999). À medida que o nível de saliência aumenta, a frequência de aplicação da desinência de 1PP também aumenta.

Fizemos duas rodadas. Foi preciso retirar, na primeira rodada dos resultados, o nível 1 (que agrega grau mínimo de saliência fônica), por questão de *Knockout*, pois nenhuma das ocorrências em nesse nível apresentaram CV.

No nível 1, encontram-se os verbos de pretérito imperfeito. Todas as ocorrências que apresentaram verbos nesse tempo, que seriam proparoxítonos se estivessem conjugados na forma padrão, estavam sem o morfema de plural. Por causa da queda do morfema de plural os verbos tornaram-se paroxítonos. Como exemplo temos as frases:

(51) *nós plantava de tudo* [III, F, -, a]

(52) *nós puxava era roda.*[III, F, -, a]

Entendemos que as transformações fonéticas do latim para o português originaram variações na forma de falar e essas variações continuam a ocorrer até hoje. A esses processos de transformação fonética pelos quais passou a língua chamamos metaplasmos. Quando há eliminação de fonemas no meio das palavras, ocorre o processo fonético chamado síncope; e quando há eliminação no fim, delas chamamos apócope. São esses dois processos os mais comuns na fala popular, e em nosso material de análise.

A síncope das proparoxítonas já é uma tendência da língua portuguesa desde o latim vulgar ao latim clássico. Documenta-se essa tendência em palavras como: *calidu* (*caldo*), *littera* (*letra*). Esse processo também é encontrado em quase todas as línguas românicas, assim, não representa exclusividade da nossa língua. Permanece vivo no português brasileiro popular contemporâneo, como revelam os estudos de Nascentes (1922), Marroquim (1934) e Amaral (1955[1920]). O primeiro autor citado, em seu estudo sobre a linguagem carioca, reforça que a síncope das postônicas se deu na passagem do latim para o português, mas continua atuando na classe inculta com grandes alterações na estrutura da palavra. Desse modo, frequentemente podemos ouvir no português popular palavras como: *bebo* (*bêbado*); *árvre* (*árvore*).

Como é de consenso geral, Coelho (2006, p.15) considera o processo da escolarização *a gente* de grande importância para formação da gramática interna e consciente do indivíduo. Ele afirma que falantes muito distantes de um quadro completo de escolarização não possuem em sua gramática o sufixo *-mos*, quase categoricamente. Nesse sentido, as formas do pretérito imperfeito (exemplo: *dançava/ dançávamos*), formas menos salientes em relação às formas do pretérito perfeito (exemplo: *tive/tivemos*) não estariam em concordância com o sujeito em primeira pessoa do plural. Isso significa que pessoas com escolaridade alta apresentariam concordância verbal no nível 1 da saliência fônica enquanto pessoas com escolaridade baixa assumiriam uma única estrutura gramatical, ocasionando a perda das flexões. Para o autor, isso é justificado então pela falta ou má formação escolar.

Nosso material de análise foi constituído apenas com escolaridade nível semialfabetizados e analfabetos. Se a variável escolaridade tivesse sido controlada em nossos resultados, ou se trabalhássemos com nível culto e semiculto teríamos uma justificativa melhor a ser discutida.

Os casos encontrados em nossa pesquisa no nível 1 do fator saliência fônica, verbos proparoxítonos com eliminação do morfema de plural *-mos* (*nós não tinha/ nós tava hoje aqui*) se encaixam no processo de apócope. A redução fônica pela perda de um ou mais segmentos na sílaba pode ser exemplificado nas frases:

Nível 1

Oposição *morava/morávamos* (53) NÓS MORAVA *afastado* [II, F, +, h]

Oposição *ia/íamos* (54) NÓS ÍA *lá, sempre trabalhava* [III, M, -, b]

O processo de apócope encontrado nos dados se justificaria por ser uma questão fonética e também de ausência da flexão, levando em consideração a forma de aquisição da língua desses falantes somados ao contexto escolaridade.

Lemle (1978) acredita que o contexto linguístico é um dos fatores que favorece a redução. Desse modo, conclui-se que a perda das proparoxítonas em comunidades rurais é um processo natural, sendo muito raro o uso de proparoxítonas. Tanto nos nomes, quanto nos verbos, este último nosso foco de estudo.

A tabela abaixo mostra nossos resultados.

Tabela 16: Presença de desinência verbal em 1PP em números percentuais e peso relativo segundo a variável *Saliência Fônica*

Nível	Exemplo	Presença de Desinência verbal em 1PP	Freq. %	Peso relativo
5	Falou falamos é/somos	35/53	66,0%	.75
2	trouxe/trouxemos	95/159	59,7%	.55
3	está/estamos	27/80	33,8%	.54
4	foi/fomos	49/105	46,7%	.27
1	falava/falávamos	0/98	0,0%	<i>Knockout</i>
TOTAL		206/495	41,6%	-

Fonte: dados da pesquisa

Log likelihood = -139.269 Significance = 0.009

Os resultados evidenciados confirmam, parcialmente, as hipóteses. Esperava-se um aumento gradual nos pesos relativos de presença de desinência verbal na proporção que aumentasse o nível de saliência fônica. Podemos observar na tabela (16) que isso realmente

existiu, mas não hierarquicamente na escala esperada. Os três níveis iniciais justificam isso. Percebemos que a gradação começa com peso .55, no segundo nível; logo após, há uma declinação no resultado mostrando .54 no terceiro nível; e .27 no quarto nível. Como já era esperado, o nível 5 apresentou maior favorecimento ao uso do morfema de plural nos verbos em 1PP (.73).

Conforme justificado na seção (3.5.2.2) a saliência do contraste *é/somos* se apresenta de forma bastante acentuada se comparada aos verbos *falou/falamos*. Assim, para obtermos resultados mais precisos foi necessário modificar o quadro modelo (Naro *et al*, 1999 [1977]), acrescentando o nível 6 em que a oposição entre a 3ª pessoa do singular e 1ª pessoa do plural em que *-V/-Vmos* se apresenta tônica nas duas formas com mudança no radical.

Nível	Exemplo	Presença de Desinência verbal em 1PP	Freq. %	Peso relativo
1	falava/falávamos	0/98	0.0%	<i>Knockout</i>
2	trouxe/trouxemos	95/159	59,7%	.56
3	está/estamos	27/80	33,8%	.60
4	foi/fomos	49/105	46,7%	.22
5	falou/ falamos	11/18	61,1%	.26
6	é/somos	24/35	68,6%	.89
TOTAL		206/495	58,4%	-

Fonte: dados da pesquisa

Log likelihood = -132.433 Significance = 0.030

Tomando como base os pesos relativos dos níveis extremos 2 e 6, se comparados, (desconsiderando nível 1 por apresentar *knockout*), percebemos a gradação de .56 para .89 no resultado. O que revela parte dos resultados esperados.

Os números em frequência e em peso do emprego da desinência número pessoal no nível 2 (59,7% / .56) podem estar relacionados à presença do pronome (*nós*) na função de sujeito e sua posição imediata anteposta ao verbo. Posição essa que favorece aplicação da regra de concordância.

Nível 2

Oposição *planta/ plantamos* (54) NÓS PLANTAMO esse ano[I, F, +,b]

Oposição *passa/passamos* (55) **PASSEMO** *um ano namorano* [I, F, +, h]

A queda do percentual no nível 3 (33,3%/ .60) pode estar associada ao fato de haver ocorrências com o tempo presente, os quais não favorecem a concordância verbal (.34), conforme será apresentado na Tabela 20.

Abaixo temos ocorrências desse tempo verbal que exemplificam casos com concordância:

Nível 3

Oposição *tem/temos*- (56) *Mas* **NÓS TEM** *que vortar*[III, F, -, b]

Oposição *está/ estamos*- (57) **NÓS TÁ** *muito melhor*[III, F, -, m]

Há um declínio brusco de marcas para o nível 4 que apresenta peso relativo .22. A maioria dos verbos que integra esse fator está no tempo pretérito perfeito.

Nível 4

Oposição *criou/ criamos*- (58) **NÓS CRIEMO** *tudo aí na porta* [III, M,-, b]

Oposição *foi/fomos*- (59) **AÍ FUMO** *trabaiano pouco apouco*[I, F, +, h]

Em seguida, o nível 5 apresenta .26 peso relativo e 61,1% de frequência de aplicação de regra de concordância.

Nível 5

Oposição *fez/fizemos*- (60) **NÓS DE NOITE QUANDO FEZ** *a mesa* [II, F, -, b]

Oposição *veio/ viemos*- (61) *ai* **VIEMO** *pra aqui* [III, F, -, h]

Por último, o nível 6 apresenta números elevados de aplicação de regra de concordância (.89 peso relativo e 68,6% de frequência). O resultado vem ratificar a hipótese inicial da gradação hierárquica proposta por Naro et al.(1999). O mesmo postula, que quanto mais saliente a distinção entre a terceira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural, há mais chance de realização da desinência *-mos*.

Nível 6

Oposição *é/somos*-(62) **NÓS SOMO DOIS IRMÃO HOMEM** [III, M, -, b]

(continuação) Nível 6

Oposição *é/somos*-(63) NÓS TAMBÉM É DE COMPADE DE BRINCADEIRA

[l, m, +, h]

Enfim, apesar de não encontrarmos a gradação uniforme de saliência fônica, conforme nossa expectativa, os resultados expostos mostram que os primeiros níveis, cujas oposições são menos salientes, desfavorecem o emprego da desinência *-mos* nos verbos. Também é possível perceber que a oposição do último nível (6), o qual é mais saliente, evidencia contexto favorável à aplicação da concordância.

Em outra rodada, opondo os níveis menos salientes (1, 2 e 3) com os mais salientes (4, 5 e 6), verificamos os seguintes resultados:

Tabela 17: Oposição dos níveis menos salientes e mais salientes na regra de CV com P4

Nível	Exemplo	Presença de Desinência verbal em P4	Freq. %	Peso relativo
Menos salientes 1, 2, 3	falava/falávamos trouxe/trouxemos está/estamos	122/337	36,2%	0.50
Mais salientes 4, 5, 6	foi/fomos Falou falamos é/somos	84/158	53,2%	0.49
TOTAL		206/495	41,6%	-

Fonte: dados da pesquisa

Log likelihood = -148.129 Significance = 0.045

Com o amálgama dos níveis menos (1,2 3) e mais (4, 5, 6) salientes a tabela 17 mostra resultados opostos à hipótese inicial, que afirma que maiores níveis de saliência entre formas verbais levam a maiores frequências de uso da forma em P4. Os fatores mostraram resultados neutros em que não podemos obter conclusões totais.

Assim, buscando novas respostas com a finalidade de esclarecer melhor esses resultados cruzamos os dados das variáveis *saliência fônica* e *tempo verbal*. Vale considerar, que por motivo de *Knockout*, apenas os dois tempos verbais abaixo foram destacados como significativos pelo programa estatístico.

Tabela18 : Cruzamento das variáveis *tempo verbal* e *saliência fônica* seus níveis menos e mais salientes (amalgamados) em relação à presença de desinência número pessoal em P4: números e percentuais

TEMPO	SALIÊNCIA		NÍVEIS Menos salientes	NÍVEIS Mais salientes	TOTAL
	PRESENTE	N		41/144	47/68
%			28%	69%	42%
PRETÉRITO PERFEITO	N		81/86	37/88	118/171
	%		94%	42%	69%
TOTAL	N		122/230	84/156	206/383
	%		60%	54%	53%

O cruzamento revela que há maiores ocorrências de verbos com morfema de plural nos níveis menos salientes. A maior parte dos verbos conjugados pelos falantes do semiárido baiano concentra-se no tempo presente, porém apresentando apenas 42% de CV com P4 enquanto os verbos do pretérito perfeito são conjugados na forma padrão em 118/171 dados resultando 69% de aplicação da regra.

Retomando análise com os níveis separados cruzamos mais uma vez os dados das variáveis *saliência fônica* e *tempo verbal*.

Tabela 19: Cruzamento das variáveis *tempo verbal* e *saliência fônica* em relação à presença de desinência número pessoal em P4: números e percentuais

TEMPO		NÍVEL 2	NÍVEL 3	NÍVEL 4	NÍVEL 5	NÍVEL 6	TOTAL
PRESENTE	N	14/76	27/68	23/33	0/0	24/35	88/212
	%	18%	40%	70%	0%	69%	42%
PRETÉRITO PERFEITO	N	81/83	0/0	26/70	11/18	0/0	118/171
	%	98%	0%	37%	61%	0%	69%
TOTAL	N	95/159	27/68	49/103	11/18	24/35	206/383
	%	60%	40%	48%	61%	69%	54%

Fonte: dados da pesquisa

O cruzamento, entre essas variáveis, mostra que existe dependência entre elas. Todas as ocorrências do pretérito imperfeito estão no nível 1 de saliência fônica. Cabe ressaltar que essas ocorrências foram retiradas na segunda rodada por questão de *knockout*; por isso, não estão apresentadas na tabela. É nesse tempo verbal e nessa saliência onde há claramente ausência total de morfema de plural nos verbos em P4. As formas verbais quando conjugadas na forma padrão ficam proparoxítonas. Os resultados nos revelaram que os falantes do semiárido baiano não usam o sufixo correspondente ao tempo verbal e não acentuam a antepenúltima sílaba, o que concorda com o estudo de Bortoni-Ricardo (2011) a qual afirma que esta é uma tendência do português brasileiro.

O cruzamento também permitiu observar que o tempo presente nos dois níveis iniciais (2 e 3) não registram altos níveis de concordância (18% e 40%), diferente dos níveis (4 e 6) que percentualmente revelam números positivos (70% e 69%) ao uso de concordância padrão.

O tempo pretérito perfeito demonstra resultados contrários ao tempo acima citado. O nível 2 favorece a CV (98%). Não há ocorrências com verbos no pretérito perfeito nos níveis 3 e 6. O nível 4 apresenta uma frequência baixa (37%) e o nível 5, apesar das poucas ocorrências (11/18) apresentou 61% de morfema de plural nos verbos. Possivelmente, o pronome sujeito não realizado nestes casos (verbos no tempo pretérito perfeito) influenciou significativamente. Quando não há marcação de sujeito, o verbo recebe o morfema *-mos* para identificar a pessoa que fala, desse modo contribuindo para os valores percentualmente altos para esse tempo verbal.

4.2.3 A variável linguística composição do sujeito

Esta variável foi selecionada pelo programa GOLDVARB X em terceiro lugar de “significância”. Levando em consideração as possíveis classificações do sujeito escolhidas para integrar essa variável, apenas uma variante (sujeito implícito) precisou ser retirada por causa de *Knockouts* encontrado. A variante retirada, *sujeito implícito*, confirmou nossa hipótese de que a ausência de sujeito favoreceria a flexão em P4 (126/126). Abaixo segue exemplos dessa composição:

(80) *Ganhamos uma novilha e um carneiro* (I, M,+, h)

(81) *passemos um ano namorando e um ano noivo* (I, M, +, h)

(82) *tamo com trinta e seis ano de casado* (III, F,+, l)

A tabela abaixo mostra os resultados encontrados:

Tabela 20: Peso relativo e frequência da variável *composição do sujeito* que apresentaram verbos com morfema de plural em P4

Composição do sujeito	Verbos com morfema de plural			
	Nº		P.R	
Sujeito simples		76/ 348		
	%	21.8%	P.R	.50
Sujeito simples com quantificador tudo	Nº	4/18		
	%	22.2%	P.R	.46
Sujeito simples com quantificador todo(s)toda(s)	Nº	1/ 2		
	%	50%	P.R	.77

Sujeito anteposto retomado por pronome relativo	Nº	1/3		
	%	33.3	P.R	.62

Fonte: dados da pesquisa Log likelihood = -139.269 Significance = 0.009

Segundo resultados da tabela, observamos que o sujeito simples pronominal é a variante que se destaca em números de ocorrências. O percentual e peso relativo dessa variante mostram-se desfavoráveis ao uso da concordância em P4. Esperávamos que os dados com sujeito simples favorecessem a flexão na forma verbal. O resultado não confirma a hipótese para essa variante. Apesar de o peso relativo estar numa região neutra (.49), o número de ocorrências do sujeito simples pronominal sem forma verbal é bem maior (272 ocorrências) do que (76 ocorrências) com forma verbal flexionada.

As demais variantes mostram o que já era esperado: número de ocorrências em menor escala, frequências e pesos proporcionais a pequena quantidade encontrada, o que impossibilita maiores interpretações.

Assim, concluímos que, na fala dos moradores da zona rural do semiárido baiano, o sujeito simples se apresenta em alta frequência nas ocorrências, porém os verbos utilizados em sua maioria não apresentam CV em P4.

4.2.4 A variável linguística tempo verbal

Esta variável foi selecionada pelo programa GOLDVARB X como estatisticamente significativa. Para solucionar os problemas de *Knockouts* existentes na primeira rodada, eliminamos (ferramenta: não se aplica)¹⁰ quatro variantes, sendo elas:

a) *futuro simples* por não apresentar ocorrências

b) *futuro perifrástico* que apresentou 2 ocorrências

Exemplos:

(64) *Nós vai cozinhar* [III, F, -, m]

(65) *Nós vai trazer o doutor aqui* [III, F, -, b]

¹⁰Os casos de não se aplica foram codificados com uma barra (/). Neste grupo, seriam casos de “não se aplica” os dados em que apresentaram verbos no futuro simples, futuro perifrástico, futuro do subjuntivo e pretérito perfeito, todos com *Knockout*.

c) *futuro do subjuntivo* que apresentou 12 ocorrências, todas elas sem morfema de plural de P4 nos verbos.

Exemplos:

(66) *Ele mandava nós **ir** pra escola*[III, F, -, b]

(67) *Nós comer requeijão*[III, F, -, m]

(68) *Nós **precisar** aqui*[I, M, +, b]

d) *Pretérito imperfeito* apresentou 92 ocorrências, todas sem morfema de plural nos verbos

Exemplos:

(69) *nós **puxava** era roda*[III, F, -, a]

(70) *Nós **tinha** canoa, rede*[I, M, +, b]

(71) *nós **sortava** muito pipa*[I, M, +, b]

Zilles et al (2000) afirmam que os tempos verbais presente e pretérito perfeito, bem como a perífrase *vamos + infinitivo*, são as mais frequentes na fala. Também, a autora afirma que os verbos do pretérito do imperfeito desfavorecem muitíssimo a forma *-mo* (em seu estudo apenas 3% dos casos), pois há um o processo associado a esse tempo verbal (a formação de proparoxítona é evitada pela omissão da desinência inteira). Nosso resultado mostrou *knockout*, como mostra item ‘d’ descrito acima.

Podemos dizer que o tipo de texto, seguindo a metodologia da entrevista, não possibilitou o uso desses verbos. A linha de discurso se concentrou em pontos contextuais do presente e lembranças passadas, a exemplo: casamento/ emprego/ família. O discurso futuro a exemplo: sonhos/ objetivos não foram discutidos, inviabilizando, assim, obtermos ocorrências no tempo verbal futuro.

No tempo *futuro perifrástico*, encaixamos verbos que apresentaram a formação Suj. 1PP+ verbo ir fut. + verbo infinitivo, como no exemplo (72):

(72) *Nós **vai** trazer o doutor aqui pra examinar essa menina.*[III, F, -, b]

No tempo *futuro do subjuntivo*, foi integrado verbos formados por sujeito 1PP+verbo infinitivo, como no exemplo (73 e 74):

(73) *pra nós **resolver***”[II, M, +, b]

(74) dessa roça deu pra nós **savar** esse tempo de seca que teve. [II, M, +, b]

A baixa frequência de uso desses tempos verbais é justificada pelo fato da discussão, pela qual as entrevistas seguem, girarem em torno de experiências pessoais do passado e do presente. Não há relatos de sonhos ou aspectos que apontem o tempo futuro. Os *Knockouts* foram apontados pelo programa porque as poucas ocorrências desses tempos verbais, no total de 12, todas apresentaram não concordância em P4 entre verbo e o sujeito.

A presença de aplicação da regra de concordância verbal em contextos de verbos no *pretérito imperfeito*, em números percentuais, está em consonância com outros trabalhos já citados no referencial teórico. A pesquisa de Nina (1980), com informantes analfabetos da micro-região de Bragantina, mostra que há 9% de concordância com esses verbos. Bortoni-Ricardo (2005) apresenta 10% de emprego em DNP4 no estudo com migrantes da zona rural de Minas Gerais, enquanto Zilles et al (2000) também constatou 3% na forma *-mo* quando o tempo verbal é pretérito imperfeito na pesquisa feita com dados de fala urbana em Porto Alegre e em Panambi.

Nossos resultados mostraram que os verbos no *pretérito imperfeito* também desfavorecem a forma padrão, não apresentando ocorrências com desinência plural nos verbos em P4.

Na segunda rodada, depois da retirada dos tempos verbais que apresentaram *Knockouts*, a variável tempo verbal demonstrou os resultados apresentados na Tabela (20):

Tabela 21: A relação entre a variável *tempo verbal* e a presença da desinência *-mos* em comunidades rurais do semiárido baiano

Tempo verbal	Número de ocorrências	%	Peso relativo
Pretérito perfeito	118/174	68,0%	.69
Presente	88/212	41,5%	.34
Total	206/386	53,4%	

Fonte: dados da pesquisa

Log likelihood = -139.269 Significance = 0.009

A observação dos resultados nos permite identificar que o tempo verbal pretérito perfeito possui uma forte tendência à concordância nos verbos em P4. O tempo *presente* mostrou não favorecer a concordância apresentando o peso relativo de .34, justamente pelo conteúdo da conversa durante as entrevistas, que se concentrou mais em lembranças passadas.

O tempo presente favoreceria os resultados se tivéssemos incluso na análise expressões como vamos dançar (perífrases). Zilles et al (2000) encontraram .81 para casos

vamos + infinitivo. Porém por questões metodológicas excluimos dados conjugados no imperativo e sem o sujeito *nós*; dados com estruturas do tipo “vamos” + verbo no infinitivo que funcionam como expressão fixa para fazer uma espécie de convite, como nos exemplos: *vamo fugir pa sua casa lá, sua terra?* [III, F, -, h]; *Vamos chegar. Pode entrar* [III, M, -, b]; *vamo dizer, assim, que tivesse cinqüenta metro quadrado* [II, M, +, h]. Assim, a exclusão de perífrase *vamos + infinitivo*, que marcam tempo presente e o modo imperativo podem estar influenciando o baixo índice de ocorrência no tempo presente e o favorecimento a omissão da desinência número pessoal *-mos*.

A não aplicação da regra de concordância é comum no tempo verbal presente, como demonstram os exemplos abaixo:

(75) *Nós vai, porque tem hora a gente fica, assim, mei esmorecido*[I, M, +, b]

(76) *Na hora que nós ta assistino assim*[I, M, +, b]

(77) *Sempre nós faz um jogo*[I, M, +, b]

(78) *um bando de coisa nós faz aqui*[I, M, +, b]

(79) *nós num briga mais não.* [I, F, +, a]

Diante dos resultados, é fato afirmar que a variante em questão é uma realidade dos falantes do português do Brasil moradores da zona rural. Sendo assim, há dificuldades na concordância quando a forma verbal está no presente e também no pretérito imperfeito (*nós plantávamos/nós plantava*).

Estudos contemporâneos trazem resultados similares que corroboram com os nossos estudos quanto à variável *tempo verbal*. Scherre et al (2015), tomam para análise amostras da Baixada Cuiabana e Vitória e encontram o seguinte resultado:

Tabela 22: Efeitos do tempo verbal do modo indicativo no uso de *nós*-com-concordância vs. *nós*-sem-concordância: dados da Baixada Cuiabana e Vitória (SCHERRE ET AL, 2015)

	Baixada Cuiabana		Vitória	
Tempo verbal no indicativo	Frequência de <i>nós</i> com concordância vs. <i>Nós</i> sem concordância	Peso relativo dos fatores	Frequência de <i>nós</i> com concordância vs. <i>Nós</i> sem concordância	Peso relativo dos fatores

Pretérito perfeito pode ser igual ao presente	29/30=97%	0,97	160/164=98%	0,77
Presente pode ser igual ao pretérito perfeito	25/95=24%	0,27	27/31=87%	0,15
Pretérito perfeito diferente do presente	25/26=0,96%	0,98	70/72=97%	0,70
Presente diferente do pretérito	107/137=78%	0,77	135/144=94%	0,52
Imperfeito	17/136=13%	0,12	14/52=27%	0,02
Total	201/424=47%		406/463=88%	

Dados da pesquisa de Scherre et al (2015)

A tabela demonstra resultados que confirmam nossas conclusões quanto a essa variável. Os verbos no pretérito perfeito favorecem a aplicação da desinência número-pessoal – *mos*, com pesos relativamente alto para as duas cidades do estudo acima. Os verbos no tempo presente desfavorecem a aplicação da regra com .27 em Cuiabá e 0,15 em Vitória. Os verbos no imperfeito com concordância verbal em P4 aparecem em poucos casos resultando 0,12 e 0,02, pesos relativamente baixos como encontrados em Zilles et al (2000) e categórico em nossa amostra.

4.2.5 A variável extralinguística comunidade

As ocorrências foram distribuídas da seguinte forma, considerando as comunidades linguísticas:

Tabela 23: Distribuição dos resultados acerca da concordância de número de acordo com a comunidade rural analisada

Comunidades	FORMAS VERBAIS COM MORFEMA DE PLURAL	
	Nº do ocorrências / Total	%
Casinhas	87/140	62,1%
Lagoa do Inácio	26/53	49,1%

Tapera	16/47	34,0%
Barra/Bananal	57/174	32,8%
Mato Grosso	20/81	24,7%
TOTAL	206/495	41,6%

O gráfico abaixo ilustra os resultados encontrados e expostos na tabela acima.

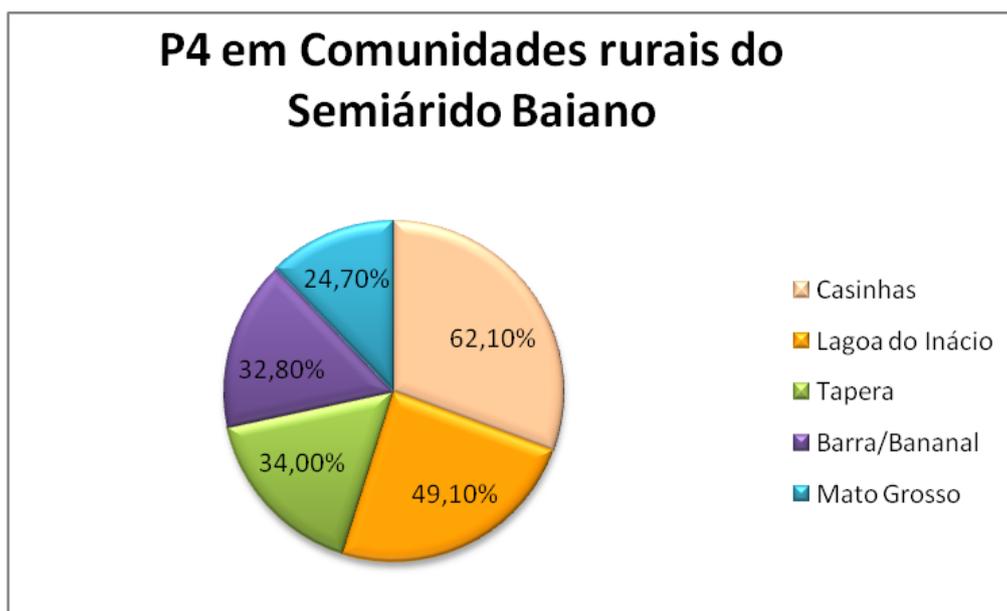


GRÁFICO 2- Distribuição geral da concordância verbal com P4 em comunidades rurais do semiárido baiano

Fonte: Dados da pesquisa

Como podemos ver, a comunidade de Mato Grosso apresentou o menor percentual de concordância padrão com 24,70%, sendo seguida pela comunidade de Barra/Bananal (32,80%) e Tapera, que apresentou 34% de concordância verbal. Comparando os resultados, percebemos que a comunidade de Casinhas demonstrou números acima da média, apresentando o maior percentual, atingindo 62,1%, sendo seguida pela comunidade Lagoa do Inácio com 49,1% de CV em P4 (com *nós*).

Chamou-nos a atenção o fato de as comunidades com menores índices de concordância verbal padrão estarem situadas na região da Chapada Diamantina. Acreditamos que esse fato deve ser melhor ponderado.

Por ora, salientamos que os resultados obtidos se apresentaram de forma inesperada, pois pressupunhamos que a comunidade de etnia branca (Mato Grosso) manteria um padrão alto de concordância por conta da sua sócio-história e contato maior com a sede do município de Rio de Contas. Contraditoriamente, essa comunidade foi a que apresentou o menor percentual de CV. Esperávamos, também, que a localização do município de Rio de Contas com suas tradições

culturais e turísticas influenciasse no padrão verbal de seus habitantes, favorecendo o uso padrão. Já as comunidades rurais do município de Jeremoabo, comunidades situadas no polígono das secas, foram as que mais se destacaram nos números percentuais e relativos quanto à presença de forma verbal (-*mos*) em P4.

A tabela seguinte demonstra que, de fato, são as comunidades pertencentes ao município de Jeremoabo que favorecem o uso da flexão verbal.

Tabela 24: Resultado referente ao peso relativo das comunidades rurais do semiárido baiano que apresentaram forma verbal em concordância na P4

	Comunidade	Peso relativo
Município de Jeremoabo	Lagoa do Inácio	.66
	Tapera	.62
	Casinhas	.58
Município de Rio de Contas	Barra/Bananal	.49
	Mato Grosso	.22

Fonte: dados da pesquisa

Log likelihood = -139.269 Significance = 0.009

Dessa forma apresentada, reconhecemos a existência de variação na aplicação da regra de concordância verbal no *corpus* analisado.

Numa pesquisa realizada com os falantes do português popular rural, enfocando a concordância verbal em P4, Lucchesi, Baxter (2009), em amostras da fala de quatro comunidades afro-descendentes baianas (Sapé-Valença/ Helvécia- Nova Viçosa / Barra Bananal- Rio de Contas/ Cinzento-Planalto), encontraram um percentual de 18% de aplicação do uso do morfema com sujeitos representados por *nós*, um percentual significativamente baixo de uso na frequência de aplicação da regra de CV em P4.

Lucchesi (2009, p. 79) justifica os baixos números de aplicação do uso do morfema com sujeitos em P4 afirmando que:

A diferenciação das comunidades rurais afro-brasileiras isoladas frente às comunidades de fala rurais brasileiras, em termos linguísticos, está consubstanciada na identificação de processos linguísticos presentes nas primeiras e ausentes nas últimas, bem como em uma maior intensidade dos processos de variação nas primeiras em relação às demais. As evidências empíricas comprovam que o contato entre línguas foi relevante na conformação dessas variedades linguísticas. As condições históricas que caracterizam a formação de comunidades afro-brasileiras, na qual essa se encaixa,

fizeram com que os efeitos de contato entre línguas fossem intensos e se conservassem com nitidez até os dias atuais.

Essa citação elucida o fato que comunidades afrodescendentes, por estarem mais isoladas, têm uma história sociolinguística diferenciada. Por causa da presença maior do contato caracterizam-se por apresentar formas linguísticas que não são comuns em outras comunidades rurais. Lá, é possível encontrar exemplo como “*Casa de eu*”, que representa caso específico de comunidades afrodescendentes. Os negros, que foram explorados na região da Chapada Diamantina-Bahia, na extração de minérios obtiveram um contato linguístico bem mais “grosseiro”, se assim podemos chamar, do que negros destinados ao trabalho escravo na pecuária da região interiorana da Bahia. Assim, as variações linguísticas foram intensas, mais naquelas do que nesta (levando em consideração as relações interpessoais, o tipo de trabalho, a concentração de negros de diversas etnias, a presença de migrantes e muitos outros fatores que implicaram em variação).

Com relação à comunidade, é Lagoa do Inácio que favorece o uso da desinência – *mos* nos verbos em P4, com peso **.66**, ao passo que Mato Grosso a desfavorece, com peso de **.22**, resultado não compatível com nossa hipótese.

Analisando a sinopse do quadro de informantes referente à escolaridade (quadro 12 da Seção 3.5.3.3) da comunidade em destaque, Lagoa do Inácio, e o cruzamento entre as variáveis comunidade e escolaridade foi possível entender o porquê do favorecimento do uso da desinência nessa comunidade. A tabela abaixo, referente ao cruzamento das referidas variáveis sociais, demonstra isso:

Tabela 25: Cruzamento entre as variáveis sociais *comunidade* e *escolaridade*: frequências e percentuais do uso de CV em P4

Comunidades	ESCOLARIDADE					
	SEMIALFABETIZADO		ANALFABETO		TOTAL	
TAPERA	Nº	5/10	Nº	11/37	Nº	16/47
	%	50%	%	30%	%	34%
CASINHAS	Nº	59/83	Nº	28/57	Nº	87/140
	%	71%	%	49%	%	62%
LAGOA DO INÁCIO	Nº	26/53	Nº	0	Nº	26/53
	%	49%	%	0	%	49%
BARRA/BANANAL	Nº	34/90	Nº	23/84	Nº	57/174
	%	38%	%	27%	%	33%

MATO GROSSO	N°	9/19	N°	11/62	N°	20/81
	%	47%	%	18%	%	25%
TOTAL	N°	133/255	N°	73/240	N°	206/495
	%	52%	%	30%	%	42%

A tabela nos mostra que todos os informantes da comunidade Lagoa do Inácio (jovens, adultos e idosos) são semialfabetizados. Diferentemente da situação escolar dos informantes das outras comunidades, formadas por informantes semialfabetizados e analfabetos. Desse modo, percebemos como o controle de escolarização de forma equitativa seria importante para os resultados.

O cruzamento ainda nos mostra que a comunidade de Barra/Bananal se destaca em número de ocorrências (174 dados) de verbos com flexão em P4. A comunidade de Casinhas se destaca em números percentuais de informantes semialfabetizados. No geral, as comunidades se caracterizam por terem mais informantes semialfabetizados (52%) do que analfabetos (30%).

Esperávamos que as comunidades situadas no município de Jeremoabo, por possuírem características sócio-históricas culturais diferentes das comunidades do município de Rio de Contas, apresentassem números com pesos menores. Jeremoabo, por estar situada em local de difícil acesso, localizada no interior rural do município com poucas unidades educativas, também por possuir nível econômico inferior, se compararmos com o município de Rio de Contas, supúnhamos que o fenômeno em estudo se apresentaria de forma desfavorecedora no município de Jeremoabo. Porém os resultados mostram o contrário. A tabela a seguir demonstra isso:

Tabela 26: Distribuição geral do resultado de acordo presença de desinência –*mos* nos verbos segundo variável comunidade

Comunidade	N° de ocorrências/ total	Frequência	Peso relativo
Lagoa do Inácio	26/53	49,1%	.66
Tapera	16/47	34%	.62
Casinhas	87/140	62,1%	.58
Barra/Bananal	57/174	32,8%	.49
Mato Grosso	20/81	24,7%	.22
Total	206/495	41,69%	-

Fonte: dados da pesquisa

Log likelihood = -139.269 Significance = 0.009

Como podemos observar, as três primeiras comunidades da tabela são as que estão situadas no município de Jeremoabo e se destacam no favorecimento do uso do morfema implicando CV em P4. Diferentemente das duas últimas comunidades que estão localizadas em Rio de Contas, na região da Chapada Diamantina, que mostraram resultados bastante inferiores no que se refere à concordância padrão.

Diante desse resultado, podemos supor que a influência do contato de línguas (africana/ portuguesa) justifique tais percentuais. O trabalho escravo juntamente com a forma precária de aquisição do português e o contexto emergente do uso linguístico implicaram menor controle da concordância padrão.

Entretanto, devemos registrar que rodando separadamente os dados das comunidades em estudo, há somente uma variável selecionada comum, nas comunidades localizadas no município de Jeremoabo. O programa GOLDVARB X selecionou a variável *Realização e posição do pronome sujeito* como estatisticamente significativa nas comunidades:

A tabela abaixo ilustra esses resultados:

Tabela 27: Variável comum selecionada pelo programa GOLDVARB X nas comunidades do município de Jeremoabo

MUNICÍPIO DE JEREMOABO					
Comunidades	VARIÁVEL Realização e posição do pronome sujeito	Variante		Variante	
		Realizado imediatamente antes do verbo		Realizado antes do verbo, mas separado por algum constituente	
Tapera		P.R. ¹¹	.64	P.R	.29
Lagoa do Inácio		P.R	.61	P.R	.15
Casinhas		P.R	.59	P.R	.15

Fonte: dados da pesquisa

A tabela 27 nos revela que o fator *sujeito realizado antes do verbo* favorece a concordância padrão através dos pesos relativos que estão todos acima da média.

¹¹ Pesos relativos rodados separadamente

Tapera: Log likelihood = -13.783 Significance = 0.010

Lagoa do Inácio: Log likelihood = -15.829 Significance = 0.011

Casinhas: Log likelihood = -43.676 Significance = 0.000

Contraditoriamente, o pronome *sujeito realizado separado por algum constituinte* desfavorece completamente o uso de morfema plural nos verbos.

A variável comunidade foi a última a ser selecionada como significativa e mostrou algumas surpresas não esperadas. Enfim, podemos compreender por meio dos números e da sócio-história tal relevância para os resultados finais.

4.3 VARIÁVEIS NÃO SELECIONADAS

Os resultados para grupos de fatores não selecionados pelo programa estatístico GOLDVARB X para a CV com o pronome *nós* serão apresentados neste momento através do quadro abaixo e, logo depois, com um breve comentário.

VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	Concordância Verbal com o pronome <i>nós</i>	
	%	Nº de ocorrências/ total
<i>NÍVEL DE REFERENCIALIDADE</i>		
eu ([+ específico])	18,4%	7/38
[+ genérico]	42,9%	3/7
[- genérico – definido]	37,8%	17/45
[- genérico +definido]	44,2%	179/405
<i>TIPO DE DISCURSO</i>		
discurso do próprio falante	41,6%	198/476
discurso reportado de um outro membro da comunidade (<i>interparibus</i>)	42,9%	3/7
discurso reportado do próprio falante	55,6%	5/9
<i>TIPO DE TEXTO</i>		
Narrativo	42,3%	171/404
Descritivo	36,2%	25/69
Argumentativo	45,5%	10/22
VARIÁVEIS SOCIAIS		
<i>FAIXA ETÁRIA</i>		
Jovem (15 a 25 anos)	62,9%	95/151

Adulto (35 a 45 anos)	34,7%	42/121
Idoso (55 a 65 anos)	30,9%	69/223
<i>SEXO</i>		
Masculino	41,0%	77/188
Feminino	42,0%	129/307
VARIÁVEIS SOCIAIS	Concordância Verbal com o pronome nós	
	%	Nº de ocorrências/ total
<i>ESCOLARIDADE</i>		
Semi-alfabetizados	52,2%	133/255
Analfabetos	30,4%	73/240

QUADRO 14- Concordância verbal com a primeira pessoa do plural em comunidades do semiárido baiano: resultados para as variáveis não selecionadas pelo programa GOLDVARB X (2005)

Apesar de essas variáveis não terem sido selecionadas pelo programa, todas elas apresentam dados importantes na frequência de utilização das regras de concordância verbal.

Com relação às variáveis não selecionadas, podemos concluir que a observação das frequências exibidas pelo contexto da variável *nível de referencialidade* mostra um número de ocorrências significativo quando o referente é composto pela pessoa que fala acompanhada por ouvintes ou pessoas de um grupo específico da comunidade (família, colegas de trabalho, amigos). O resultado também demonstra que, das 405 ocorrências, apenas 179 utilizaram verbo flexionado em P4. Ou seja, o português popular do semiárido baiano faz pouca concordância verbal.

A variável *tipo de discurso* revelou que as entrevistas narravam discurso do próprio falante em 41,6% de concordância nas ocorrências (198/476). Com isso, observamos que a variante não favorece concordância verbal em P4.

Por meio dessa observação, principalmente das células em destaque na seção 4.3, foi possível notar que o *texto narrativo* é o que se apresenta em maior número de ocorrências, porém desfavorece o uso da flexão em verbos com P4 (42,3%). Fatos como: casamento, maneiras de plantio e colheita, casos de família foram em sua maior parte narrados, pouco descritos e argumentados.

Relacionando as variáveis *tipo de organização textual e tempo verbal* encontramos resultados que confirmam que os relatos dos informantes nas entrevistas estiveram baseados em fatos do passado.

Tabela 28: Cruzamento entre as variáveis *tipo de organização textual e tempo verbal* segundo aplicação da regra de CV com primeira pessoa do plural

Org.textual Tempo	Tempo			Total
	Narrativo n°. de ocorrências / %	Descritivo n°. de ocorrências / %	Argumentativo n°. de ocorrências / %	
Presente	70/165= 42%	10/30=33%	8/17= 47%	88/212= 42%
Pretérito	101/149= 68%	15/23= 65%	2/2 = 100%	118/164= 68%
Total	171/314= 54%	25/53= 47%	10/19= 53%	206/386= 53%

Por outro lado, a distribuição da variável *faixa etária*, na tabela 29, revela que os mais jovens empregam a desinência número-pessoal em P4 em 62,9% dos casos, enquanto os adultos e idosos apresentam percentuais muito próximos: 34,7% e 30,9%.

Tabela 29: Distribuição da frequência da variável *faixa etária* de acordo presença da desinência número-pessoal em P4 nas comunidades rurais do semiárido baiano.

Faixa etária	Com concordância	
	Número de ocorrências	%
JOVEM	95/151	62,9%
ADULTO	42/121	34,7%
IDOSO	69/223	30,9%

Fonte: dados da pesquisa

Estes números podem ser conferidos nos gráficos abaixo, onde podemos observar que a mudança não está estável nas faixas II e III.

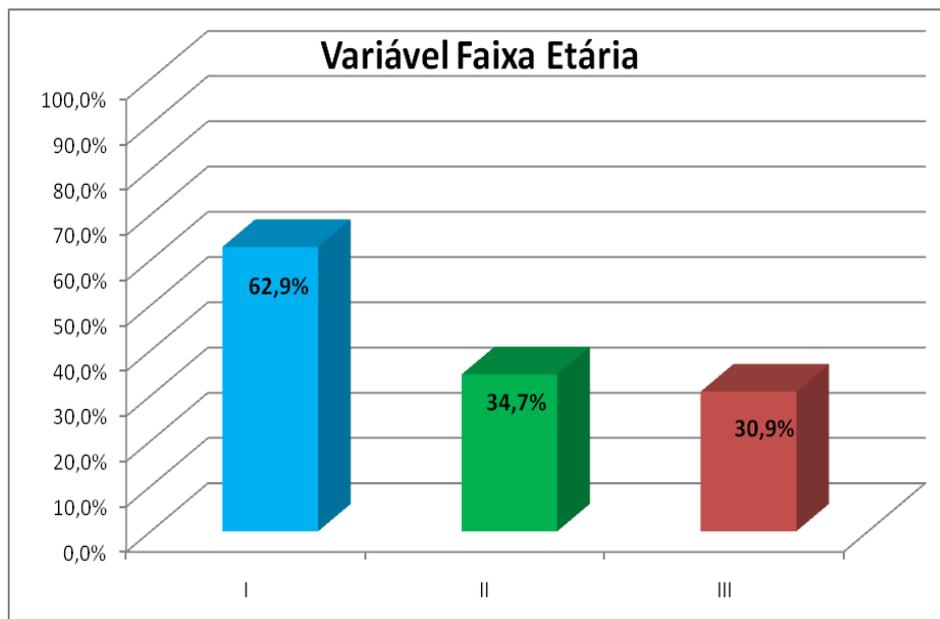


GRÁFICO 3- Distribuição em peso relativo da variável *faixa etária* de acordo com a presença da desinência número- pessoal em P4 nas comunidades rurais do semiárido baiano

O gráfico acima também demonstra que a faixa III apresenta comportamento bastante diferente em comparação da faixa I. Com base nessa discrepância, evidencia-se uma mudança de comportamento na comunidade, em relação ao processo de variação investigado. Os jovens têm adquirido regra de concordância na sua fala. Em seguida, podemos observar o que números percentuais nos revelam através do gráfico de linha.

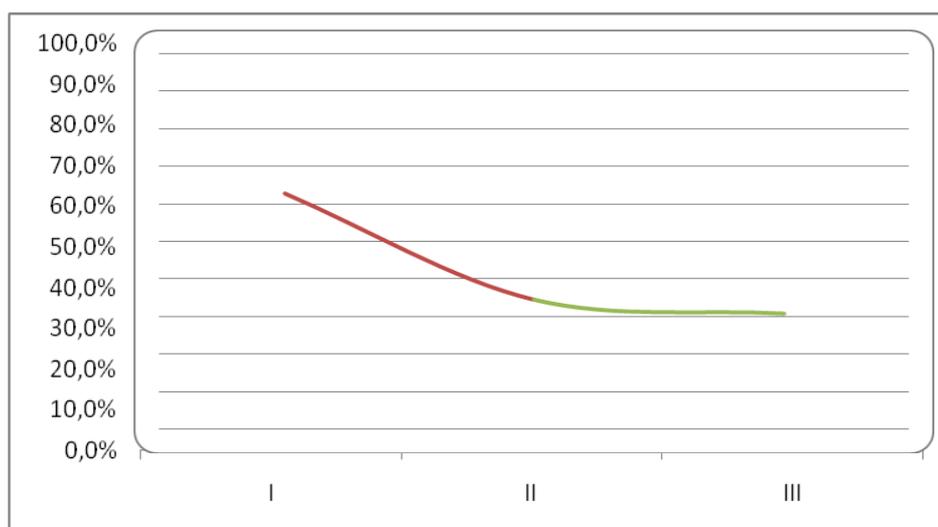


GRÁFICO 4- Distribuição dos resultados gerais segundo *faixa etária* (em ordem direta) quanto ao uso do verbo flexionado em P4.

Os percentuais apresentados no gráfico 4 confirmam a nossa expectativa e também concordam com os resultados de Nina (1980) e de Bortoni-Ricardo (2011). São os jovens da Micro-região Bragantina, no Pará, e os de Brazlândia, no Distrito Federal, que usam mais a concordância, com o percentual de 61,14% para os primeiros e 64% para os últimos. Bortoni e Nina justificam esta tendência em virtude de os jovens estarem em maior contato com a variedade linguística padrão na escola, onde há maior tendência ao uso através dos professores nas aulas.

Assim, tais resultados percentuais revelam que os informantes da faixa I são os que favorecem o emprego da flexão de verbos em P4, enquanto a faixa II e III não demonstra tendência ao uso de CV.

Os jovens que representam a faixa I por estarem em formação escolar têm mais contato e são estimulados ao uso da regra padrão. Diferentemente dos adultos e idosos que não obtiveram oportunidade de estudo e tendem a não fazer o uso do pronome pessoal e do uso da flexão nos verbos.

Controlamos o uso do *a gente* de acordo com a faixa etária e observamos que a alternância pronominal é uma das grandes possibilidades que justificam a redução do uso do pronome com P4 *nós* nas faixas II e III.

Tabela 30: Distribuição da frequência da variável *faixa etária* de acordo presença e ausência da regra padrão com a forma pronominal *a gente* nas comunidades rurais do semiárido baiano

Faixa etária	USO DA FORMA A GENTE	
	Com concordância	
	Número de ocorrências	%
JOVEM	625/633	98,7%
ADULTO	514/514	100%
IDOSO	297/297	100%
<i>Total</i>	<i>1436/1444</i>	<i>99,4%</i>

No cruzamento entre as variáveis *faixa etária e comunidade* (tabela 31) podemos perceber qual comunidade se destaca em número de ocorrências e flexão nos verbos de P4 na faixa I.

Tabela 31: Cruzamento entre variáveis sociais *comunidade* e *faixa etária*: frequências e percentuais do uso de CV em P4

Faixa etária	COMUNIDADES											
	TAPERA		CASINHAS		LAGOA I		BARRA		MATO G.		TOTAL	
I	N°	5/10	N°	38/42	N°	11/21	N°	34/71	N°	7/7	N°	95/151
	%	50%	%	90%	%	52%	%	48%	%	100%	%	63%
II	N°	1/4	N°	27/48	N°	2/10	N°	10/51	N°	2/8	N°	42/121
	%	25%	%	56%	%	20%	%	20%	%	25%	%	35%
III	N°	10/33	N°	22/50	N°	13/22	N°	13/52	N°	11/66	N°	69/223
	%	30%	%	44%	%	59%	%	25%	%	17%	%	31%
TOTAL	N°	16/47	N°	87/140	N°	26/53	N°	57/174	N°	20/81	N°	206/495
	%	34%	%	62%	%	49%	%	33%	%	25%	%	42%

A comunidade Barra na faixa 1 se destaca na quantidade de informantes, os mais jovens, que fazem uso do pronome pessoal com P4. Porém, apenas 34/71 (48%) fazem a flexão de CV. Nessa mesma comunidade, a faixa II (os adultos) se destaca no número de dados 10/51, porém apenas 20% utilizam morfema nos verbos em P4. Na faixa III, a comunidade Mato Grosso apresenta maior número de dados com pronome *nós* ou sujeito não realizado sendo que apenas 17% realizam a flexão número-pessoal para que o verbo concorde com o sujeito.

Na variável *social* sexo, são as mulheres (129/306) que fazem mais uso da CV em P4. O que não era esperado, pois são os homens que possuem mais contato externo pelo fator trabalho, vendas, viagens etc. Além do número de ocorrências das mulheres totalizar quase o dobro das ocorrências dos homens (133/255), são elas que fazem mais o uso da flexão (42,2%) mesmo estando abaixo da média.

A partir do cruzamento das variáveis *comunidade* e *sexo*, podemos fazer algumas inferências:

Tabela 32: Cruzamento das variáveis sociais *comunidade* e *sexo*: frequências e percentuais do uso de CV em P4

Comunidades	SEXO				TOTAL	
	Masculino		Feminino			
TAPERA	N°	4/6	N°	12/41	N°	16/47
	%	67%	%	29%	%	34%
CASINHAS	N°	34/58	N°	53/82	N°	87/140

	%	59%	%	65%	%	62%
LAGOA DO INÁCIO	N°	8/21	N°	18/32	N°	26/53
	%	38%	%	56%	%	49%
BARRA/BANANAL	N°	16/66	N°	41/108	N°	57/174
	%	24%	%	38%	%	33%
MATO GROSSO	N°	15/37	N°	5/44	N°	20/81
	%	41%	%	11%	%	25%
TOTAL	N°	77/188	N°	129/307	N°	206/495
	%	41%	%	42%	%	42%

Os números de ocorrências de pronomes em primeira pessoa do plural da comunidade Barra/Bananal ressaltam tanto no sexo masculino quanto no feminino. Porém, a CV nessa comunidade é pouco realizada. Mesmo assim, as mulheres fazem uso da forma *nós* aplicando a regra de concordância em P4 em maior frequência que os homens ao uso da flexão dos verbos.

O resultado geral se apresenta de maneira equilibrada. As mulheres se destacam (129/306) no uso do pronome *nós* na função de sujeito. No entanto, 42% das mulheres realizam a concordância padrão enquanto os homens (41%).

O cruzamento abaixo demonstra que o sexo feminino é em sua maioria semialfabetizada. O fato das informantes mulheres terem nível de escolaridade, mesmo que pouco, contribui para a o destaque das mulheres no uso da concordância padrão.

Tabela 33: Cruzamento das variáveis sociais *sexo* e *escolaridade*: frequências e percentuais do uso de CV em P4

Escolaridade	Sexo					
	MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
SEMIALFABETIZADO	N°	46/118	N°	87/137	N°	133/255
	%	39%	%	64%	%	52%
ANALFABETO	N°	31/70	N°	42/170	N°	73/240
	%	44%	%	25%	%	30%
Total	N°	77/188		129/307	N°	206/495
	%	41%		42%		42%

Ainda, cruzando as variáveis sociais *sexo e faixa etária*, podemos observar na tabela 34, mediante os resultados, que as mulheres da faixa III se destacam em frequência de dados (139 dados), apresentando sujeito em P4, mas são as mulheres da faixa I que favorecem o uso da flexão verbal em P4, demonstrando 78/111 com 70% em seus percentuais. Observemos a tabela que explana esse fato logo abaixo:

Tabela 34: Cruzamento das variáveis sociais *sexo e faixa etária*: frequências e percentuais do uso de CV em P4

SEXO	FAIXA ETÁRIA							
	I		II		III		TOTAL	
Masculino	Nº	17/39	Nº	28/65	Nº	32/84	Nº	77/188
	%	44%	%	43%	%	38%	%	41%
Feminino	Nº	78/112	Nº	14/56	Nº	37/ 139	Nº	129/307
	%	70%	%	25%	%	27%	%	42%
TOTAL	Nº	95/151	Nº	42/121	Nº	69/223	Nº	206/495
	%	63%	%	35%	%	31%	%	42%

A variável *escolaridade* demonstra, como já esperávamos, que os semialfabetizados fazem mais o uso da concordância padrão, mostrando 52,2% em seu percentual (cf. quadro 13). Os analfabetos não favorecem a CV em P4, resultando 30,4% das ocorrências.

Analisando o cruzamento das variáveis *escolaridade e faixa etária*, observamos que a geração jovem está completamente semialfabetizada. Esse é um avanço importante na vida social de cada comunidade. Se compararmos com a faixa III, que se destaca em analfabetismo, podemos observar que os mais velhos não tiveram a oportunidade que os mais jovens estão tendo nos tempos atuais. Enfim, é a faixa I a geração da mudança linguística no semiárido baiano.

Tabela 35: Cruzamento das variáveis sociais *escolaridade e faixa etária*: frequências e percentuais do uso de CV em P4

ESCOLARIDADE	FAIXA ETÁRIA							
	I		II		III		TOTAL	
SEMIALFABETIZADO	Nº	95/151	Nº	17/52	Nº	21/52	Nº	133/255
	%	63%	%	33%	%	40%	%	52%
ANALFABETO	Nº	0/0	Nº	25/69	Nº	48/ 171	Nº	73/240
	%	0%	%	36%	%	28%	%	30%
TOTAL	Nº	95/151	Nº	42/121	Nº	69/223	Nº	206/495
	%	63%	%	35%	%	31%	%	42%

Diante de tudo o que podemos explicar sobre a CV em primeira pessoa do plural com base nos resultados, partiremos para as considerações finais. No próximo capítulo buscaremos retomar ideias iniciais, confirmar ou refutar hipóteses e evidenciar os questionamentos que surgiram durante a pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o propósito de contribuir para a discussão sobre o português do Brasil e descrever o português rural falado no interior da Bahia, reunimos características relevantes à interpretação do fenômeno da concordância verbal com a primeira pessoa do plural e quantificamos dados levando em consideração suas formas variantes de sujeito.

A partir das amostras de língua falada referentes ao português popular da zona rural do semiárido baiano, foi possível constatar que há variação na concordância verbal em primeira pessoa do plural.

Uma das primeiras constatações relevantes diz respeito aos resultados gerais. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em que o verbo está flexionado em número e pessoa apresenta 41,6% dos 495 dados encontrados, em 48 entrevistas.

Com relação às variáveis selecionadas pelo programa GOLDVARB X (2005), as variáveis *Realização e posição do Pronome Sujeito*; *Saliência fônica*; *Tempo verbal*; *Composição do sujeito e Comunidade* foram as únicas significativas.

O quadro abaixo demonstra os resultados em pesos relativos dessas variáveis:

Variáveis	Variantes				
	<i>Realização e posição do pronome sujeito</i>	Realizado imediatamente antes do verbo	Realizado antes do verbo, mas separado por algum constituinte	Retomado por pronome relativo	
P.R = .55		P.R = .33	P.R = .45		
<i>Saliência fônica</i>	NÍVEL 2	NÍVEL 3	NÍVEL 4	NÍVEL 5	
	P.R = .55	P.R = .54	P.R = .27	P.R = .75	
<i>Tempo verbal</i>	Presente		Pretérito perfeito		
	P.R = .33		P.R = .69		
<i>Composição do sujeito</i>	Sujeito simples pronominal	Sujeito simples com quantificador tudo	Sujeito simples com quantificador todo(s) ou toda(s)	Sujeito anteposto retomado por pronome relativo	
	P.R= .49	P.R= .46	P.R= .77	P.R= .61	
<i>Comunidade</i>	Tapera	Barra/Bananal	Casinhas	L. Inácio	M. Grosso
	P.R=.62	P.R = .49	P.R = .58	P.R = .66	P.R = .22

QUADRO 15- Variáveis selecionadas pelo programa GOLDVARB X (2005) como estatisticamente significativa para análise do fenômeno: a concordância verbal com primeira pessoa do plural em comunidades do semiárido baiano

Resumidamente, os resultados mostram que o *sujeito realizado imediatamente antes do verbo* favorece a aplicação da CV em P4 (.55). O *nível 5*, por apresentar maior grau de *saliência fônica*, favorece a aplicação de morfema com .75 em seu peso. O *sujeito simples* se destaca como relevante, diferentemente do sujeito composto, que precisou ser retirado da rodada por não apresentar ocorrências. O *sujeito simples com quantificador todo(s) ou toda(s)* se destaca mostrando .77 em relação aos seus 1/2 dados. Assim, consideremos significativo a variante *sujeito simples pronominal* resultando 76/348 e peso relativo .49 com dados flexionados em P4. Na verdade, as variantes não classificadas como sujeito simples (sujeito composto/ implícito) foram eliminadas por *knockouts*, sendo o sujeito simples destaque de variante favorecedor à aplicação de CV.

Quanto ao *tempo verbal*, são os verbos do *pretérito perfeito* que ganham destaque como favorecedores ao uso do morfema de plural nos verbos. Esta variante apresenta um resultado acima da média (.69) e concorda com os resultados de outras pesquisas que possuem o mesmo fenômeno de estudo.

Por fim, a *comunidade Lagoa do Inácio* se destaca como comunidade favorecedora ao uso de verbos com aplicação de *-mos* (.65), concordando a desinência número-pessoal com o verbo.

Por tudo o que foi apresentado, podemos observar que nossos resultados entram em consonância com alguns estudos que tiveram como fenômeno a CV em P4. A variável *saliência fônica* foi do mesmo modo selecionada como variável significativa como nos resultados de Almeida (2006) e Lucchesi, Baxter e Silva (2009). A *Realização e posição do sujeito* foi outro fator comum e relevante no trabalho de Zilles, Maya e Silva (2000) referidos no capítulo 1, revisão da literatura. Vimos que essas pesquisas e a nossa confirmam as hipóteses de que sujeitos antepostos aos verbos tendem a manter a concordância entre o pronome de primeira pessoa e o verbo. O *sujeito nulo* também se apresenta como fator favorável ao uso de formas verbais marcadas tanto aqui, como em Rodrigues (1992); Zilles, Maya e Silva (2000), Rúbio (2012) e Araújo (2010).

A justificativa que alicerçou esta pesquisa teve como foco a diversidade que caracteriza a história sociolinguística do Brasil. Por meio dos resultados, entendemos que caracterização do português popular do país está pautada na influência sócio-histórica de cada comunidade escolhida. Deste modo, é possível afirmar que a concordância verbal é um fenômeno variável na região semiárida baiana que tem ganhado tendência ao uso da CV, com base nos 41,6% do resultado geral quanto à frequência da aplicação da regra padrão nos verbos em P4.

Por certo, nossos objetivos traçados foram contemplados. Mapeamos a ocorrência ou não da marcação de plural na primeira pessoa dos verbos existentes nos *corpora orais*, extraídos da Coleção Amostras da Língua Falada no Semiárido Baiano (ALMEIDA e CARNEIRO, 2008), da zona rural dos municípios de Rio de Contas (BA) e Jeremoabo (BA); analisamos as variações que se referem à concordância verbal com a primeira pessoa do plural, verificando quais fatores linguísticos e sociais contribuíram ou não para variação; fizemos um estudo comparativo entre os falares das regiões escolhidas; com certeza estes resultados contribuíram para a continuidade dos trabalhos que vem sendo desenvolvido pelo NELP - Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa da UEFS, bem como para o entendimento sobre os padrões de concordância verbal no português brasileiro, especificamente na região do semiárido baiano.

A hipótese de que a perda ou variação no uso de morfologia flexional implicaria padrões de variação e diferença quantitativa entre as comunidades estudadas foi confirmada.

A diversidade da formação étnica das comunidades não foi um fator relevante e delimitador para o presente estudo. Vimos que a comunidade Barra/Bananal formada etnicamente por negros foi a comunidade que mais aplicou o pronome *nós* em número de ocorrências (174 ocorrências no geral apresentando .49 em seu peso relativo, ponto relativamente neutro se comparado com a comunidade Mato Grosso. Essa comunidade de etnia branca, mostrou apenas .22 no peso relativo (20/81 ocorrências). Números totalmente contrários ao que era esperado. A comunidade Lagoa do Inácio, por ter todos os informantes alfabetizados, apresentou .66 referente a 49,1% (26/53 ocorrências).

Durante a pesquisa, evidenciamos um questionamento acerca do fato escrito nas linhas acima. Questionamos o motivo do baixo resultado da CV em P4 na comunidade branca (Mato Grosso) em comparação à comunidade negra, quilombola, com história específica de contato (Barra/Bananal). Após resultados, cruzamentos de dados, leitura crítica das entrevistas quanto ao posicionamento dos informantes de ambas as comunidades e outras informações, foi possível supor que a questão do isolamento social e linguístico da primeira comunidade citada fez com que resultasse menores índices do fenômeno em estudo. Dessa forma, concluímos que, quanto mais rural e isolado menor uso de marcas flexionais de P4 nos verbos.

O trecho da entrevista de um informante morador da comunidade Barra/Bananal justifica nossa suposta ideia:

Doc: Mato Grosso já é separado, né?

Inf: Mato Gosso já é separado. O povo de Mato Gosso, ele... eles é muito racista. Agora, que eles tá ma... muito amigo, mas era muito racista. Eles não gostava de falar com negro. E chegava um negro lá no Mato Gosso, eles falava, tinha hora que até xingava, só que agora eles tá muito amigo, depois que saiu uma revista aí que eles falaram muito dos negro. Aí saiu a revista, aí agora, eles agora, que ficou amigo. Eles é muito racista, o povo, o pessoal do Mato Gosso, só casa mehmo lá mehmo.

Doc: Com eles, né?

*Inf: Não sai... **não sai ninguém de lá pra casar fora**, ainda mais, ainda pior com o negro, com negro não casa mehmo. Eles tem esse preconceito.*

Doc: Mas, a pesso... vocês indo lá, eles...

*Inf: **Agora eles recebe muito bem, mas antigamente não.***

Doc: Então, eles só passaram a receber bem depois desse...

Inf: Depois dessa revista que publicou, eles escolhambou muito os nego e pensou que não ia sair, daí saiu o jornal.

Vemos que, por muito tempo, a questão do preconceito isolou a comunicação e a relação social, cultural e econômica das duas comunidades. Fato que implicou em algumas diferenças linguísticas.

No trecho abaixo já podemos perceber que hoje existe mais proximidade entre as comunidades. Abaixo, neste trecho da entrevista, um informante de Barra/Bananal expõe o prazer da convivência entre eles para comos moradores de Mato Grosso:

INFORMANTE FAIXA II

Doc 1: Mas, me diga porque o pessoal daqui gosta tanto de Mato Grosso?

Inf: É porque o pessoal gosta daqui de Mato Grosso?

Doc 1: Hum, hum.

Inf: A gente gosta de Mato Grosso porque... porque tem um povo assim que num... num tem desprezo com a gente, né?

Doc 1: Hum.

*Inf: Às vez primeiro, às vez acontecia de ter aquelas bestalhada por causa da gente, que nem ele falou aqui por caso da cor da gente, aqui às veze. A cor da gente era negra e a deles vocês tinha aquilo... **Mas, isso acabou tudo, né?***

Circ 6: Graças a Deus.

Inf: Hoje a maior...

Doc 1: É.

*Inf: ...eu digo, assim, uma **comunidade muito unida com a gente aqui.***

Doc 1: É.

Inf: A novena, eles tem novena aqui em nossa comunidade, onde Nossa Senhora Aparecida e tudo. Eles tem novena aqui, eles vem pra novena aqui. A novena também nós temos ali em mês de setembro, nós vamos tombém. Somo muito bem recebido na comunidade deles. E me sinto também que eles seje também recebido aqui também em nossa comunidade tombém.

Doc 1: Hum, hum.

Inf: Quando se tem festa lá, a gente vai. É muito animado. Agora mehmo quando tem leilão aqui em tempo de festa eles vem, eles ajuda muito aqui no leilão.

Outros informantes declaram:

INFORMANTE FAIXA II

Inf: Ah! Eles é muito bom pa levar a gente. Tem hora que eles leva a gente ali no mei da estrada. É um pessoal muito bom, o pessoal de Mato Grosso, tem hora que num cobra, dá uma carona a gente.

INFORMANTE FAIXA III

Doc 1: Hum, hum. É isso aí, mas me diga uma coisa o senhor se lembra assim, como era antes aqui porque a gente ficou sabendo que o povo de Mato Grosso não se unia muito com o daqui, é verdade isso?

Inf: Era.

Doc 1: E agora?

Inf: Agora, eles tão, não tá teno esses preconceito mais não.

Com base nesses trechos, percebemos que o preconceito que antes existia não existe mais. Da época em que foram gravadas as entrevistas (década de 90) para essa estreita relação entre as comunidades contam-se quatro anos. O que entendemos que é uma relação recente. Assim, pressupomos que o isolamento das comunidades deixou marcas na língua.

Com o avanço da pesquisa, foi possível refletir sobre os procedimentos de análise adotados. Vimos o quanto seria importante um controle equitativo quanto à escolaridade. Possivelmente, encontraríamos outros resultados que descreveriam melhor e caracterizariam com mais profundidade o português popular rural das regiões escolhidas.

Por termos escolhido a variedade popular rural, ficamos limitados no fator *escolaridade*, visto que a maioria dos informantes possuía pouco estudo. Se tivéssemos uma estratificação mais apurada nos fatores *sexo, faixa etária e escolaridade* poderíamos obter resultados mais específicos. Porém, conforme foi justificado na seção 3.4 (que aborda sobre metodologia da constituição das entrevistas), as características locais das comunidades não permitiram essa homogeneidade total dos informantes.

Com tudo o que foi abordado, há a possibilidade de novos trabalhos que venham a abranger aspectos que não foram considerados neste estudo. Seria muito interessante uma comparação atualizada a partir de novas entrevistas com novos informantes, moradores das mesmas comunidades selecionadas. Esse inédito estudo possibilitaria analisar se houve mudanças quantitativas no uso de CV em P4 nessas comunidades. A diferença de aproximadamente 15 anos, da época em que foi gravado o *corpus (fase 1 do projeto 1996-2000)*, traria novos resultados de como está a situação linguística na região, se houve avanço linguístico segundo a norma padrão, diante dos avanços educacionais e das oportunidades criadas pelo atual governo. Essas são apenas ideias e hipóteses prematuras.

Enfim, a pesquisa em comunidades rurais do semiárido baiano possibilitou entender marcas do passado e evidências que caracterizam as origens da língua portuguesa no Brasil. Também o estudo permitiu, a cada linha escrita, ampliação do conhecimento, amadurecimento metodológico no uso das ferramentas para gerar os resultados, assim como independência para interpretação desses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AITCHISON, Jean. **Introdução aos estudos linguísticos**. Publicações Europa-América, 1993.
- ALMEIDA, Alessandra Preussler de. **A concordância verbal na comunidade de São Miguel dos Pretos, Restinga Seca**. RS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Porto Alegre, 2006.
- ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais (Org.). **Amostras da língua falada em Piabas (Anselino da Fonseca)**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana. Coleção Amostras da Fala do Semi-Árido Baiano, v. 1. 1 CD ROM, 2002^a.
- _____. **Coleção amostra da língua falada no semi-árido baiano**. 1. ed. Feira de Santana: UEFS EDITORA, FAPESB, 2008. v. 4. 450 p.
- _____. **Variação linguística no semiárido baiano**. 1 ed Feira de Santana: UEFS Editora, 2014.
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976 [1920].
- ARAUJO, Silvana Silva de Farias. **Nosso, da gente e de nós: um estudo sociolinguístico da expressão de posse no português rural afro-brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística)- Universidade Federal da Bahia - UFBA, BA, 2005.
- _____. O uso variável da concordância verbal no português do Brasil (PB) e no português de Angola (PA): A história externa em foco. In: 5º ENCONTRO AÇORIANO DA LUSOFONIA, 2010, Florianópolis. **Atas/ Anais**, 2010, p. 367-381.
- _____. A concordância verbal e sua importância para os estudos sobre a formação do português brasileiro. **Papia** (Brasília), 2012.v. 22(1), p. 91-110.
- _____. **A concordância verbal no português falado em Feira de Santana-Ba: sociolinguística e sócio-história do português brasileiro**. Tese (Doutorado em Língua e Cultura)- Universidade Federal da Bahia - UFBA, BA, 2014.
- AZEREDO, José Carlos. A palavra e suas classes. **Idioma 21**. Rio de Janeiro. Centro Filológico Clóvis Monteiro: Instituto de Letras- UERJ, 2001.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Concordância Verbal**. Série Princípios, Ática. 1986.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- _____. (org.). **Norma linguística**. São Paulo: Loyola, 2001
- _____. (org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **Nada na língua é por acaso.** São Paulo: Parábola, 2007.

_____. **Não é errado falar assim!** Em defesa do Português. Brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. **Gramática pedagógica do português brasileiro.** São Paulo: Parábola editorial, 2011.

BAXTER, A. N. Transmissão Geracional Irregular na História do Português Brasileiro - divergências nas vertentes afro-brasileiras. **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, v. 14, p. 72-90, 1995.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa.** 37. Ed. ver. e ampl. 16. Reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil.** Cambridge University Press, 1985.

_____. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. **Do campo para a cidade** - estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. Parábola editorial, 2011.

BUENO, ELZA Sabino da Silva. **Nós, a gente e o bóia fria.** Universidade Estadual do Mato Grosso: Arte e Ciência editora, 2003.

CAMACHO, Roberto Gomes. Aspectos funcionais e estruturais da concordância verbal do português falado. **Revista de Linguística ALFA.** Vol 37, 1993.

_____. **Da linguística formal á linguística social.** São Paulo: Parábola, 2013.

CÂMARA JR. Joaquim. Mattoso. **Dicionário de Linguística e gramática:** Referente à língua portuguesa. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **Línguas européias de ultramar:** o português do Brasil. Rio de Janeiro: Dispensos, Fundação Getúlio Vargas, 1972.

_____. **Estrutura da língua portuguesa.** 30 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAPINAN, Ubiraneila. **O quilombo que remanesce:** estudo de caso acerca dos impactos da política de certificação e de titulação do território sobre a identidade étnica dos quilombos remanescentes Barra e Bananal em Rio de Contas, Bahia. Dissertação de mestrado: UFBA. Salvador, 2009.

CEZÁRIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística.** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CIRÍACO, Larissa. **Pluralidade da Memória**: literatura, tradução e práticas discursivas. XII Semana de Letras da Ufop 23 a 26 de outubro de 2012 Ufop – Mariana, MG, Brasil.

COELHO, Rafael Ferreira. **É nós na fita!** Duas variáveis lingüísticas numa vizinhança da periferia paulistana. (O pronome de primeira pessoa do plural e a marcação do plural no verbo). Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Departamento de Lingüística. Dissertação 2006.

COSTA, M. A. As definições de sujeito e seus traços de caracterizadores. O traço de concordância. **Anais do I Encontro Nacional sobre Língua Falada e Ensino**. Universidade Federal de Alagoas. Coordenação do mestrado em Letras – Maceió: EDUFAL, p. 315-320, 1994.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007 [1985].

_____. _____. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008 [1985].

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **A Perda do Princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 1995.

DUARTE, Maria Eugênia L; PAIVA, Maria da Conceição de (orgs.). **Mudança lingüística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. Trad.: Izidoro Blikstein et al. São Paulo: Cultrix, 1973.

ELIA, Silvio. **A unidade lingüística do Brasil**: condicionamentos geo-econômicos. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FIORIN, J. L. Política lingüística no Brasil. Gragoatá - **Revista do Instituto de Letras da UFF**, Niterói, v. 9, p. 221-231, 2002.

GERALDI, João Wanderley. **Concepções de Linguagem e Ensino de Português**, In. O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 1997.

_____. **Portos de passagem**. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GRACIOSA, Diva Maria Dias. **Concordância verbal na fala culta carioca**. 1991. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

GUY, Gregory R. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese**: aspects of phonology, syntax and language history. Tese (Doutorado em linguística) - University of Pennsylvania, 1981.

_____. On the nature and origins of vernacular Brazilian Portuguese. In: **Estudios sobre Espanol de América y Linguística Afroamericana**. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1989.

LABOV, William. **Principles of Linguistic Change**. Oxford/ Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.[Padrões sociolinguísticos. Trad: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso, São Paulo: Parábola, 2008.] 1972.

_____. Some sociolinguistic principle. In: C. B. PAULSTON & G. R. TUCKER (eds). **Sociolinguistics: the essential readings**. Oxford: Blackwell, 2003.

LEITE, Yonne; CALLOU Dinah; MORAES, João . Processos de mudança no português do Brasil: variáveis sociais. In: CASTRO, I. & DUARTE, I. **Razões e Emoção**. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus. Vol. 1. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda: 87-114, 1998.

LEMLE, Miriam. **Heterogeneidade dialetal**: um apelo à pesquisa: Tempo Brasileiro. 1978.

LEMLE, Miriam; NARO, Antony Julius. **Competências básicas do português**. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e Fundação Ford. Rio de Janeiro, UFRE, 1977.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **A inserção de a gente no quadro pronominal do português**: percurso histórico. Tese de Doutorado. UFRJ. Rio de Janeiro, 1999.

_____. De gente para a gente: o século XIX como fase de transição. In: ALKMIM, Tânia Maria (org.). **Para história do Português Brasileiro** - Novos estudos. São Paulo, Humanitas /FLP/USP, 2002 p. 25-46.

_____. **A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português**. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003, v.18. p.174.

_____. **A gramaticalização de a gente em português em tempo real de longa e de curta duração**: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fórum Lingüístico, Florianópolis, v. 4, n.1, julho de 2004 p. 47-80.

_____. Pronomes pessoais. In: Silvia Figueiredo Brandão e Silvia Rodrigues Vieira. (Org.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2007, v. 1, p. 103-114.

LUCCHESI, Dante. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolingüística do português do Brasil". In: **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, n. 12, 1994. p. 17-28.

_____. Variação, mudança e norma: a questão brasileira. In: CARDOSO, Suzana A. M. (Org.). **Diversidade lingüística e ensino**. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 69-80.

_____. A questão da formação do português popular do Brasil: notícia de um estudo de caso. **Revista A Cor das Letras**, Feira de Santana, UEFS, 1999 p. 73-100.

_____. **A Variação na Concordância de Gênero em uma Comunidade de Fala Afro-brasileira**: novos elementos sobre a formação do Português Popular do Brasil. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ, 2000.

_____. As duas grandes vertentes da história sociolinguística brasileira. **D.E.L.T.A**, São Paulo, 2001.

_____. Norma lingüística e realidade social. In: BAGNO, Marcos. **Lingüística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. O conceito de transmissão lingüística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (org.). **Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

_____. **Sistema, Mudança e Linguagem**. São Paulo: Parábola, 2004.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; SILVA, Jorge Augusto Alves da. A concordância verbal. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partidas: a polarização sociolingüística no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

LUFT, Celso Pedro. **Moderna gramática brasileira**. São Paulo: Globo, 2002.

MACHADO VIEIRA, M. S. dos. Sujeitos pronominais nós e a gente em dialetos populares. **Graphos - Revista da Pós Graduação em Letras/UFPB**, João Pessoa, v. 2, n.1, p. 05-23, 1997.

MARCUSCHI, Luis Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 1946.

MARROQUIM, Mário. **A língua do nordeste: Alagoas e Pernambuco**. 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1945[1934].

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de Lingüística**. Ed. Contexto. São Paulo: 2010.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa. In: ALKMIM, Tânia M. **Para a história do português brasileiro: novos estudos**. São Paulo: Humanitas/FFCHL/USP: FAPESP, v. 2, 2001 p. 443-464.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Variação, mudança e norma (movimentos no interior do português brasileiro). In: BAGNO Marcos (org.). **Lingüística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Caminhos da lingüística histórica**. Ouvir o inaudível. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de. **Nós e a gente na cidade de vitória: análise da fala capixaba**. Disponível em <<http://file:///C:/Users/Win7/Documents/MEL%202014/I%20FASE%20material/n%C3%B3s%20agente%20ES%20vitoria.pdf>> acessado dia 22 de outubro de 2015.

MENDONÇA, A. K. Nós e a gente em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba. 2010. 135 p. **Dissertação** (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

MOLLICA, M. C; BRAGA, L.B (Orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2008.

MOTA, Jacyra; CARDOSO, Suzana. Concordância verbal no português do Brasil: caracterização de casos localizados. In: FERREIRA, Carlota et al . **Diversidade do português do Brasil**: estudos de dialectologia rural e outros. Salvador: Centro editorial e didático da UFBA, 1994.

NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. **Language**. 1981, p. 63-98.

NARO, A. J.; GORSKI, E.; FERNANDES, E. Change Without Change. **Language change and Variation and Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Sobre as origens do português popular do Brasil. **DELTA**, n. 9, p. 437-454, 1993.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. O conceito de transmissão linguística irregular e as origens estruturais do português brasileiro: um tema em debate. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (org.). **Português brasileiro**: contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Concordância variável em português: a situação no Brasil e em Portugal. In: Naro, Anthony Julius; Scherre, Maria Marta Pereira. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007 p. 49-69.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Simões, 1922.

NEVES, Maria Helena Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **A vertente grega da gramática tradicional**: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem. 2. ed. revista. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

NINA, Terezinha. de J. C. **Concordância nominal/verbal do analfabeto na micro-região de Bragantina**. Dissertação (Mestrado) – PUC/RS, Porto Alegre. 1980.

OMENA, N. P. A referência variável da 1º pessoa do discurso no plural. In: NARO, A, et al. **Relatório final de pesquisa**: projeto subsídio do projeto censo à educação. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986.

_____. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M. da C.; DUARTE, M. E. L. **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra capa livraria, 2003.

OLIVEIRA, Gilvan Muller de. (Org.) **Declaração Universal dos Direitos Linguísticos**: novas perspectivas em política linguística. Campinas: Mercado de Letras; ALB; Florianópolis: IPOL, 2003.

OLIVEIRA, Marian dos Santos. **Concordância verbal de terceira pessoa do plural em vitória da conquista**: variação estável ou mudança em progresso? Dissertação de mestrado em Letras e Linguística, UFBA, 2005.

OLIVEIRA, Josane Moreira. **Minicurso**: Introdução ao Goldvarb X: uso e interpretação. Disponível em <http://www.alfal2014brasil.com/docs/Material%20Minicurso%2011_arquivo2.pdf> Acesso dia em 05 de março de 2015.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli (Org.). **Política lingüística no Brasil**. 1. ed. Campinas - SP: Pontes Editores, 2007.

PAIVA, Maria da Conceição de. “A variável gênero/sexo”. In MOLLICA, M. C; BRAGA, L.B (Orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2008.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Sofrendo a gramática**: ensaios sobre a linguagem. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.

_____. **Para uma nova Gramática do Português**. São Paulo: Ática, 1999.

POSSENTI, S. **Por que (não) Ensinar Gramática na Escola**. Campinas, SP: ALB: Mercado de Letras, 1996.

_____. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma lingüística crítica**: linguagem, identidade e questão ética. São Paulo: Parábola Editorial. ISBN 85-88456-13-3. 2003.

RESENDE, Terezinha Cristina Campos de. **Dinâmica do contato dialetal**: estudo sociolinguístico em Conceição de Ibitipoca – MG. Doutorado em Lingüística-UFRJ, Faculdade de Letras. Rio de Janeiro, 2006.

ROCHA, F. C. F. **A alternância nos pronomes pessoais e possessivos do português de Belo Horizonte**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa), Faculdade de Letras/PUC-MG, Belo Horizonte, 2009.

RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza. **A concordância verbal no português popular em São Paulo**. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa), Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, 1987.

_____. **Concordância verbal, Sociolinguística e história do Português brasileiro**. Universidade de São Paulo. Fórum Lingüístico, Florianópolis, v. 4, n.1, julho de 2004 p. 115-145.

RONCARATI, Cláudia. Prestígio e preconceito lingüísticos. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Preconceito lingüístico e cânone literário, n. 36, p. 45-56, 1. sem. 2008.

RUBIO, Cássio Florêncio. **Padrões de Concordância verbal e alternância pronominal no português brasileiro e no português europeu: estudo sociolingüístico comparativo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A., e SMITH, Eric. **Goldvarb X: a multivariate analysis application**, Toronto, Department of Linguistics; Ottawa, Department of Mathematics. 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref>. Acesso em 18 de maio de 2015.

SANTOS, R. L. de A. A concordância verbal na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió. Maceió: UFAL. **Dissertação** (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

SCHERRE, M. M. P. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. **Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP)** - Norma e Variação do Português. Associação das Universidades de Língua Portuguesa, dez de 1994 p. 37-49.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: D. da HORA (org.) **Diversidade lingüística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997 p. 93-114.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sobre o deslocamento do controle da concordância verbal. **Revista de lingüística (PPGL/UFRJ)**.v.3, 2007 p.133 -159.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho. A variação lingüística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. **ABRALIN** (Curitiba), v. Esp, p. 121-146, 2011.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; Yacovenco, Lilian Coutinho; NARO, Anthony J. Nós e a gente no português brasileiro: concordâncias e discordâncias. In. **GALLAECIA III CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA HISTÓRICA**. Faculdade de Filologia. Caderno de resumos. Universidade de Santiago de Compostela, 27-30 jul, 2015, p. 230. Disponível em <http://ilg.usc.es/3cilh/wp-content/uploads/2014/06/3CILH_Resumos.pdf>. Acesso em 30 de agosto de 2015.

SEVERO, Cristine Gorski; FREITAG, Raquel, Meister Ko. Freitag. In: **simpósio (re)discutindo sexo/gênero na sociolingüística**, 2013, Santa Catarina. Disponível em http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/simposio/view?ID_SIMPOSIO=161. Acesso dia 17 de Novembro de 2015.

SILVA, Caio Cesar Castro da. A variação *nós e a gente* no português culto carioca. **Revista do GELNE**, Piauí, v. 12, n.1, 2010.

SILVA, Jorge Augusto Alves da. **A concordância verbal no português afrobrasileiro: um estudo sociolingüístico de três comunidades rurais do estado da Bahia**. Dissertação de Mestrado, UFBA- Salvador, 2003.

_____. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado da Bahia.** Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005

SILVA, José Pereira da. **O conceito de erro em sociolinguística.** Disponível em <<http://www.filologia.org.br/abf/rabf/9/110.pdf>>. Acesso em 28 novembro 2015.

SILVA, Lia Barile Carvalho da. Nós/a gente: variação ou mudança? **Dissertação** (Mestrado do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura) – Universidade da Amazônia, 2011.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**, 2 ed., Rio de Janeiro: INL, 1963.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **Caminhos da Linguística Histórica- ouvir o inaudível.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SOARES, Adriana de Santana. Amostras da língua na zona rural de Jeremoabo. In: ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. **Amostras da língua falada no semi-árido baiano.** Feira de Santana: UEFS, 2008. 4 CD-ROM.

TAMANINE, Andréa Maristela Bauer. **Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba – PR.** Tese de doutorado em Letras, Curitiba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/UFPR, 2010.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa socio-lingüística.** 3ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

VEADO, Rosa Maria Assis. **Comportamento linguístico do dialeto rural- MG.** Belo Horizonte: UFMG / PROED. 1982.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (Org.). **Ensino de gramática: descrição e uso.** São Paulo: Contexto, 2007.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Tipologia de regras linguísticas e estatuto das variedades/línguas: a concordância em português. **Linguística** (Madrid), v. 30, 2014, p. 81-112.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; PIRES, Juliana Cristina de Paula. A concordância verbal de 3ª pessoa do plural em redações de vestibular: avaliando a avaliação. **Matraga**, rio de janeiro, v.19, n.30, jan./jun. 2012.

VIANNA, J. B. S. **A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca.** Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2006.

_____. **Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português.** Tese de doutorado. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2011.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. "Empirical Foundations for Theory of Language Change". In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press: 95-188. **Fundamentos empíricos**

para uma teoria da mudança linguística. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ZILLES, A. M. S. ; MAYA, L. Z. ; SILVA, K. Q. **A concordância verbal com a primeira pessoa do plural na fala de Panambi e Porto Alegre, RS.** Porto Alegre, v. 14, n. 28 e 29, 2000 p. 195-219.